

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	4
A) TRABALHO DE CAMPO E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	4
B) REUNIÃO COM REPRESENTANTES DOS GRUPOS E DAS COMUNIDADES.....	9
I - O UNIVERSO SÓCIO-CULTURAL DAS LAVOURAS DE MANDIOCA E DAS CASAS DE FARINHA.....	12
1.1 - CASAS DE FARINHA: QUANTIFICAÇÃO E PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO.....	12
1.2 – PROCESSOS E MODOS DE PRODUÇÃO DA FARINHA E DO BEIJU.....	19
1.3 - A COMERCIALIZAÇÃO DOS DERIVADOS DA MANDIOCA E DA MADEIRA.....	35
1.4 - A FARINHA, O BEIJU E O CAFÉ NOS RITUAIS E NAS FESTAS.....	41
II - REIS-DE-BOI: PATRIMÔNIO CULTURAL APROPRIADO E RECRIADO PELAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DO SAPÊ DO NORTE.....	44
III - <i>BAILES DOS CONGOS</i> DE SÃO BENEDITO: PATRIMÔNIO CULTURAL AFRO-BRASILEIRO E DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DO SAPÊ DO NORTE.....	61
3.1 - <i>BAILES DE CONGOS</i> : DEFINIÇÃO E MEMÓRIA.....	63
3.2 - <i>BAILES DOS CONGOS</i> DE SÃO BENEDITO VIGENTES.....	68
3.3 - OS <i>BAILES DOS CONGOS</i> E SUA ESTRUTURA ORGANIZATIVA.....	80
3.4 - DISCURSOS E EMBAIXADAS NOS <i>BAILES DOS CONGOS</i> DE SÃO BENEDITO...	90
3.5 - INSTRUMENTOS DOS <i>BAILES DOS CONGOS</i> DE SÃO BENEDITO.....	97
3.6 - MEMÓRIAS E CANÇÕES DOS <i>BAILES DOS CONGOS</i> DE SÃO BENEDITO NA REGIÃO DE ITAÚNAS.....	98

ANEXOS

- 1 – Questionários
- 2 – Fichas de registros áudio-visuais
- 3 – Ata da reunião com as comunidades quilombolas do Sapê do Norte
- 4 – Termos de anuência
- 5 – Entrevistas transcritas (arquivo digital)

APRESENTAÇÃO

A) TRABALHO DE CAMPO E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Em 17 e 18 de maio de 2008 a equipe formada por meio de contrato celebrado entre o Instituto Elimu Professor Cleber Maciel e o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) para a realização do inventário preliminar das referências culturais das comunidades quilombolas do norte do Estado do Espírito Santo realizou uma oficina sobre tais referências com vários de seus representantes, na cidade de Conceição da Barra (ES). Nesta oficina os participantes, além de debaterem as referências que compõem o seu patrimônio cultural, decidiram que em uma reunião seguinte entre a Associação de Folclore de Conceição da Barra e a Comissão Quilombola, formalizariam uma indicação de quais seriam as referências culturais que gostariam que fossem aprofundadas na etapa seguinte do INRC (Inventário Nacional de Referências Culturais) sobre suas comunidades.

Cerca de 60 dias depois, a equipe de pesquisa do INRC preliminar entrou em contato com o presidente da Associação de Folclore de Conceição da Barra e o mesmo informou que, da parte da Associação, os integrantes haviam escolhido os *bailes dos congos* de São Benedito e os grupos de *reis-de-boi* existentes nas comunidades. A Comissão Quilombola não participou da reunião e, tempos depois, Domingas Dealdina dos Santos informou que a Comissão teria escolhido as casas de farinha e a produção da farinha e do beiju como patrimônio cultural das comunidades. O coordenador da então equipe do inventário preliminar sugeriu que essas organizações formalizassem suas escolhas enviando uma correspondência ao IPHAN, mas isto não ocorreu.

No final do ano de 2008, quando o novo edital foi lançado e o Instituto Elimu selecionado para dar continuidade ao trabalho do INRC - em função de o calendário festivo dos grupos ter se iniciado no ciclo natalino - deu-se início ao trabalho de campo inventariando as três referências acima citadas. No dia 31 de dezembro, depois de acompanhar parte do *ensaio geral* do *Baile dos Congos* de São Benedito de Conceição da Barra na noite do dia 30 para 31 de dezembro, a equipe acompanhou, filmou, fotografou e gravou todo o ritual que se estendeu até à noite do primeiro dia do ano. Neste mesmo dia

foi realizada uma entrevista coletiva com integrantes deste *baile*. No capítulo 3 deste relatório, descreveremos os *bailes dos congos* de São Benedito no município de Conceição da Barra.

Nos dias que se sucederam, até 11 de janeiro, a equipe entrevistou integrantes dos grupos de *reis-de-boi* e participou de suas apresentações, filmando e fotografando, e os resultados deste trabalho serão descritos no capítulo 2 deste relatório. A equipe ainda visitou casas de farinha, entrevistou seus proprietários e acompanhou o processo de produção de farinha e de beiju, como demonstraremos no capítulo 1. As comunidades visitadas e seus integrantes entrevistados foram escolhidos com base nos contatos estabelecidos na etapa do inventário preliminar. A maior parte dessas visitas e entrevistas foram combinadas com antecedência por meio da comunicação por telefones, guiando-nos pelas fichas de contatos que foram elaboradas no inventário preliminar. No entanto, cabe ressaltar que muitas comunidades e entrevistados (as) foram visitados duas vezes, pois a primeira visita era para combinar a entrevista e a segunda para realizá-la e/ou observar os processos de produção de farinha e beiju. Assim aconteceu com as visitas e entrevistas realizadas com os moradores de Linharinho na fabricação do beiju e na celebração do *reis-de-boi*; com Benedito Batista e sua esposa, Maria Cardoso, do Córrego do Macuco; com integrantes da família Laudêncios, do Rio Preto; com os moradores de Roda d'Água e com os de São Cristóvão. Na maioria dos casos, quando ligávamos ou realizávamos a primeira visita, recebíamos a informação de algum integrante da comunidade que estaria fazendo farinha ou beiju ou do dia que seria celebrado a festa do *reis-de-boi* – como ocorreu quando visitamos Linharinho, os Laudêncios e os moradores de Palmitinho. O mesmo procedimento ocorreu quando estabelecemos os contatos com os mestres e donos dos *bailes dos congos* de São Benedito que ensaiam e celebram na região de Itaúnas, no município de Conceição da Barra.

Ainda no mês de janeiro, do dia 15 ao 22, voltamos ao campo para a complementação dos trabalhos. No dia 15 estivemos na comunidade de São Cristóvão para um encontro na casa de farinha de uso comunitário, que havia sido agendado em uma reunião anterior ocorrida no dia 11 do mesmo mês. Neste encontro nos reunimos com cerca de 30 (trinta) integrantes da comunidade que fabricam farinha e beiju que falaram de suas

experiências na produção desses bens, assim como relataram suas lembranças acerca do grupo de *reis-de-boi* que ali já existiu e cantaram suas canções.

No decorrer do dia 16 de janeiro estivemos na comunidade de Angelim Porto dos Tocos para acompanhar as irmãs Claudentina e Alzerina na fabricação de beiju. Esta visita foi combinada com antecedência por telefone com um dos filhos de Claudentina, integrante da Comissão Quilombola. Na noite de 16 para 17 do mesmo mês acompanhamos o *ensaio geral do baile dos congos* de São Benedito do Bongado, sua descida de barcos com São Benedito pelo rio Itaúnas e seu cortejo pela vila com as imagens de São Benedito e São Sebastião, e também sua apresentação na festa de Itaúnas realizada nos dias 17 e 18 do mesmo mês. Na festa de Itaúnas, que acontece todos os anos sob a coordenação da Associação de Folclore de Conceição da Barra, vários dos grupos que estamos inventariando são convidados a participar de uma celebração festiva para São Benedito e São Sebastião que dura dois dias.

Na tarde do dia 17, aproveitando uma pausa na programação da festa, visitamos moradores de Roda d'Água, quando realizamos entrevista com Maria Selma e Rosa da Conceição que se dedicavam ao trabalho de fabricação de farinha. Esta visita foi antecedida por uma outra que havíamos feito a Antônio Jorge, no dia 5 de janeiro, quando fomos informados por Zenilda Mota, sua esposa, que José de Jesus e Selma estavam construindo uma nova casa de farinha na comunidade. No mesmo dia 5 de janeiro, observamos e registramos em fotografia que a casa de farinha de Antônio Jorge havia caído.

Nos dias da festa de Itaúnas entrevistamos integrantes dos *bailes dos congos de São Benedito* do Bongado e da comunidade Angelim Porto dos Tocos. Essas entrevistas e os registros das imagens do ritual foram previamente combinados com Anísio Ribeiro e Ângelo Camillo, respectivamente *donos* dos dois *bailes*. No processo de negociação das autorizações e anuências para a concessão de entrevistas e uso das imagens, o *dono do baile dos congos* de São Benedito de Itaúnas impôs condições para tal concessão que impossibilitou incluir o seu grupo nesta etapa do INRC.

Nos dias da festa acompanhamos um conflito estabelecido entre os integrantes dos *bailes dos congos* de São Benedito do Bongado e da comunidade Angelim Porto dos Tocos por causa de uma imagem de São Benedito, visto que os dois grupos se auto-afirmam como os guardiões da imagem do santo que fora expulsa da igreja de Itaúnas por um padre, há

mais de quarenta anos. Posteriormente, a mesma imagem foi doada a um devoto que já faleceu e uma de suas filhas entregou a imagem ao *dono* e ao *mestre do baile dos congos* de São Benedito de Angelim Porto dos Tocos, tendo o grupo se apresentado na festa de Itaúnas acompanhado pela imagem do santo. Esta atitude gerou revolta nos integrantes do *baile dos congos* do Bongado que, um dia após a festa, afirmavam que recorreriam à justiça para terem a guarda do santo, pois, na opinião deles, aquele é o santo padroeiro dos *congos* do Bongado desde o tempo do cativo.

Nos dias que se seguiram à festa de Itaúnas, visitamos, entrevistamos e acompanhamos pessoas que estavam executando o processos de fabricação de beiju em diferentes comunidades, indo do vale do Cricaré ao Córrego do Sertão.

Em todo o trabalho de campo, além de realizar entrevistas gravadas e filmadas e fotografar a produção e a apresentação dos bens culturais, realizamos anotações, buscamos respostas para as questões apresentadas pelas fichas e questionários do manual do INRC e rascunhamos desenhos e croquis dos lugares significativos para a produção cultural das comunidades e agrupamentos estudados.

A partir de entrevistas, conversas e reuniões realizadas desde a primeira etapa do INRC, mas sobretudo na reunião que realizamos em 14 de fevereiro de 2009, definimos o sítio como comunidades quilombolas do Sapê do Norte, nos municípios de São Mateus e Conceição da Barra. Assim, entendemos, também, que o sítio deveria considerar a relação dos quilombolas com as cidades sedes desses municípios, com as vilas e povoados, principalmente a partir das festas e relações comerciais que nelas ocorrem.

Adotamos como critério para a definição das localidades a autodefinição dos moradores, os limites espaciais estabelecidos pelas políticas governamentais e as certificações de comunidades quilombolas fornecidas pela FCP (Fundação Cultural Palmares), onde encontramos a atribuição de certidões de auto-reconhecimento para várias comunidades quilombolas desta região. Entretanto, nos limites estabelecidos pelas concepções de comunidade, verificamos que mais de um agrupamento e localidade estão inseridos. Na delimitação das localidades adotamos as concepções dos integrantes das comunidades quilombolas e os processos sócio-políticos de afirmação de seus direitos territoriais. Deste modo, moradores de mais de uma localidade podem se unir em um único processo pelo reconhecimento, delimitação e titulação de seu território, reivindicarem um

território comum e se afirmarem como integrantes de uma mesma comunidade quilombola. Esse é o processo observado nos territórios e comunidades quilombolas de Roda d'Água (onde estão incluídas as localidades de Roda d'Água, Porto Grande e Córrego do Alexandre) e de São Domingos (onde se incluem as localidades de Córrego de Santana, Coxi e Córrego São Domingos). Nesta perspectiva, uma mesma comunidade pode ser formada por mais de uma localidade. Segundo as perspectiva dos moradores, os lugares podem ser nomeados a partir de elementos geográficos de relevância simbólica para as comunidades, como cursos de água, lagoas ou depressões no relevo, delimitando e nomeando culturalmente a paisagem natural. Quando parte de nossa equipe escreveu o segundo relatório do inventário preliminar, chegou à seguinte conclusão a respeito do termo Sapê do Norte, que nomeia o sítio delimitado para este inventário:

“O termo *Sapê do Norte*, comumente empregado nas narrativas dos quilombolas para se referirem à grande extensão territorial onde viviam seus antepassados e onde se encontra a maior parte das comunidades ainda hoje, é concebido, também, como territorialidade de suas práticas, saberes e modos de vida secretos e sagrados. Observamos, ainda, que o termo *Sapê do Norte*, enquanto denominação da região que engloba a maior parte dos territórios das comunidades que estamos estudando, se refere a uma gramínea (sapê) bastante abundante nas terras cultivadas pelas famílias negras e que não é consumida pelo gado e nem pelos animais de carga. Conforme verificamos em nosso trabalho de campo, nem os tratores que arrasaram a vegetação nativa para implantarem a monocultura do eucalipto conseguiram extirpar o sapê, visto que continua - para empregar um termo localmente significativo - *renascendo* em meio aos eucaliptos (este símbolo do poder econômico mundializado que não conseguiu suplantar as diversidades étnicas e culturais locais). A persistência com que a gramínea sempre voltou a *renascer* após sua retirada para a realização dos roçados dos quilombolas e, posteriormente, entre a referida monoculturalização, têm levado as organizações políticas e culturais das comunidades quilombolas a ressemantizarem a *resistência* do sapê. Os quilombolas associaram a capacidade de se recompor do sapê aos seus movimentos políticos e culturais do passado e do presente para se manterem na terra, mesmo diante das pressões e aliciamentos dos grandes empreendimentos econômicos regionais (fazendeiros), nacionais e globais (monoculturas de cana-de-açúcar e eucalipto) que, desde o final da escravidão, tenta expropriar suas bases econômicas e saberes culturais, expulsando-os da terra e vigiando suas manifestações culturais. Enquanto atores sócio-culturais, os quilombolas resistem às tentativas de homogeneização sociais, culturais e econômica aos níveis locais, regionais e nacionais empreendidos por uma lógica cultural e econômica de proporções globais. *Resistir e renascer* do pó (da terra) é uma metáfora sugestiva para uma analogia entre o sapê e as comunidades dos quilombolas que se apropriaram desta força natural para

transformá-la em uma linguagem de resistência, que não dissocia o patrimônio cultural do político”.

O patrimônio cultural das comunidades quilombolas do Sapê do Norte, escolhidos como objeto deste inventário, é constituído pela produção de farinha e beiju e pelas celebrações dos *bailes dos congos* e dos *reis-de-boi*. A produção de farinha e de beiju pode ser observada em diversas comunidades quilombolas estudadas. Os *bailes dos congos* e os *reis-de-boi* são rituais que mobilizam e incluem pessoas de várias comunidades quilombolas, possibilitando-as interagir dentro de uma territorialidade cultural compartilhada.

B) REUNIÃO COM REPRESENTANTES DOS GRUPOS E DAS COMUNIDADES

No período do trabalho de campo, em função de os grupos estarem envolvidos em seu calendário festivo, não foi possível reunir seus representantes para apresentar o que havia sido feito no inventário preliminar e formalizar o que deveria ser feito na fase atual. Isso só foi possível no dia 14 de fevereiro de 2009, quando os 47 representantes ali reunidos decidiram que as três referências culturais que haviam sido indicadas informalmente deveriam ser inventariadas como Patrimônio Cultural das comunidades quilombolas do Sapê do Norte, como pode ser observado na ata da reunião com representantes das comunidades quilombolas do Sapê do Norte.

A reunião acima referida teve os seguintes objetivos: apresentar os resultados da primeira etapa do levantamento preliminar do INRC realizado no ano de 2008; explicar as políticas públicas de reconhecimento do patrimônio cultural; explicitar os caminhos que levaram à escolha das referências culturais a serem inventariadas na segunda etapa do trabalho; decidir acerca do título que nomeará a cartilha e o vídeo-documentário que serão produzidos nesta segunda etapa do inventário.

Ao apresentarmos os dados referentes às casas de farinha, levantados na primeira etapa do INRC, várias intervenções foram feitas pelos participantes da reunião. A partir dessas intervenções, podemos dizer que a casa de farinha é o lugar da criatividade e da produção de um patrimônio cultural material e imaterial, pois na relação com o trabalho de

produção da farinha e do beiju podem surgir *versos* e *marchas* que são cantados nos *reis-de-boi*, nos *jongos* e nos *bailes dos congos* de São Benedito.

A análise da reunião permite-nos constatar que a perda e a venda das terras desencadearam o êxodo rural que, por sua vez, provocaram alterações na recriação cultural quilombola no meio rural. Por isso, os presentes à reunião afirmaram a necessidade da regularização de seu território para que o patrimônio cultural quilombola possa ser transmitido às gerações futuras. Outros quilombolas, moradores nas cidades de São Mateus e Conceição da Barra presentes à reunião, complementam que não apenas a terra, enquanto base material, mantém o vínculo identitário com a cultura e com o passado, mas também a memória. Alguns dos que permaneceram nos territórios rurais entendem que a identificação dos que migraram para a cidade com a causa quilombola funciona como um reforço e um estímulo na auto-afirmação e na luta dos que permaneceram nos territórios. Os que migraram para o meio urbano, alguns dos quais se tornaram professores, podem, segundo as opiniões predominantes na reunião, estimular a memória e o conhecimento da história, bem como participar das atividades organizativas e de *preservação* da cultura, como ocorre com os grupos de *bailes dos congos* de São Benedito, de *jongos*, dos *reis-de-boi* e com outras organizações da cultura de matriz africana, afirmando, assim, o patrimônio cultural quilombola. Alguns desses professores retornaram para lecionar em escolas existentes nas comunidades, como se verifica em São Jorge, Linharinho e entre os Laudêncios na margem do Rio Preto. Ressaltam que esses professores têm grande importância no processo de afirmação da identidade quilombola.

Na reunião, diante da equipe de realização do inventário e da representante do IPHAN, os integrantes dos grupos culturais e das comunidades estavam interessados no que o referido público poderia fazer por seus grupos e comunidades. Um dos exemplos da reivindicação de uma política pública cultural para os grupos foi quando o representante do *baile dos congos* de São Benedito do Bongado, Anísio Ribeiro, lembrou que seu grupo necessita de infra-estrutura, como a restauração do galpão dos ensaios, para que a festa do santo seja realizada em condições mais adequadas.

Quanto à decisão tomada na reunião pelos representantes das comunidades e dos grupos acerca de quais referências culturais deveriam ser inventariadas nesta segunda etapa do INRC, eles reafirmaram e votaram em unanimidade a favor do inventário das casas de

farinha (e os processos produtivos nelas envolvidos, como a farinha e o beiju), dos *bailes dos congos* de São Benedito e dos grupos de *reis-de-boi*.

Nos debates que antecederam ou seguiram as escolhas, os representantes da Comissão Quilombola afirmaram que entendem que os grupos culturais devem ter um maior envolvimento na defesa da regularização dos territórios quilombolas, visto que a Comissão Quilombola reconhece a importância do registro dos *bailes de congos* de São Benedito e dos grupos dos *reis-de-boi* como patrimônio cultural das comunidades quilombolas.

Diversas opiniões foram apresentadas nesta reunião pelos quilombolas acerca da precariedade e do mau estado de conservação em que se encontram as edificações onde são produzidos os derivados da mandioca. Todas essas opiniões foram apresentadas em tom de reivindicação de políticas culturais que venham beneficiar a restauração desses espaços onde é produzida parte do patrimônio cultural dessas comunidades.

Depois de debater na reunião sobre o melhor título para a cartilha e o vídeo-documentário que serão produzidos nesta segunda etapa do inventário, os participantes decidiram e aprovaram, conforme se verifica na ata em anexo, que o resultado do inventário, ao ser editado em cartilha ou documentário, deve se chamar “Patrimônio Cultural das Comunidades Quilombolas do Sapê do Norte”. Entendem que Sapê do Norte é um termo amplo que se refere a uma vegetação nativa resistente que sempre existiu na região norte do Espírito Santo. Conforme se verifica em trechos de entrevistas apresentados no decorrer deste relatório, a resistência de tal vegetação nativa foi tomada como símbolo demarcador da identidade, do território e da territorialidade cultural das comunidades quilombolas do norte do Espírito Santo. Deste modo, o termo Sapê do Norte pode ser analisado como uma categoria política que, segundo a acepção dos próprios participantes da reunião, inclui comunidades quilombolas de toda a região norte do Estado do Espírito Santo, que se estende para além do sítio inventariado no momento, visto que nosso inventário se limitou aos municípios de São Mateus e Conceição da Barra.

I - O UNIVERSO SÓCIO-CULTURAL DAS LAVOURAS DE MANDIOCA E DAS CASAS DE FARINHA

*Glorioso Benedito
Seu devoto 'tá na linha
No tempo da Antiga Vila (Itaúnas Velha)
Seu comércio era farinha.*

*Glorioso Benedito
No tempo da coisa boa
Farinha de rio abaixo
Transportada por canoa.*

Os versos acima integram o *baile de congos* de São Benedito da comunidade Angelim Porto dos Tocos escritos em uma parte denominada Roda Grande. Eles foram escritos por Benedito Conceição Filho, em 2007, e nos foram fornecidos para copiar em 19 de janeiro de 2009.

1.1 - CASAS DE FARINHA: QUANTIFICAÇÃO E PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO

A casa de farinha é o lugar para onde a mandioca é conduzida em lombo de animais de carga ou em veículos automotores para ser transformada em farinha. A casa de farinha é um barracão de um único cômodo construído para atender a um ou mais agrupamento familiar. No passado, suas duas paredes que protegiam os fornos eram construídas exclusivamente de pau-a-pique. Essas paredes eram erguidas em forma de *tecido* com varas grossas de madeira amarradas com cipó, sendo, posteriormente, barreadas. Verificamos em nosso trabalho de campo que algumas das mais de cem casas de farinha mapeadas por nossa equipe são cobertas com palhas de *indaiá* (uma espécie de coqueiro da mata), enquanto outras estão cobertas com telhas de barro e outras com telhas de amianto. Com exceção de uma industrializada na localidade de Linharinho, as demais casas de farinha têm o piso de terra batida.

As casas de farinha necessitam de cuidados e de reparos para que se mantenham funcionando e esses cuidados são prestados pelos mais velhos que, por sua vez, estão

preocupados com o pouco interesse dos jovens em aprender atividades relacionadas a esse processo produtivo. A fabricação da farinha considerada de boa qualidade, principalmente na torrefação, é uma arte que exige aprendizado. Por isso, pais e avós alertam com frequência que os mais jovens estão pouco interessados em manter as casas de farinha em bom estado de conservação e os mesmos estão se preparando para viver não por meio de uma produção que lhes garanta a autonomia, mas como trabalhadores assalariados.

Deste modo, ao realizarmos o mapeamento quantitativo das casas de farinha, verificamos que em todo o sítio aqui delimitado como Sapê do Norte, que compreende 18 (dezoito) comunidades quilombolas selecionadas pela equipe deste INRC, que seguiu os contatos já estabelecidos na etapa do inventário preliminar, existem mais de cem dessas casas de farinha, como podemos verificar no quadro a seguir.

COMUNIDADES		QUANTIFICAÇÃO DAS CASAS DE FARINHA NO SÍTIO	DONOS DAS CASAS DE FARINHA
1.	Palmitinho 1: 07 (sete) casas de farinha.	1	Dona Maria de Luca
		2	Jorginho
		3	João Moisés
		4	Benedito de Olavo
		5	Maria de Bernardo
		6	Manele
		7	Wilson
	Palmitinho 2: 12 (doze) casas de farinha.	8	Sinete
		9	Bino Agostinho
		10	Manoel Assis
		11	Bino Castero
		12	Nilson
		13	Manoel de Souza
		14	Cosme Pereira
		15	Manoel Bento
		16	Pó
		17	Roberto Turíbio
		18	José de Vitor
		19	Braz
2. Divino Espírito Santo e Rio Preto: 08 (oito) casas de farinha.	20	Antônio Laudêncio	
	21	Zeca Laudêncio	
	22	Ailton e Aurélia	
	23	Pedrolino	
	24	Dona Bina	
	25	Domingos da Penha	

	26	Ofélia
	27	Domingos e Cyra
3. São Cristóvão e Serraria: 01 (uma) casa de farinha.	28	Ananísia Olinda da Conceição Nascimento
4. Beira Rio / Arural: 03 (três) casas de farinha.	29	Maria Justina
	30	Juarez Leite
	31	Maria Quinquim
5. São Jorge: 09 (nove) casas de farinha.	33	Stela e Arisvaldo (casa de farinha caída)
	34	Helvácio de Oliveira (precisando de reforma)
	35	Agenor Silves
	36	Zizo Valentim (está caindo)
	37	Denevaldo Pires da Silva
	38	Cosme Ayres de Faria (está caindo)
	39	Alzídio de Faria (Córrego do Sapato)
	40	Amauri da Conceição (Morro da Arara)
	41	Edilson Barbosa (Morro da Arara)
6. Nova Vista: 09 (nove) casas de farinha.	42	Pedro Hermínio (casa de farinha em construção)
	43	Família Dionísio (Irmãos de Pedro Hermínio)
	44	José Preto
	45	David
	46	Assidália Linhares
	47	Seu Deir
	48	Gilson Linhares
	49	José João Jorge (Mandu) e Mateus Jorge, sobrinhos de Zé de Ana (antigo mestre de Ticumbi).
	50	Luiz Avancini (descendente de imigrantes italianos – só faz farinha).
7. Chiado / Contenda: 02 (duas) casas de farinha.	51	Dona Zilá Bernardino Lourentino
	52	Jonatan
8. Dilô Barbosa: 03 (três) casas de farinha.	53	Antônio Barcelos
	54	Dona Caçula
	55	Ilda Majeski (descendente de Polonês)
9. Roda D'Água: 06 (seis) casas de farinha.	56	Mateus Maciel
	57	Jorge Maciel (filho de Mateus)
	58	Francisco das Chagas (genro de Mateus e irmão de Dona Rosa de Roda D'Água).
	59	Dedé e Selma
	60	Argeo
	61	Antônio Jorge dos Santos (ex-APAL-CB, casa de farinha caída)
	62	Benedito Bernardo Serafim
	63	Clóvis dos Santos (Floro)
	64	Manoel Pinheiro e Luzia Gonçalo Cardoso

10. Território de São Domingos: 35 (trinta e cinco) casas de farinha.	65	Mateus Cardoso (filho de Amadeu)
	66	Domingos Ayres de Faria / Luzete Pitanga (desativada).
	67	Ramiro Ayres (irmão de Domingos)
	68	Antônio Ayres
	69	Juarez Ayres dos Santos
	70	Marcolina Ayres da Vitória
	71	Renan de Oliveira e Nicantora Jerônimo de Oliveira.
	72	Anailton de Oliveira
	73	Laurência de Oliveira
	74	Eugênia e Yayá
	75	Manoel Mendino
	76	Caboquinho
	77	Ledriano Manoel Maria
	78	Cleilton Alacrino Maia
	79	Silvestre Jerônimo Alves
	80	Lucília Jerônimo (irmã de Silvestre – casa de farinha desativada)
	81	Etelvina Jerônimo (farinha e beiju)
	82	Iolanda Jerônimo (beiju)
	83	Maria Joana
	84	Dolores Mª da Conceição (viúva de Manoel Nascimento, filho de Lucília Jerônimo).
	85	Delma Graciano de Oliveira
	86	Zilda dos Santos (próximo a Silvestre)
	87	Benedita Caetano
	88	Jorge Brandino e Luzinete Serafim Brandino (desativou a casa de farinha artesanal e quer reconstruir uma industrial)
	89	Berto Florentino e Joana Cardoso Florentino.
	90	Manoel Florentino
	91	Máximo Florentino
	92	Adelina Brandino
	93	Laudeci Cardozo
	94	Adélia Vilanova Alexandrino
	95	Neusa Cardoso
	96	Domingos Barbosa Nascimento
11. Córrego do Macuco: 02 (duas) casas de farinha.	97	Benedito Batista
	98	Beu (filho de Seu Chuta)
12. Angelim Porto dos Tocos: 02 (duas) casas de farinha.	99	Claudentina e Alzerina
	100	Getúlio Guimarães e Dolores Batista Guimarães (irmã de Claudentina)
	101	Manoel Henrique
	102	Luzia dos Santos (desativada)

13. Angelim Dois: 07 (sete) casas de farinha.	103	Brandino dos Santos (desativada)
	104	Horaldos dos Santos (Queixada ou Angelin de Dentro)
	105	Manoel Josimo
	106	Natalino dos Santos (irmão de Horaldo)
	107	Zefirino Conceição
14. Angelim do Meio: 02 (duas) casas de farinha.	108	Dona Marlete Graciano
	109	D'Ajuda
15. Angelim Fontoura: 01 (uma) casa de farinha.	110	Dona Luzia Fontoura
16. Linharinho: 05 (cinco) casas de farinha.	111	Dona Domingas da Conceição Cassiano
	112	Elda Maria dos Santos (Miúda)
	113	Roberto Cosme (desativada)
	114	Dona Maria José (desativada)
	115	Mateus dos Santos (Mateus de Hernesto)
17. Córrego do Sertão: 05 (cinco) casas de farinha.	116	Dona Maria José
	117	Doralícia de Souza (cunhada de Benedito), Jorge (filho de Doralícia) e Penha (casada com Jorge)
	118	Benedito de Souza (Benedito da Hora)
	119	Manoel de Souza (Néo), sobrinho de Benedito.
	120	Sebastião Souza
18. Sertão de Itaúnas (Santa Isabel e Guilherminda): 05 (cinco) casas de farinha.	121	Francisco da Conceição (Chicão)
	122	Antônio de Bino
	123	João <i>Veio</i>
	124	Gonçalo
	125	Benedita de Guilherminda

Observamos que muitas mulheres no Sapê do Norte utilizam os *quitungos* (uma expressão que se refere às pequenas casas de farinha tradicionais) para a produção de farinha e beiju. Relatam que o mesmo espaço já foi, também, utilizado por elas, suas mães e avós para costurar as vestes das entidades sagradas das *mesas de santo*¹, para a confecção

¹ As mesas de santo, entre elas as de Santa Maria, Santa Bárbara e São Cosme e Damião, no passado, faziam parte de um culto religioso de matriz africana denominado *cabula*. Conforme ficou dito no relatório três do INRC preliminar, tratava-se de um culto religioso celebrado pelos africanos da etnia *banto* e seus descendentes nas matas da região norte do Estado do Espírito Santo que, inclusive, chegou a atrair seguidores de outras procedências étnicas e culturais. Da mesa de Santa Maria, em que os rituais de cura, desde o século XIX, se realizavam nas matas, só participava e participa quem é convidado. As Mesas de Santa Bárbara – ou, segundo alguns integrantes, de Iansã – estão presentes em 05 (cinco) localidades estudadas e nelas estão expostas várias pequenas rochas - símbolos sagrados por excelência - que são banhadas freqüentemente com azeite de dendê. Verificamos, também, a mesa de Cosme e Damião em 03 (três) localidades, onde a festa dos santos é celebrada todos os anos no mês de setembro. Observamos que um mesmo *terreiro* pode *trabalhar* com as três mesas: a de Santa Maria, a de Santa Bárbara e a de Cosme e Damião, tal como ouvimos de um presidente de *terreiro* na comunidade de São Domingos.

de *rendas de bilro*² e ainda para a fabricação de remédios, chás, banhos, óleos de baga e sabão de dendê e mamona (baga).

No universo cultural da farinha e do beiju se incluem os coqueiros, os indaiazeiros e as roças de amendoim que constituem matéria-prima fundamental na fabricação do beiju.

Esse coqueiro aí é da época muito antiga. Você vê ele aí, já tem século na certa! Tem cem anos... Esse grande, chama coco-da-Bahia. Antes, aqui, não tinha esse coco anão. Depois que chegou esse coco anão. Em todos lugares desse Sapê do Norte, tem esse coco da Bahia, porque é dele que rala pra fazer o beiju, pra botar na farinha de coco, pra botar na farinha de tapioca, na farinha de coco e na farinha moreninha. Todos têm que levar o coco e o amendoim também (Elda dos Santos (Miúda). Linharinho, 03/01/2009).

Muitas casas de farinha, conforme reclamam as mulheres e observamos em campo, estão em estado precário de conservação e precisam de uma reconstrução completa, como verificamos em várias delas em Linharinho, Roda D'Água, São Jorge e São Domingos. As mulheres afirmam que as casas tradicionais de fabricação de farinha e de beiju estão se *acabando* e que antes as mesmas eram *arrumadinhas*. Dona Miúda e Gessy, de Linharinho, afirmam que grande parte da *história* e da *cultura* das comunidades quilombolas se passa e se transmite através dos trabalhos nas casas de farinha, pois ali as pessoas crescem ouvindo relatos dos mais velhos e observando e aprendendo todo o processo de trabalho na fabricação da farinha e do beiju. Esse fato da participação das crianças no processo de transmissão do saber, observamos em Linharinho (Conceição da Barra) e entre os Laudêncios na margem do rio Preto (São Mateus), onde as crianças brincavam e ao mesmo tempo observavam, consumiam algum pedaço de beiju e ajudavam levando e trazendo algum objeto entre a casa de moradia e a casa de farinha.

A respeito do mau estado de conservação de muitas casas de farinha, nossos entrevistados apontam que entre os motivos pelos quais elas estão acabando se encontram, principalmente: a proibição da extração de madeira e a dificuldade de encontrar madeira para restaurá-las; o fato de os homens terem parado de cultivar a mandioca e deixado de fazer a manutenção das casas de farinha; os jovens terem abandonado o interesse em

² Renda produzida artesanalmente por mulheres usando bilro (grandes agulhas de madeira com coco de indaiá em uma das extremidades).

aprender os ensinamentos antes de os mais velhos morrerem, uma vez que estes são os transmissores desse saber.

Uma das reivindicações permanentes dos integrantes das comunidades aos poderes públicos é a restauração de suas casas de farinha tradicionais, onde ocorre a produção artesanal do beiju, visto que os fornos mecanizados para a torrefação da farinha não permitem a fabricação artesanal do beiju.

Nos últimos dez anos, os quilombolas desencadearam um movimento de revalorização e restauração de suas casas de farinha e das atividades artesanais sobre a produção do beiju como um patrimônio cultural de suas comunidades, realizando anualmente o Festival do Beiju, em que o último foi o sexto, ocorrido em 2007.

Frente aos incentivos e valorização das atividades relacionadas à produção de bens derivados da mandioca, sobretudo o beiju, surgiu, recentemente, um movimento de reconstrução das casas de farinha, como observamos em Angelim Porto dos Tocos, em Roda d'Água e em Nova Vista.

Este movimento de revalorização e de conscientização que, segundo os próprios quilombolas, ocorre associado às suas reuniões, os tem levado a fazer farinha e beiju porque, segundo dizem, eles têm que valorizar o que é deles e não podem deixar sua *tradição acabar* ou permitir com *que o rico tire a camisa da gente* no trabalho assalariado.

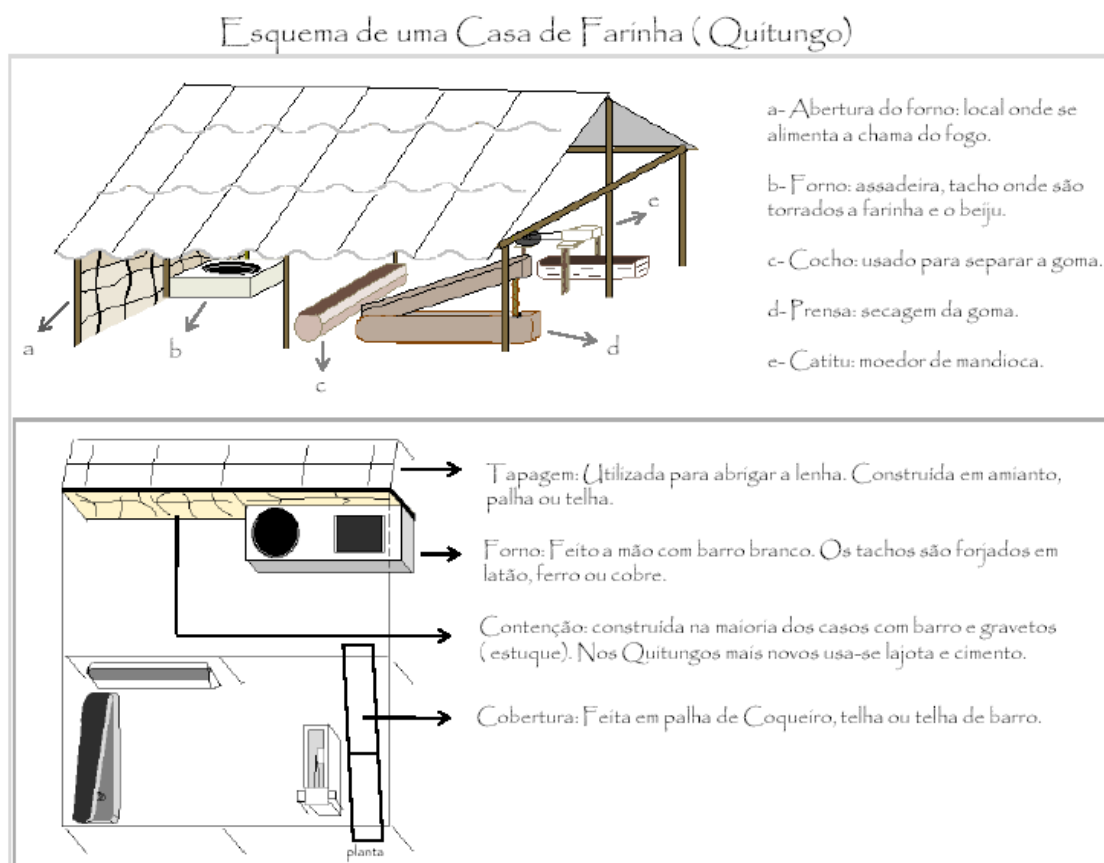
Então a gente não quer deixar cair. Porque emprego aparece aí, eu tenho umas quatro irmãs aí mesmo que tão empregada. Eu falei, bobagem de vocês, vocês com a terra na mão em vez de lavrar o que é seu, valorizar o que é da gente. Agora todo mundo quer trabalhar comigo só que aí nós tem que crescer, tem que comprar um forno bom, entendeu? Tem que fazer uma tapagem melhor porque de repente vem chuva vai molhar aí não dá certo (Maria Selma. Roda d'Água, 17/01/2009).

Argumentam que não devem deixar sua tradição desaparecer, porque assim seus pais e avós lhes ensinaram e eles têm o papel de transmiti-la aos seus filhos.

A minha mãe vivia disso e como meu avô ensinou meu pai... (...) ...porque meu avô aqui ele tinha quarenta alqueires de terra, no meu tempo de criança. Aí depois... (...) ...a gente não deve deixar a tradição cair (Maria Selma, Roda d'Água, 17/01/2009).

Existem quilombolas que empreendem uma produção autônoma e afirmam que seu costume é trabalhar na terra e não como empregado assalariado. *Toda vida eu gostei de gerar o emprego pela minha própria cabeça. Você viu lá no Rio Preto que nós trabalhava fazendo de vassoura. Agora vamos trabalhar com farinha e beiju* (Maria Selma. Roda d'Água, 17/01/2009).

Alguns entrevistados entendem que a casa de farinha deve ser construída com paredes de *pau-a-pique* (estruque), coberta de palha do coqueiro de *indaiá* e piso de terra batida, porque, segundo eles, *sempre foi assim*. Observamos que existe um tipo de casa de farinha equipada com um forno e tacho circular e um retangular mais ou menos predominante em todo o Sapê do Norte. Falam em *conservar* esse estilo de construção para que a geração das crianças possa conhecer.



1.2 – PROCESSOS E MODOS DE PRODUÇÃO DA FARINHA E DO BEIJU

1.2.1 - Narrativas e memórias sobre o trabalho das mulheres nas casas de farinha

Em todo o território quilombola do Sapê do Norte encontramos narrativas e memória transmitidas entre diversas gerações que relacionam a mão-de-obra escravizada dos africanos e seus descendentes, sobretudo de mulheres, à fabricação de farinha. A mão-de-obra escravizada jamais foi uma atividade voluntária, mas exercida sob o controle de forças alheias à vontade dos (as) trabalhadores (as) escravizados (as). Na memória e na imaginação social sobre o passado de nossos entrevistados, seus ancestrais só exerceram o trabalho escravizado porque foram subjugados pela força das armas que eles não tinham acesso. Os praticantes de castigos violentos contra seus ancestrais vêm sendo imaginados a partir de uma memória social herdada dos avós e tios de nossos entrevistados como seres destituídos da sensibilidade humana, pois no período da escravidão teriam praticado maldades que apenas seres denominados pelos entrevistados como *monstros* e seres não humanos poderiam cometer. Tais maldades consistiam, sobretudo, em tomar os bebês filhos das escravizadas dos braços de suas mães e lançá-los nas fomalhas sob os fornos das casas de farinha onde suas mães trabalhavam acorrentadas para não fugirem para os quilombos. As seqüelas traumáticas de tais maldades já perduram por mais de um século, pois os entrevistados relatam que as praticantes de tais maldades eram as sinhás, donas das escravizadas e que, após suas mortes, seus vultos continuaram reaparecendo nos sonhos e na vida real dos descendentes dos escravizados em todo o Sapê do Norte para assustá-los e para que os mesmos não esquecessem das capacidades dessas sinhás de praticarem a maldade. A esse respeito, relatou uma moradora de Roda d'Água, que sua avó sempre contava essas histórias aos netos e que essas punições violentas chegaram a ocorrer também em uma fazenda que empregava a mão-obra de escravizados e que existia a margem do córrego das Piabas em Roda d'Água. Neste córrego, segunda a mesma moradora, quando ela ainda era criança, neste local sua família lavava os utensílios domésticos, como talheres e panelas, pois era uma atividade ali realizada pelas escravizadas ainda no tempo do cativeiro. O rio é imaginado também como o depositário de tesouros perdidos, entre os quais a água que quase desapareceu por completo e outros tesouros como, segunda a entrevistada, *um garfo dourado em ouro* que se encontrava fincado no fundo do rio e que ela não conseguiu extrair com sua força e que teria desaparecido quando fora chamar seu

pai. Na noite após a visão do *garfo dourado*, a mesma moradora relata que tivera um sonho, onde *uma mulher branca* lhe aparecera dizendo ser uma ex-sinhá das escravizadas e que ela contou-lhe a história das crianças queimadas, pois era esta sinhá quem jogava as crianças filhas das escravizadas nas chamas das fornalhas das casas de farinha. A respeito das crianças queimadas e de suas mães escravizadas e acorrentadas, relatou uma outra entrevistada moradora de Roda d'Água, como segue.

Rosa da Conceição: *Ela era assim acorrentada, ela era escrava. Aí, quando as outras irmãzinhas trazia assim, os bebezinhos, pra dar de mamar, aí quando a dona tava, né? Pegava assim e jogava no forno. (...) Elas trabalhavam acorrentadas, pra não fugir e sair pra caminhar com os outros escravos. Aqui nesse lugar. Oh, aqui onde moro. (...) Aqui onde eu moro. (...) ...nos tempos dos escravos. Quando eu cheguei, quando... logo que não era eucalipto por aqui tinha muito, de ferro de casa, de prédio... era prédio que tinha aqui. E aí era assim, nesse lugar acontecia isso. (...) Queimavam, não podia falar nada, só via a lágrima descer. Minha avó falava muito, minha avó Maria da Penha, que eu conheci ela...minha avó falava muito... meu avô, minha vovozinha que eu não conheci ela, por parte do meu pai.*

Fernanda: Mas era a sua avó, o pai dela que chegou a pegar o tempo do cativo?

Rosa da Conceição: *O bisavô do meu pai Benedito, Benedito Eleodório. Esse aí pegou o tempo do cativo. Os pais deles, as mães, os bisavós dele já. Os bisavós dele alcançou. (...) Aqui era dos barões, das baronesas... Aqui era... a dona do barão que fazia isso. (...) A dona que mandava os escravos tudo, elas que pegava os filhos e jogavam dentro do forno. (...) ...só sei que era barão... baronesa. (...) Baronesa, a dona do barão.*

Fernanda: A senhora disse, qual era o nome do bisneto dela mesmo? A senhora tava falando que o bisneto dela ainda, da família...

Rosa da Conceição: *Amita. Pessoal de Amita. Amita, eles que eram dono, do pessoal dos baroneses, da terra... parente do meu pai.*

Fernanda: A senhora falou que o sobrenome era Silveiras?

Rosa da Conceição: *É. Amita Silveiras. O pessoal de antigamente. (...) Falava, meu avô: 'é minha filha, antigamente aqui era... doía de cortar o coração, porque via as coisas sem poder fazer nada'. Naquela época, no cativo. Carregava as pedras nas costas, pra fazer casa.*

Ana Teles: desde que a senhora era criança a senhora já sabia que... sobre esse tempo?

Rosa da Conceição: *Sabia sim, meu pai conversava, falava pra gente que era assim. Aí, por isso que aqui ficou, né? Ficou Roda d'Água, porque a casa de farinha antigamente era dentro do cativo, era tocada a roda d'água. (...) Tinha duas pilastras. Tinha uma pilastrona assim, ó. Meu pai até fez a casa de farinha em cima. Só que foi rancando... (...) Pedra mesmo. Era pedra. Pedrona mesmo, que*

faziam de peça. E os pobrezinhos carregava nas costas aquelas pedras. Nós alcançamos isso, mas acabou porque foi destruindo, trator, arame e foi botando roça, aí acabou. Meu pai mesmo rancou. Meu pai mesmo rancou um bocado lá de pedras pra poder fazer, aquele negócio de forno de casa de farinha lá, ele rancou. (...) Tirava as pedras, acho que pra fazer alicerce. As pedras que eles botava, que tinha lá antigamente. (Rosa da Conceição. Roda d'Água, 17/01/2009).

Os entrevistados lembram que as crianças (bebês), ao chorarem famintas, atrapalhavam a dedicação exclusiva das mães ao forno da produção de farinha. Em função disso, as sinhás jogavam crianças na fornalha, embaixo do forno, motivo que levava as mulheres cativas a trabalharem no forno com saias bem longas, sob as quais escondiam seus bebês.

Antigamente era o tempo do cativo, então aí as empregadas, as cativos que trabalhava, trabalhava acorrentada na casa de farinha. Aí ela chegava a dona mesmo pegava o bebezinho que chorava aí ela pegava e jogava dentro do forno, embaixo da fornalha. E a mãe não tinha direito a nada, né? Que era escrava, trabalhava. Aí só via a lágrima descer. Era triste, muito triste. Aqui, antigamente, meus avôs, bisavôs, eles contavam pra gente, aí a gente gravou isso mesmo. Meu avô falava, minha mãe também. Era muito triste. (...) Torrava a farinha acorrentada, não tinha direito de sair não. (...) ...homens no mato trabalhando e as mulheres torrando farinha (Rosa da Conceição. Roda d'Água, 17/01/2009).

O nome Roda d'Água, segundo os moradores da localidade, vem do fato de que ali, *no tempo do cativo*, existia uma grande casa de farinha onde parte da produção era movida por uma roda que era tocada a água. *De primeiro a casa de farinha era tocada a roda d'água*. Esta localidade, segundo uma moradora, era terra dos barões da família Silves, que eram os senhores de escravos dali. Os barões empregavam a mão de obra escravizada para produzirem em suas grandes casas de farinha todas construídas em alicerces de pedra.

Nós encontremos os alicerces de pedra, aquelas pedreiras, aquelas casas de farinha tudo de pedra, aquelas pedronas. (...) A casa de farinha era muito grande, né? Aí quando nós viemos praqui, meu pai trouxe nós pra cá, nós morava lá embaixo, nós mudamos praqui, aí nós só pegou o alicerce. Aí Amita falou: aqui que era a casa de farinha. Aqui que era a casa de farinha dos escravos. Aí, o pouco que tinha, tinha acabado. Fizeram ainda a barragem ainda da represa ali, entendeu? Botaram tudo isso pra dentro pra fazer a barragem, pra água não passar pra baixo, né? Ainda tinha pedra. (...) Hoje tem mais não, porque tampou tudo. Fez a estrada. A Aracruz

quebrou tudo também. Aí ficou tudo embaixo d'água... metade nós carreguemos pra fazer a represa (Rosa da Conceição. Roda d'Água, 17/01/2009).

Os integrantes das comunidades quilombolas que têm passado por um processo de conscientização acerca dos seus direitos recorrem às lembranças e à produção literária e historiográfica sobre a região para afirmar que a produção da farinha e do beiju é uma atividade dos quilombos que ali existiram desde o século XIX, como foi o caso do quilombo do Negro Rogério. Assim, segundo afirma uma entrevistada, as comunidades quilombolas teriam herdado não só o modo de produzir a farinha e o beiju, mas também a habilidade para a comercialização dos derivados da mandioca.

Nas comunidades quilombolas era assim, desde o tempo dos nossos antepassados. Falavam muito dos escravos, né? Algumas histórias, contavam da farinha de mandioca do tempo do Negro Rogério, que tinha vários outros companheiros, irmãos, cunhado... Daqui mesmo tinha a Constância, tinha também a família Cosme, minha família, a família da Aurora que era filha do Joaquim que já de família, e trabalhava com farinha, família dos Galdinos, família dos Santos e eles eram como se fosse as negradas toda da região. Por isso que eles falam Sapê do Norte. Aqui mesmo onde está essa casa de farinha chama-se Engenho. Aí inventa... Todo mundo falava que não tinha essa localidade, que não tinha o nome de Linharinho. Antes era só conhecido como Sapê do Norte. E aqui a mamãe sempre falava, eu sabia que chamava assim de Linharinho. Todo mundo chamava de Engenho. Daqui até lá onde vovó morava, onde meu tio tinha outra casa de farinha dessa aqui, que acabou também, chamava Engenho. Aí esse nosso povo, desde o tempo do quilombo de Negro Rogério, tinha grande história de torrar farinha nesse Engenho. Tinha várias casas de farinha. Rita Cunha fez um acordo com Negro Rogério pra produzir mais farinha porque entregava muita farinha para o Rio de Janeiro e Bahia. Porque os negros tinha, era liberto aqui nessa região, não vinha mais capitão-do-mato pra prendê, mas tinha a necessidade de fazer muita, muita farinha, e os negros tinha que fazer muita farinha pra podê sair essa farinha pro Porto de São Mateus. (...) Só que essa matriz é do tempo dos escravos, trabalho desde a infância. E essa foi dada como prioridade da produção da farinha, fazendo farinha em todo lugar aqui continuou fazendo e nós continuemos também. Vendia farinha pra fora... (Miúda. Linharinho, 03/01/2009).

Os integrantes das comunidades quilombolas do Sapê do Norte afirmam que ali, no passado, se vivia para fazer farinha e que a arte da finalização deste produto no forno era uma habilidade das denominadas *forneiras* que se aprendia e se transmitia de mulheres para mulheres.

A forneira é aquela que torra. Forneira porque torrava dez carga de mandioca num dia. Era dois forno como eu falei pra vocês: uma pegava de manhã até meio-dia, a outra descascava, de meio-dia pra tarde. Ou quatro hora da manhã, chegava outra já vinha pegava pra ajudá aquela pegava no forno dava três fornada. Forneira era aquela que batia de semana a semana torrando farinha. O que fazia era torrar a farinha, torrar a farinha e fazer o beiju (Miúda. Linharinho, 03/01/2009).

Diversas mulheres que entrevistamos observam que há uma continuidade nas atividades da produção da farinha e do beiju entre suas antepassadas escravizadas, as *forneiras* e a delas na atualidade. Mulheres mais velhas, como Claudentina e Alzerina de Angelim Porto dos Tocos, Domingas Cassiano de Linharinho, Ananísia Nascimento de São Cristóvão, Maria Valentina de São Jorge, Dona Luzia dos Santos de Angelim Dois e Rosalina Policência da Canceição de Córrego de Santana, afirmam que muitas delas, no tempo que tinham forças para trabalhar, em suas atividades de *forneiras*, começavam a torrar farinha por volta de quatro horas da manhã.

1.2.2 - Processos e modos de produção da farinha: ajuntamentos e trabalho familiar

Eles, nossos avós, inventaram o juntamento.
(Marta Selma. Roda d'Água, 17/01/2009).

Segundo vários moradores das localidades estudadas, o plantio da mandioca era realizado por meio do ajuntamento. O ajuntamento consiste em um mutirão de parentes e vizinhos que se juntam para ajudar uns aos outros a prepararem a terra para o plantio das roças de mandioca. Depois de os homens roçarem e queimarem as capoeiras, as mulheres se juntavam a eles para o plantio da mandioca. Enquanto homens e mulheres estavam trabalhando nos roçados, outras mulheres formavam uma equipe na cozinha preparando os alimentos para o ajuntamento.

Era muita gente. A gente não chamava mutirão, chamava ajuntamento. Até hoje a gente faz ajuntamento. E a gente faz o processo todo assim. Sei dizer que a comunidade aqui sempre viveu assim. Todo mundo junto, todo mundo unido, todo mundo junto. A gente fala assim que agora... Mas é no trabalho, na doença, na morte... porque quando morre um, é a gente fica ali uma semana dentro daquela casa, todo mundo junto ali, comendo e bebendo todo mundo junto, até o pessoal daquela casa acostumar ficar lá, mais irmão... Aí já vem desde, como se fala de, já vem de hereditário, de avô, de pai, de mãe, todo mundo assim. Primo todo mundo

junto, como irmãos, era tudo assim. (...) Coisas de um era de outro, não tinha diferença, não. Chega, trabalha na casa de um, outro chega trabalha, outro chega ajuda, depois tudo é dividido entre as famílias. A gente, todo mundo come, é aquela coisa, num tem esse negócio, não (Miúda. Linharinho, 03/01/2009).

Nossos entrevistados em todo o Sapê do Norte afirmam que o mutirão era a regra geral para o cultivo da mandioca e a produção da farinha. Dizem que assim aprenderam com seus pais que, por sua vez, haviam aprendido com seus avós, mas que os jovens da atualidade adotaram a cultura da individualidade e abandonaram a cultura dos ajuntamentos.

E de primeiro a gente trabalhava em mutirão. De primeiro tratava era ajuntamento. (...) Meu pai aqui, de primeiro, com nós aí: oh, minha filha, vou tratar essa roça aqui. Aí a gente arava um pedaço de terra. Aí juntava todo mundo. Aí vinha, matava um porco, matava, assim, um bicho grande, um porco, senão comprava, matava quatro quilos de galinha. Aí fazia aquele juntamento e dava o almoço a todo mundo. Aí chamava nós: Oh, amanhã, Rosinha, Zilda, Tereza, Maria Rosa, vem tudo amanhã pra cá pra casa. As filhas deles. Aí nós ia. Aí chegava lá ajudava mamãe fazer almoço. Aí de manhã até meio-dia nós fazia o almoço. Aí de meio-dia pra tarde a gente ia pra roça plantar. Aí os homens iam cavando e a gente ia plantando. Aí plantava tudo, um pedaço assim, plantava tudo num dia. Mas quando a pessoa tá sozinho custa, né? Aí ele fazia aquele juntamento, aí plantava, aí quando tava bom de limpar, tava grande assim, tornava a fazer juntamento pra limpar. Aí limpava tudo, ficava tudo limpinho. (...) Aí era assim, todo mundo fazia assim. Um de lá vinha ajudar, outro já ia pra lá com outra pessoa. Agora que acabou. Eu falo pros meus filhos tudo aí: Ah, meus filhos, antigamente os homens não trabalhava pra si sozinho, não. Era ajudando, um ajudava o outro. Quando um tava fazendo todo mundo ia lá. Ajudar a fazer assim em mutirão. Todo mundo ia lá trabalhar. Meu pai ensinou mais assim, né? (...) Nós ia pra roça. Ajudava mãe depois fazer almoço e depois todo mundo ia pra roça ajudar plantar. Aí plantava mandioca, plantava aipim, mandiba, plantava feijão, plantava arroz no brejo. Gostava muito de plantar (Rosa da Conceição. Roda d'Água, 17/01/2009).

A casa de farinha, conforme afirmam nossos entrevistados e demonstraram os moradores de Linharinho e de São Cristóvão, sempre foi um espaço de uso comum para os integrantes de uma mesma comunidade quilombola. Por isso, a casa de farinha é um espaço de socialização de saberes e deveres, pois todo aquele que usa este espaço deve colaborar com a sua manutenção.

Mais a casa de farinha aqui é assim: num é só uma família na comunidade que utiliza, não. Tanto a de lá quanto a daqui, todas elas, todo mundo utiliza. A

comunidade todinha utiliza. Quando tinha aquela casa de farinha maior, assim o povo ia fazer mandioca. Assim é que plantava muita mandioca, é o jeito. Plantava muita mandioca e na casa de farinha tinha aquele rodão também. O irmão da minha mãe, nesse tempo, pra lidar com goma era dois forno pra torrar, e a gente ia junto, era dois forno aqui. Torrar farinha e fazer beiju ia todo mundo junto. Aquilo era mais de uma tacha que tinha lá, porém tinha a máquina, a roda que puxava, depois ele comprou, ele comprou um motor, mas a prensa era tão imprensada assim que tava acabada (mostrando o estado de deterioração da casa de farinha onde está acontecendo a entrevista), toda assim, aquela prensa assim, mas nós utilizamos ainda pra fazer beiju (Miúda. Linharinho, 03/01/2009).

Quanto ao modo de plantar a mandioca, que é a segunda atividade no processo de produção da farinha, visto que a primeira é preparar a terra para o plantio, explicou-nos uma outra moradora de Roda d'Água.

Você faz a cova e planta dois toletes em cada cova. Assim, de uma distância assim, de um metro a um metro e meio, porque ela muito junta ela não dá. Aí tem que plantar ela mais separada. Uma distância que vocês estão aí, faz a cova dela e planta dois toletes. Aí só vai limpar, ela vai nascer, ela nasce e cresce (Maria Selma. Roda d'Água, 17/01/2009).

Nossos entrevistados afirmam que plantam vários tipos de mandioca, entre os vários citam: mandioca doce, mandioca ruim (ou brava), aipim amarelo, aipim manteiga. Depois de um ano que a lavoura de mandioca foi plantada e cultivada, os produtores da farinha e do beiju dizem que ela está pronta para ser levada para as casas de farinha. Entendem que antes da chegada da monocultura de eucaliptos, quando havia muitas matas no norte e as chuvas eram mais freqüentes, com seis meses a mandioca estava boa para produzir a farinha ou para o consumo.

O eucalipto chupa muita água. Você planta pé de planta aí, se você não conseguir molhar, não sai, não. Só naquele brejo lá que você consegue tirar alguma coisinha (Maria Selma. Roda d'Água, 17/01/2009).



Vermindo dos Santos e Aparecida Marciano cultivando sua roça de mandioca. Foto: Osvaldo Martins de Oliveira, 02 de janeiro de 2009.



Benedito Batista e Maria Cardoso retirando mandioca de sua lavoura e transportando em um jumentinho. Foto: equipe de pesquisa do INRC, 07/01/2009.

O processo de produção artesanal da farinha, conforme observamos em campo, sempre envolve dois dias de trabalho. No primeiro dia, homens e mulheres vão à roça, arrancam a mandioca e transportam-na para a casa de farinha em lombo de animais de carga (burro, mula, jumento, cavalo ou égua). No mesmo dia, cabe às mulheres, diversas vezes com a ajuda de crianças, rasparem, lavarem, *cevarem* e prensarem a massa. No segundo dia, elas tiram a massa seca da prensa, peneiram ou cortam-na no *caititu*³, torram e embalam a farinha.

No passado, quando a roda que movimentava o *caititu* era movida à força humana, as mulheres, sobretudo as mães, eram aquelas que *cevavam*, pois tinham, segundo dizem, as mãos leves. Os homens tocavam a roda, buscavam lenha no mato e as mulheres *cevavam* a mandioca e torravam a farinha.

Dizia assim: hoje fulano vai ralar mandioca... Aí todo mundo ia. Vamos ralar quantas caixas? Vamos botar quatro caixas hoje. Aí um botava aquelas quatro caixas, ia lá juntava todo mundo, ajudava. Aí relava. Aí no outro dia, na quarta-feira, já ia trabalhar em outra casa farinha, de outra pessoa, de outra família. Um ia ajudando o outro. Enquanto um já estava torrando, o outro estava relando. (...) Aí, um já tava torrando, o outro já tava cevando... Era assim, cada família, uma ajudando a outra. (...) Porque a mandioca, a farinha aqui, ela leva dois dias pra ficar pronta. Vamos supor, hoje a gente rela e imprensa, amanhã já está torrando,

³ O *caititu*, também conhecido como *currupio*, *bolinete* ou *rodete* é uma peça cilíndrica com cerca de trinta centímetros equipada com várias pequenas serras de aço afiadas. Ao ser movido em alta velocidade, por um motor a combustível ou a energia elétrica, as pequenas serras presas ao *caititu* ralam a mandioca que vira a massa que dá origem à farinha e ao beiju.

né? Ai se a pessoa quiser botar amanhã, já ranca amanhã e já bota pra cevar. No outro dia pode torrar (Rosa da Conceição. Roda d'Água, 17/01/2009).

Nas casas de farinha reúnem mulheres, homens e crianças para o trabalho da limpeza dos tubérculos, que eles denominam *raspar a mandioca*. Depois da raspagem os tubérculos são lavados e *cevados* (ralados). A peça que rala a mandioca é denominada de *caititu*, sendo a mesma movida por um motor a combustível ou a luz elétrica em alta velocidade.



Famílias de Benedito Batista, Córrego do Macuco, no trabalho de raspagem da mandioca. Foto: Luiz Henrique Rodrigues⁴, 07/01/2009.



Trabalho de raspagem da mandioca entre os Laudêncios. Rio Preto, Divino Espírito Santo, em 08/01/2009. Foto: Osvaldo M. de Oliveira.

Depois de *cevada*, a mandioca vira *massa*. Ao ser ralada ou *cevada*, a massa da mandioca cai dentro de um grande cocho de madeira ou de alvenaria que fica sob o *caititu*. Dali a massa é retirada para ser prensada. Neste processo da fabricação da farinha, a massa já solta um pouco de *goma* (o ingrediente que dá liga à farinha e ao beiju). Entretanto, para a fabricação da farinha, não se deve lavar a massa para a extração da *goma*, pois se assim for, dizem que *a farinha fica muito lavada*. Depois que a massa vai para a prensa, onde fica de um dia para outro, a mesma é levada seca para ser peneirada ou vai para o *caititu* onde é novamente ralada para, em seguida, ser conduzida à torrefação no forno.

⁴ Luiz Henrique Rodrigues é aluno do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo e acompanhou o trabalho de campo como voluntário.

	
Mandioca sendo <i>cevada</i> no caititu movido a motor. Roda d'Água, 17/01/2009. Foto: Osvaldo M. Oliveira.	Massa da mandioca <i>cevada</i> . Roda d'Água, 17/01/2009. Foto: Osvaldo M. Oliveira.

Depois que acendem o fogo sob o forno e o mesmo está quente, antes de dar início ao trabalho de torrefação da farinha, as trabalhadoras esterilizam a chapa de aço do forno colocando água sobre a mesma e deixando-a ferver. Depois disso, dá-se início à torrefação, que envolve sempre o saber transmitido e adquirido pelas pessoas mais experientes.

1.2.3 – Processo e modo de produção do beiju

Embora existam homens que detêm um saber sobre o processo e o modo de produzir o beiju, esta é uma atividade que, historicamente, no Sapê do Norte, tem sido comandada sob os saberes acumulados por mulheres. Muitas mulheres de idade avançada, como Dona Domingas Cassiano de Linharinho, Dona Ananísia Nascimento em São Cristóvão e Dona Rosalina Policênia, mesmo não mais tendo força para enfrentar o trabalho nas casas de farinha freqüentam o espaço para orientar as mulheres mais jovens sobre o modo de fazer o beiju. *Ela (Dona Domingas) chega aí e quer fazer ainda e vai dizendo: espera aí que vocês tão fazendo direito, não. Isso é assim...* (Gessy Cassiano. Linharinho, 03/01/2009).

No preparo do beiju são levados para a casa de farinha instrumentos e utensílios domésticos como pratos, bacias, pequenas peneiras, colheres, pano branco, facas e facões que são empregados na produção deste bem cultural. Conforme observamos, facas e facões, além de serem empregados para cortar o beiju de fite, são também usados para manusear o

beiju quente no forno. Em vários casos observados, esse manuseamento é feito com uma pequena *pá* de madeira.

O processo de fabricação do beiju acompanha o da farinha, sendo, às vezes, conjugado, porque na prensa da massa da mandioca *cevada* também deriva a *goma* que se torna a matéria prima principal para o beiju. Entretanto, a extração artesanal da *goma* da massa da mandioca para a fabricação do beiju é um processo que envolve a *coagem* e a *lavagem* da massa, como veremos a seguir. No caso das famílias que fabricam apenas o beiju, a massa é *lavada* até que se extraia toda a *goma*, deixando apenas o que denominam *o bagaço* que se torna ração para os porcos. Este processo de produção do beiju envolve três dias de trabalho. No primeiro dia a mandioca é extraída da lavoura, raspada, lavada, *cevada* (ralada) e a massa passa por uma primeira *lavagem e coagem* através de um pano branco, ficando a água que passa pelo pano depositada dentro de um grande cocho feito de madeira ou de alvenaria. No segundo dia a massa é *lavada e coada* novamente através de um pano branco, ficando por mais um dia no cocho para que a *goma* se *assente* no fundo do mesmo. No terceiro dia, quando a *goma* já está *assentada* no fundo do cocho, a água é retirada. A técnica de *secagem da goma* consiste em colocar sobre a mesma panos brancos e sobre estes se coloca farinha ou cinzas que sugam todo o líquido e umidade da *goma*. Depois de toda a água e umidade serem retiradas, a *goma* se transforma em uma massa dura e seca, tendo que ser submetida aos crivos de peneiras bem finas, transformando-se em *farinha de goma*, para se adequar ao fabrico do beiju. Em seguida, a *goma* é temperada com sal, ficando pronta para ser levada ao forno e receber os recheios de coco ralado manualmente ou amendoim socado ao pilão de madeira.



Elias dos Santos, família Laudêncio, tirando a *goma* da massa. Foto: Osvaldo M. Oliveira, 07/01/2009.

Goma sendo *assentada* no cocho de madeira. Foto: Osvaldo, 07/01/2009.

O coco, o amendoim e o açúcar são ingredientes que constituem os recheios dos beijus. O coco, após ser ralado, recebe o açúcar, tornando-se, assim, o recheio para a *goma* (a principal massa na composição do beiju). Para cada 05 (cinco) litros de *goma* e massa para a fabricação do beiju de massa e pamonha⁵ (beiju molhado) é preciso extrair leite de cerca de 10 (dez) cocos. Por isso, os coqueirais ou as plantações de cocos, como se verifica em todo o Sapê do Norte, fazem parte do processo cultural da produção do beiju. Cabe destacar que o fruto (coco) da palmeira de *indaiá* já ocupou quase que exclusivamente o lugar que o coco-da-bahia ocupa no presente, pois dele se fazia a *farinha de indaiá* para o recheio do beiju, do *bolo de puba* e para o consumo com café. Observamos grande vegetação de *indaiá* nas localidades de Córrego do Sertão e Chiado e antigas plantações de coqueiros em Roda d'Água, Linharinho e em Angelim Porto dos Tocos.

O amendoim, que integrantes de nossa equipe observaram sendo cultivado e colhido por Renan Oliveira em São Domingos e usado na produção do beiju pela família Dionísio em Nova Vista, é considerado pelos produtores o recheio mais nobre nos beijus secos e molhados (ou pamonha). Entretanto, a produção do amendoim tem se tornado cada vez mais escassa em todo o território quilombola do Sapê do Norte, transformando-o em um recheio menos freqüente, sobretudo para o consumo doméstico.

⁵ Em outras regiões do país pamonha é um alimento feito de milho verde, podendo ser doce ou salgado.

O açúcar é outro ingrediente empregado, pois os recheios da maior parte dos tipos de beiju são adocicados com açúcar. No passado, verificamos que o beiju era adocicado com o açúcar preto produzido pelos próprios quilombolas a partir da cana-de-açúcar.

Dentre os tipos de beiju produzidos estão o de roda, o de cartucho, o de fate, o de massa e o beiju mole (ou pamonha). Os três primeiros tipos de beiju seguem o mesmo modo de fazer, variando apenas entre dois ingredientes como recheio: coco ou amendoim. No modo de fazer esses três tipos de beiju, uma fina camada de *goma* é espalhada sobre o forno quente e depois de poucos minutos sobre ela se coloca o recheio de coco ou de amendoim adocicado com açúcar. A fabricação do beiju, na opinião das mulheres, se aprende fazendo e, para tanto, o beiju deve ser preparado com o forno quente, porque, se não for assim, a *goma* não dá liga. A confecção estética final do beiju, varia no formato da peça, como segue:



1) Dona Tereza dos Santos, da família dos Laudêncios à margem do Rio Preto, cuidando do *beiju de fate* recheado de amendoim. O tipo de beiju que é cortado em pequenas fatias, por isso é denominado *beiju de fate*. Foto: Osvaldo Martins de Oliveira, 08/01/2009.



2) O tipo de beiju que recebe um formato meio cilíndrico com cerca de vinte centímetros de comprimento é denominado como *beiju de cartucho*. Antônio Carlos embalando o beiju de cartucho. Foto: Osvaldo Martins de Oliveira, janeiro de 2009.



3) Mulheres de Linharinho (Nazaré à esquerda e Miúda à direita) preparando o *beiju de roda*. Este beiju é desenhado artisticamente de forma arredondada, por isso recebe o nome de *beiju de roda*. Foto: Osvaldo Martins de Oliveira, 03/01/2009.

No preparo do *beiju mole* ou *pamonha*, que em nossa organização descritiva seria o quarto tipo, a folha da bananeira, depois de extraída e conduzida à casa de farinha, é esterilizada no calor do forno onde ocorre a produção final do beiju. Em seguida, sobre a folha de bananeira é colocada a capa externa preparada da *farinha de goma* ou *de tapioca* já temperada e previamente assada no forno para receber os recheios de coco ou amendoim temperados com açúcar e leite de coco produzido artesanalmente. Depois de ser envolvido

pela folha da bananeira e untado com o leite de coco, este beiju é levado novamente ao forno para assar até atingir o ponto de cozimento considerado ideal para o consumo.



Beiju mole (pamonha) sendo assado. Linharinho. Foto: Osvaldo M. Oliveira, 03/01/2009.



Beiju mole (pamonha) assado. Pronto para ser consumido. Linharinho. Foto: Osvaldo, 03/01/2009.

Para a fabricação do *beiju de massa*, também conhecido como *maná pança*, se tira a massa da mandioca depois de prensada, peneira-a e a ela se mistura um pouco da *goma*. A massa é temperada com sal e recheada com coco. Depois de pronto, o *beiju de massa* recebe o nome de *maná pança* devido ao fato de ser *untado* ou *banhado* com leite de coco e, segundo eles, ficar *um alimento muito saboroso*. Em seguida, ele é deixado um pouco mais no forno. Um visitante ou parente que apareça na casa de farinha no momento da fabricação do beiju, deve inevitavelmente provar o saboroso prato ainda *quentinho*.



Alzerina ralando o coco e Claudentina preparando o *beiju de massa* – *maná pança* – com leite de coco. Foto: Osvaldo Martins de Oliveira, 15/01/2009.



Alzerina banhando o beiju de massa com leite de coco. Foto: Osvaldo Martins de Oliveira, 15/01/2009.

As mulheres de Linharinho afirmam que rechear o beiju com leite condensado, queijo, presunto, carne-seca, banana e goiabada, como alguns produtores da região de Itaúnas têm feito, não faz parte da cultura tradicional dos quilombolas, mas, sim, de uma invenção recente.

Não faz parte da cultura que a gente foi criado, não. Eles tão inventando isso aí agora. O que nós fomos criados foi isso aí, simples. Esse negócio de botar leite condensado, botar queijo, presunto, essas coisa ... (...) Eles tão inventando isso agora, antigamente num usava isso não. (...) Com café feito natural (Gessy Cassiano. Linharinho, 03/01/2009)

A *farinha de tapioca*, segundo nossos entrevistados, é a *goma* torrada sem o adicionamento de açúcar e coco. A *tapioca* torrada é usada para fazer um mingau que pode ser consumido em diferentes momentos do dia. Além de matéria para a fabricação do beiju, a *goma*, depois de secada ao sol é transformada em *polvilho* (uma espécie de farinha), da qual se produz biscoitos a serem consumidos no café da manhã ou nos lanches de outros horários do dia.

1.3 - A COMERCIALIZAÇÃO DOS DERIVADOS DA MANDIOCA E DA MADEIRA

Os quilombolas afirmam que no passado a produção dos derivados da mandioca, o azeite de dendê e a lenha que comercializavam nas cidades de São Mateus e de Conceição da Barra eram transportadas até o mercado consumidor urbano em lombos de animais de carga (cavalos, éguas, burros, mulas e jumentos) e em canoas através dos rios Cricaré, Itaúnas, Angelim e São Domingos.

Botava em cavalo, burro, jegue. Aí levava pra rua. Aí minha mãe fazia beiju, aquela sacolada de beiju, ensacolava tudinho. (...) Eu aprendi com ela e ela aprendeu com a mãe dela. (...) É... minha avó tinha casa de farinha também. Finada vovó do meu pai e finada avó da minha mãe. Cada um deles tinha casa de farinha (Rosa da Conceição. Roda d'Água, 17/01/2009).

Até a década de 1970, conforme verificamos em nossas entrevistas, existia entre os quilombolas o costume de extrair madeira seca das matas para lenha, que era transportada em lombo de animais de carga e em canoas⁶ pelos rios Cricaré, São Domingos, Angelim e Itaúnas para vender em Conceição da Barra e em São Mateus. Com a devastação das matas para a monocultura de eucaliptos e cana-de-açúcar, entrou em extinção o trabalho com a extração da madeira seca para lenha que tinha como finalidade o uso doméstico e a venda nas referidas cidades. Por volta do ano 2000 surgiu o trabalho com o *facho* (atividade que consiste em reunir os restos de galhos e raízes das árvores do eucalipto) para a produção de carvão.

Vendia lenha, aqui num mexia com cauvão (carvão), não. Aqui era farinha, era o dendê, o arroz, o amendoim, milho era o que nós vendia aqui. A cultura nossa era essa, num mexia com negócio de cauvão, não. Cauvão veio mexer de pouco tempo pra cá, se tivé uns quatro anos, né? (Gessy Cassiano. Linharinho, 03/01/2009).

Cauvão ninguém mexia aqui não, era só com mandioca mesmo raspando mandioca né? (Miúda. Linharinho, 03/01/2009).

Quilombolas homens e mulheres argumentam que as atividades autônomas de produção sempre fizeram parte de sua cultura tradicional. Afirmam que as atividades recentes com o *facho* e o carvão têm contrariado sua autonomia sócio-cultural, sobretudo porque é trabalho alienado e dependente das operações econômico-administrativas externas e não baseado na autonomia administrativa, produtiva e territorial dos próprios quilombolas.

No tempo que eu fui criado, meu filho, aqui foi duro. Eu digo: ô gente, vamos botar a cabeça pra pensar. A gente mora na roça, a gente tem que mostrar a origem da roça. Eu tô falando porque, porque hoje saiu aí uma tal de liberação do facho. Eu não concordo com isso. Eu já disse pro meus irmãos: é liberado, mas não é da gente, entendeu? Então, a gente tem que gerar, viver do que é da gente e não é só isso não, moço, você faz uma roça hoje, você faz qualquer coisa e tudo hoje dá dinheiro. Você vai no mercado, se você produz alguma coisa, você pode, você faz dinheiro. Desde a idade da minha finada Vovó Maria, mãe da minha mãe, me ensinou, eu saía mais ela. Meu pai não gostava não, tirar cipó não. Isso aí, eu saía desde nova. Toda vida eu não tive dificuldade pra mim, não. Eu saía sozinha nesses

⁶ Conforme nos relataram Sebastião Nascimento, da comunidade de São Cristóvão, Antônio Ventura, da comunidade de Chiado, Odorico Nascimento da comunidade Dilô Barbosa, Pedro Hermínio Dionísio de Nova Vista e Domingos Firminiano dos Santos de Angelim do Meio, as canoas eram fabricadas pelos próprios quilombolas com o objetivo de se deslocarem para o comércio, para as festas e para visitar parentes e amigos.

brejos aí. Esses brejos velhos procurando cipó pra fazer vassouras. Minha avó fazia vassoura e ela dizia: vamos pra rua, Selminha? Eu dizia: Vambora, vó, mas eu tenho que ir no brejo tirar um cipó. Mas você não vai sozinha, não. Não tenho medo, não. Nesses brejos aí, vou lá tiro o cipó, vou lá junto pau e boto aí, ajeito. Mas medo de que, minha filha? Tudo é jeito, só tem que conviver, tem que aprender a lidar (Maria Selma. Roda d'Água, 17/01/2009).

Diversos quilombolas deixaram suas práticas tradicionais de fabricação de farinha e beiju para fabricar carvão e, nesta última atividade, contraíram dívidas que inviabilizaram seus empreendimentos tanto no carvão quanto na farinha. Em função disso, suas casas de farinha entraram em estado de degradação e caíram e eles não tiveram condições financeiras para recuperá-las, como mostra o longo trecho da entrevista que realizamos com um morador da comunidade de São Jorge, a respeito da casa que pertencia a Manoel Valentim (irmão do seu sogro).

Arisvaldo: Tocamos os parapeitos. Fizemos paredes de lajota, deixemos ela bonita. Motor. O que pudemos fazer nela, nós fizemos. Depois que o velho faleceu as pessoas foram embora e acabou.

Oswaldo: Você lembra quanto tempo ela durou depois que vocês fizeram essa reforma?

Arisvaldo: Eu alembro sim, ela durou doze anos.

Oswaldo: Doze anos...tem mais ou menos uns sete que ela acabou?

Arisvaldo: Tem uns sete que ela caiu.

Oswaldo: Então cerca, provavelmente no final dos anos 80 por aí que vocês reformaram ela. Aí o seu Miúdo que era o Manoel Valentim que era o chefe da casa de farinha.

Arisvaldo: Era o chefe. Era o dono da casa de farinha.

Oswaldo: Com o falecimento dele as pessoas deixaram de fazer farinha?

Arisvaldo: Deixaram de fazer farinha. Foram mudando, mudando, mudando, mudando. Só ficou três aqui aí nós esqueceu...ela caiu e nós deixamos, pode dizer, que ela caiu.

Oswaldo: Nessa época seu sogro era vivo ainda?

Arisvaldo: Meu sogro já era morto. Morreu primeiro.

Oswaldo: Já era morto. Então talvez tenha tido um descuido para a continuidade da casa de farinha.

Arisvaldo: Não teve mais.

Oswaldo: E os filhos do Seu Manoel, seu Miúdo?

Arisvaldo: *Os filhos dele mora três aqui, mora um em Linhares e o resto mora aqui em São Mateus, junto com nós aqui.*

Osvaldo: Então vocês deixaram fazer farinha mais ou menos em 2002, por aí?

Arisvaldo: *Foi em 2002.*

Osvaldo: 2002. Aí passaram a fazer carvão?

Arisvaldo: *Aí nós larguemos e passemos a fazer calvão. Foi assim no movimento de calvão nós arrecadamos um bucado dele, catava. Foi na época a gente tinha doze fornos, foi na época do Jorge da Gema que tava junto com a gente, tava dando assistência. Jorge da Gema de Roda d'Água. Aí entendeu...aí fomos juntando só mais dívida, só mais dívida, amontando dívidas. Fomos obrigados a vender carro, vender carro pra poder pagar dívida. Larguemos. Fomos na Aracruz.*

Osvaldo: Ah, vocês fizeram dívidas?

Arisvaldo: *Fizemos dívida e grande.*

Osvaldo: Depois que acabou a casa de farinha?

Arisvaldo: *Aí nós passamos a dever era sete, doze mil reais. Aí começamos a vender carro. (...) Já tava fazendo calvão.*

Osvaldo: E na época da casa de farinha não tinha dívida?

Arisvaldo: *Na época da casa de farinha ninguém devia nada a ninguém. Todo mundo se alimentava da casa de farinha. Fazia farinha, vendia farinha. Só não vendia o beiju, o beiju era pra dar.*

Osvaldo: O beiju era pra consumo daqui?

Arisvaldo: *Pra consumo e dar pro pessoal.*

Osvaldo: Pra dar pro pessoal daqui mesmo?

Arisvaldo: *O pessoal daqui, gente de fora. Todo mundo carregava o beiju. (...) Na passagem pro carvão foi uma ilusão. Completamente e uma ilusão daquelas grandes.*

Osvaldo: Porque vocês arrumaram dívidas.

Arisvaldo: *Primeira coisa que nós entramos foi na dívida. Primeira etapa que nós passamos a perder foi nós trazer três mil reais pra nós e já fiquemos devendo antes de fazer um forno de calvão.*

Osvaldo: Antes de fazer o forno já estava devendo

Arisvaldo: *Nós fazia duas gaiolas por mês, uma era nossa e outra era dele (do Jorge).*

Osvaldo: Esse Jorge era, como era o nome dele?

Arisvaldo: *Jorge da Gema.*

Osvaldo: E ele mora onde?

Arisvaldo: *Ele mora aqui em São Mateus.*

Osvaldo: Então ele não morava aqui na roça.

Arisvaldo: *Ele morava em Rondônia. Ai de Rondônia ele veio embora pra São Mateus, foi comprou uma fazenda e deu essa orientação pra nós. Nós queria mexer com calvão, se ele entrava. Já entramos mesmo devendo. Hoje em dia até o carro que nós tinha, uma combe, se não me engano tá com ele, foi vendido pra pagar dívida.*

Osvaldo: E vocês plantavam mandioca aonde aqui?

Arisvaldo: *Nós plantava aqui tudo. Aonde você tá vendo aquele campo lá era roça de mandioca, aqui, essa travessia aqui pro lado de lá, tudo aqui era uma roça só. Era quatro alqueires de mandioca. (...) Eu tenho vontade de voltar a plantar mandioca. Eu até equipo de novo, nós torna a remoer de novo, voltar a casa de farinha, tenho certeza que aqui não vai faltar. O difícil é a terra, mas terra tem pra plantar. Tendo a terra, tendo a casa de farinha, o trator é fácil. Trator cê aluga um aí, em dois ou três dias você tem a terra arada.*

Osvaldo: Os homens aqui na fabricação de farinha, os homens faziam o que?

Arisvaldo: *Os homens rancava, os homem carregava em costas do burro, batia na casa de farinha, as mulher rapava, nós ia pra roda, entendeu, seis oito homens, depois ia pra prensa. Um bucado ia panhar lenha, entendeu? Pra entregar de dia pras mulheres torrar farinha.*

Osvaldo: As mulheres raspavam e torravam?

Arisvaldo: *Torrava.*

Osvaldo: O beiju quem fazia eram as mulheres?

Arisvaldo: *Eram as mulher. Nós só fazia tirar coco, tirar coco de indaiá.*

Osvaldo: Ah...vocês iam buscar os cocos?

Arisvaldo: *Nós ia buscar o coco indaiá, quebrava ele, elas relava, as vezes botava dentro da massa, dentro da goma e fazia o beiju.*

Osvaldo: E o coco de indaiá vocês buscavam aonde?

Arisvaldo: *Aqui. O coco indaiá ainda tem. Aqui tudo aí na beirada da mata tudo tem.*

Osvaldo: Aqui em São Jorge só tinha essa casa aqui ou tem mais gente que tem casa de farinha?

Arisvaldo: *Aqui era três casas de farinha: era uma nossa, outra do seu Agenor e a outra ali do outro lado que era do pai do Zezinho. Do pai do Zezinho que tinha a bulandeira.*

Fernanda: Que era o pai do José Valentim. Era o pai do pai da Miúda. Desculpa, era o avô da Estela, né?

Arisvaldo: *Uhum*

Osvaldo: Pois é, o Valentim...o José Valentim.

Arisvaldo: *Era o pai do José Valentim.*

Osvaldo: Tinha o José Valentim filho e o José Valentim pai.

Fernanda: O José Valentim pai que era o dono da bulandeira, herdou do avô dele, que era tio do avô da Estela.

Osvaldo: O José Valentim que era o avô da Estela ele tinha uma casa de farinha. E a casa de farinha dele era aonde?

Arisvaldo: *Do outro lado do terreno.*

Osvaldo: Ali o terreno ainda é dele?

Arisvaldo: *Não, não. Foi vendido.*

(São Jorge, 10/01/2009).

Muitos quilombolas alegam que o trabalho com o carvão tem lhes causado permanentes doenças respiratórias. Essas doenças são, muitas vezes, segundo dizem, advindas de choques térmicos entre o trabalho no forno quente e o vento frio da noite.

É uma quintura disgramada pra eles tirar um forno de cauvão aí, mexia com isso. Aqui vendia lenha de mamitu, que hoje a gente não tem mais. Era de ingá, que hoje em dia se quiser ter, tem que plantar. Antigamente não plantava, era o que mais precisava. (...) Porque, antigamente, na Barra, usava era muito fogão-a-lenha. A pessoa usava mais tudo era natural. Hoje em dia que não, usa mais fogão-a-gás, essas coisas. A lenha já ia encomendada. Já levava tudo encomendado. Já tinha as datas certinhas de ir lá e levar (Gessy Cassiano. Linharinho, 03/01/2009).

Atualmente, muitas mulheres que trabalham na fabricação do beiju não dispõem de roças de mandioca suficientes para a produção da *goma*. Por isso, muitas delas adquirem de outras famílias, por meio da compra, este ingrediente fundamental para o beiju. Algumas famílias, como ocorre em Linharinho, produzem farinha em farinheiras industrializadas e geram um grande excedente de *goma* e não dão conta de seu consumo na produção artesanal do beiju. Por isso, Dona Miúda de Linharinho, como observamos em nosso trabalho de campo, tem vendido *goma* para mulheres de outras comunidades quilombolas do Sapê do Norte para que dêem continuidade às suas práticas de fabricação artesanal do beiju, visto que muitos homens passaram a trabalhar em empregos formais fora da terra ou na produção de carvão e deixaram de cultivar as roças de mandioca.

As produtoras (es) deste bem cultural trabalha na quarta, quinta e sexta-feira para venderem no sábado. Os maiores mercados consumidores do beiju produzido pelos

quilombolas sempre foram nas cidades de Conceição da Barra e de São Mateus, além dos turistas que passam por elas sobretudo na estação do verão. Muitas vezes os quilombolas levam sua produção sob encomenda para revendedores, principalmente no mercado público de São Mateus. Em localidades como Linharinho, Angelim Porto dos Tocos e São Domingos, além de os produtores levarem o beiju para o mercado consumidor urbano, o produto é procurado por turistas que vão em direção à vila de Itaúnas e às cidades do sul da Bahia. Afirmam que a partir da década de 1970, com o surgimento e crescimento de vilas e povoados como os de Palmito (nos limites dos municípios de São Mateus e Jaguaré à margem da BR 101 norte), Paulista e Quilômetro 41, no município de São Mateus, e os de Santana, Itaúnas e Braço do Rio no município de Conceição da Barra, estes povoados e vilas também se tornaram mercados consumidores de farinha e beiju. Vale lembrar que, segundo dados de nossa pesquisa, três dessas vilas e povoados surgiram e as demais cresceram após a migração forçada dos quilombolas de seus territórios ocasionados pelo avanço das monoculturas de eucaliptos e cana-de-açúcar.

Nos últimos 40 anos, afirmam que a produção do beiju caiu bruscamente em função da perda de suas terras, da migração para a cidade e das transformações nos hábitos de trabalhos e de alimentação. Muitos homens passaram a trabalhar em empregos assalariados ou na produção do carvão e deixaram de cultivar a mandioca. As crianças e os jovens foram, aos poucos, adquirindo outros hábitos alimentares em função da oferta de novos tipos de alimentos industrializados difundidos também no meio rural.

1.4 - A FARINHA, O BEIJU E O CAFÉ NOS RITUAIS E NAS FESTAS

Nos dias que se aproximavam a festa de Santos Reis, no dia 02 (dois) de janeiro, estivemos em Linharinho e fomos convidados para acompanhar, no dia seguinte, uma fabricação de beiju por mulheres que, no mesmo dia, à noite, receberiam o *Reis-de-boi* de Mateus dos Santos, conhecido como Mateus de Ernesto, (morador de Linharinho) e de Nilo (morador do Bairro Quilombo de Santana, a quatro quilômetro de Linharinho), sendo o beiju com café o prato típico que seria oferecido aos integrantes da brincadeira e aos demais visitantes.

Neste dia, as mulheres reclamavam que, apesar de terem sido os homens a convidar o grupo do *reis* para se apresentar, elas é que foram convocadas a fabricar o beiju para oferecer aos integrantes da brincadeira, enquanto os homens estavam em casa sem nenhuma ocupação.

Miúda: Porque a gente cultua também, assim a farinha também tem a dose certa que é a farinha de mandioca. A gente faz o pirão pra Mesa de Santa Bárbara, da Mesa de Santa Bárbara. Faz o pirão saudável que aí serve também. A gente pega água no rio pra lavar Santa Bárbara, que é Iansã, não Santa Bárbara. Tanto que o negro se identificava, nosso pessoal negro se identificava com Iansã. Tem que lavar ela, usa o dendê, usa a farinha... Fritava uma galinha, um frango... Aqui a gente faz assim, na hora que vamos, o que a gente fazia, reis, ensaio de ticumbi... (...), quando a gente fazia devoção de Santa Bárbara. O dia, a gente fazia um dia antes, um dia de sexta-feira, a gente tava fazendo beiju e à noite distribuía com café pra todo mundo. Ali distribuía café, farinha de coco, farinha de mandioca, beiju... Na hora que fosse fazer o serviço, fazia todo mundo junto, fazia todo mundo junto. Aí distribuía tudo na hora da festa. Todo mundo comia, todo mundo. Era muito, muito beiju que fazia pra poder... o povo da comunidade não faltar, mas de outra comunidade também vinha, também pra junto participar da festa e tava ali comendo e bebendo, a noite toda festejando.

Ricardo⁷: Você acha que a sociedade brasileira vê, identifica a farinha com a comunidade negra, como sendo o negro que produz a farinha? Você acha que a sociedade vê?

Miúda: Acho que a sociedade não vê isso. Eu acho que não, porque se ela visse mesmo, eles já tinha tomado uma posição, já tinha dado mais uma sentença no que é dos negros. Os negros vive dentro do seu quilombo, do seu território negro, vive... Agora a sociedade lá de cima, de jeito nenhum... A sociedade só quer machucar, massacrar os negros e também a agricultura dos alimentos dos negros. Eles querem tirar tudo dos negros (Linharinho, 03/01/2009).

⁷ Cinegrafista, documentarista e jornalista, integrante da equipe do presente INRC, que estava filmando a entrevista.



Beiju sendo consumido na festa de reis-de-boi em Linharinho, em 03/01/2009. Foto: Osvaldo M. Oliveira.

A farinha e o beiju, além de serem alimentos diários nas comunidades quilombolas do Sapê do Norte, são também parte integrante dos alimentos oferecidos nos ensaios de *Reis-de-boi*, nos ensaios dos grupos de *Bailes de Congo*, nas rezas de ladainha, nas festas para os santos e nos rituais das mesas de santo. Esses alimentos constituem a dieta alimentar dessas comunidades e estão no cerne de sua resistência histórica, cultural e política. Por isso esses alimentos fazem parte do patrimônio cultural quilombola de todas as comunidades do Sapê do Norte que empregam o conceito de quilombo para sua autodefinição.

II - REIS-DE-BOI: PATRIMÔNIO CULTURAL APROPRIADO E RECRIADO PELAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DO SAPÊ DO NORTE

O grupo de reis-de-boi de Mateus de Ernesto e de Nilo, referido no final do capítulo sobre a farinha e o beiju, provém de um antigo grupo existente nas comunidades quilombolas do Sapê do Norte: o reis-de-boi de Novegildo Santos Porto. Segundo Raulindo Guilherme, conhecido como Caboquinho, do Bairro Quilombo (no povoado de Sant'Ana), e Dona Oscarina, de Linharinho, o primeiro dono deste grupo de reis-de-boi foi Novegildo Santos Porto, que depois passou para Antônio Abraão (ex-marido de Dona Oscarina – já falecido) e este passou para João de Rita (primo de Mateus de Ernesto). Posteriormente, por volta de 1950, João de Rita (que morava vizinho da atual casa de Mateus de Ernesto) passou a liderança do grupo de reis para Benedito Guilherme, o velho, que faleceu no ano 2000. Todos esses mestres e donos do grupo de reis-de-boi existentes em Linharinho eram moradores desta própria localidade. Do grupo liderado por Benedito Guilherme, segundo seu primo Raulindo Guilherme, teriam surgido três galhos: o reis de Mateus de Ernesto (atualmente liderado por Nilo Barbosa da Silva, do bairro Quilombo), o reis de Joventino (de Braço do Rio) e o reis de Tião de Véio (Porto Grande – território quilombola de Roda d'Água). Desses três grupos, o de Joventino está parado em função da doença e da idade avançada do mestre e da falta de sucessão na liderança. Até o início da década de setenta do século XX, Joventino morava em Linharinho e brincava no reis-de-boi de Benedito Guilherme. Em função de uma migração forçada dele e seus familiares para o Córrego do Sertão, lá ele teria criado um grupo de reis-de-boi com o auxílio e a autorização de Benedito Guilherme, onde passou a realizar suas apresentações na localidade e em Braço do Rio. Com a idade avançada e a fragilidade da saúde do mestre, seus filhos o levaram para a vila de Braço do Rio e as apresentações de seu reis foram suspensas.



Benedito Guilherme e sua esposa. Foto cedida por Mateus dos Santos. Linharinho, 02/01/2009.



Mestre Joventino na Festa de Itaúnas. Foto: Osvaldo Martins de Oliveira, 17/01/2009.

Um outro grupo de reis-de-boi que tem uma história tão antiga quanto aqueles que vieram do grupo de Novegildo Santos Porto é o reis dos Laudêncios, que voltaremos a tratar mais adiante. Deste modo, nas comunidades quilombolas do Sapê do Norte existem cinco grupos ou *ternos* de reis-de-boi: o de Palmitinho, o dos Laudêncios (na localidade de Santa Luzia, parte da antiga comunidade Divino Espírito Santo), o de Maria Justina (na localidade de Beira Rio), o de Sebastião Guilherme - *Tião de Veio* – (em Porto Grande no território quilombola de Roda D'Água) e o de Mateus de Ernesto e de Nilo Barbosa (na comunidade de Linharinho e no Bairro Quilombo). Existem, também, aqueles grupos de reis-de-boi que estão no meio urbano ou, como é o caso da localidade das Barreiras, fora das comunidades quilombolas.

Alguns grupos de reis-de-boi estão apenas na memória dos *quilombolas*. Entre os moradores de São Cristóvão/Serraria, sob a liderança do mestre Antônio Nascimento, existe a lembrança das canções e dos personagens do *reis-de-boi*, mas o grupo não mais realiza ensaios e apresentações. Nesta mesma situação se encontra o *reis-de-boi* que era liderado por Antônio Barcelos e Odorico Nascimento na localidade de Dilô Barbosa. Um pouco mais distante no tempo e na memória estão grupos como o de Zoroatro Valeriano Rodrigues, no Sertão de São Mateus (região de Nova Vista, Chiado e Dilô Barbosa) e o de José de Abécio, na localidade de São Domingos, onde Helvácio Oliveira, nosso

entrevistado, da comunidade de São Jorge, desempenhou primeiro o papel de *vaqueiro* e depois o de *sanfoneiro*.

O *reis-de-boi* é um folguedo popular religioso ligado ao catolicismo europeu implantado no Brasil pelos portugueses. Entretanto, nos municípios de São Mateus e Conceição da Barra, esse folguedo foi apropriado pelas comunidades quilombolas e reinventado como uma tradição sua. Os integrantes dos grupos de *reis-de-boi*, sobretudo os mestres e donos das *brincadeiras*, têm os Reis Magos ou os Santos Reis (Baltazar, Belquior e Gaspar) como seus padroeiros. Por isso, começam a realizar suas apresentações, a convite dos devotos desses santos, dos dias que se aproximam ao 06 (seis) de janeiro (dia de Santos Reis) ao dia de São Braz e Nossa Senhora das Candeias, em 02 (dois) de fevereiro.

No quadro a seguir, reformulado a partir do inventário preliminar e do trabalho de campo atual, apresentamos os personagens do ritual do *reis-de-boi* e suas ações.

QUADRO Nº 2 - RITUAL DO REIS-DE-BOI: COMPONENTES E AÇÕES	
Componentes	Ações
Mestre	Compor as músicas
Dono ou coordenador (pode ser 1 ou 2)	Estabelecer relações com autoridades externas e providenciar transporte para grupo nos momentos em que sai para apresentação fora da comunidade. Trata-se de um gestor das atividades do grupo.
<i>Marujos</i> ou <i>congós</i> (o número varia de 16 a 22)	Tocar pandeiros, dançar e cantar.
O sanfoneiro	Tocar a sanfona, marcar o ritmo e, em alguns casos, puxar o cordão da <i>brincadeira</i> .
O violeiro	Tocar a viola e marcar o ritmo em sintonia com o sanfoneiro. Em dois grupos que acompanhamos, o do Palmitinho e o dos Laudêncios, existe o violeiro, enquanto o de Tião de Véio e o de Mateus de Ernesto e de Nilo, não.
O boi (personagem principal)	Tornar-se alimento para os pobres famintos ou para os participantes do ritual.
O vaqueiro	Vender o boi e, em outros casos, roubar o boi para matar o

	desejo de sua esposa.
Catirina (esposa do vaqueiro).	Dançar com os espectadores da brincadeira ou consumir a carne do boi. Esta personagem não tem no reis de Mateus e de Nilo.
Bichos (boi, cachorro, loba, lobisomem, onça, cobra, mula)	Divertir os expectadores da <i>brincadeira</i> .

Um *reis-de-boi*, ao formar um *cordão* para se apresentar, organiza duas fileiras puxadas pelos sanfoneiros e violeiros, tal como podemos verificar nas fotos a seguir de uma apresentação dos grupos de *reis-de-boi* dos Laudêncios e do Palmitinho. O violeiro e o sanfoneiro são dois personagens dos grupos de reis que se encontram nas comunidades dos municípios de São Mateus, enquanto o primeiro personagem não se encontra nos dois grupos estudados nas comunidades dos municípios de Conceição da Barra.



Reis dos Laudêncios se apresentando na porta da igreja da comunidade Divino Espírito Santo. Foto: Osvaldo Martins de Oliveira, 10/01/2009.



Reis do Palmitinho se apresentando na porta da igreja da comunidade Divino Espírito Santo. Foto: Osvaldo M. Oliveira, 10/01/2009.

Reis-de-boi



Violeiro			
Guia			o da Barra.grupos estudados
Contra Guia			nas comunidades dos
1° Marujo			municSanfoneiro
2° Marujo			Guia
3° Marujo			Contra Guia
4° Marujo			1° Marujo
5° Marujo			2° Marujo
6° Marujo			3° Marujo
7° Marujo			4° Marujo
8° Marujo			5° Marujo
9° Marujo			6° Marujo
Vaqueiro			7° Marujo
Boi			8° Marujo
Bicho Papão			9° Marujo
Gavião			Catirina (Roxona)
Cobra			Boi
Cachorro			Lobizomem
			Onça
			Jacaré
			Mulinha

O *reis-de-boi* é uma *tradição* que faz parte das festas do ciclo natalino e que relembra o nascimento de Jesus Cristo. A respeito do nascimento de Cristo, os mestres dos grupos afirmam que o *reis-de-boi* são 25 (vinte cinco) versos que o grupo canta na porta de entrada das casas dos devotos que os convidam. Diversas vezes insistimos com os mestres para que cantassem fora da *brincadeira* para que pudéssemos entender a letra, mas os mesmos cantavam apenas parte. Alguns deles chegaram a nos dizer que saber os vinte e

cinco versos do *Som do Reis*, a primeira de 14 (quatorze) partes do *Reis*, dá condições de a pessoa se tornar mestre. Neste sentido, apesar de termos gravado e filmado o *Som do Reis* na íntegra, optamos aqui por apresentar apenas parte dele, como nos foi passado em janeiro de 2009 pelos mestres Luiz dos Santos, do *Reis* dos Laudêncios, e Mateus de Ernesto, do *Reis* de Linharinho e do Bairro Quilombo. Todo o *Reis* dos Laudêncios que descreveremos aqui foi apresentado pelo grupo em homenagem ao ex-mestre Valdemar Antônio dos Santos, conhecido como Valdemar Laudêncio, falecido em 08 de março de 2008. Uma foto de Valdemar foi afixada em uma parte bem elevada na parede do recinto enquanto o grupo se apresentou. Na sucessão dos mestres do *Reis-de-boi* dos Laudêncios, como nos relatou Luiz dos Santos em janeiro de 2009, Valdemar foi o quarto mestre, como mostraremos no quadro número 4 (quatro).

QUADRO 3: O PRIMEIRO CASAL NA GENEALOGIA DO REIS DOS LAUDÊNCIOS		
	<u>Vicente de Jesus</u>	<u>Rosa de Jesus</u>
Eleodório Vicente de Jesus casou com Benedita Marco da Conceição, com quem teve dez filhos.	<u>Laudêncio de Jesus</u> casou com Maria dos Santos. Tiveram os filhos Manoel Leonel dos Santos (conhecido como Manoel Laudêncio) e Prudenciana.	Emílio de Jesus não deixou descendentes na localidade e não se tem notícias dos mesmos.

No quadro a seguir apresentamos a genealogia da transmissão da liderança no reis-de-boi dos Laudêncios, herdeiros de Laudêncio de Jesus, segundo nos relatou Luiz dos Santos e sua tia Cyra dos Santos.

QUADRO 4: A SUCESSÃO NA LIDERANÇA NO REIS-DE-BOI DOS LAUDENCIOS			
CASAL	FILHOS	NETOS	BISNETOS
Manoel Leonel	Manoel dos Santos		
	<u>1º mestre do reis:</u> Mateus dos Santos		

dos Santos e Maria Olinda.	<u>2º mestre do reis:</u> Jone dos Santos		
	<u>3º mestre do reis:</u> Antônio Manoel dos Santos, casado com Maria Olinda dos Santos	<u>4º mestre do reis:</u> Valdemar Antônio dos Santos	
		Antônio Manoel dos Santos Filho, casado com Tereza dos Santos.	<u>5º mestre do reis:</u> Luiz dos Santos, nascido em 13/08/1968.

Nas próximas páginas descreveremos as partes do *reis-de-boi* como nos foi relatado pelos mestres Luiz dos Santos, Benedito Assis e Mateus de Ernesto. As letras das músicas variam de grupo para grupo, conforme a criatividade dos mestres. Por isso, optamos por descrever apenas as músicas do *reis* dos Laudêncios e, na medida do possível, relacionar com a letra das músicas cantadas por outros grupos. Na primeira parte, denominada *som do reis* ou *reis da porta*, os integrantes do *reis* dos Laudêncios, sob o comando do mestre, em janeiro de 2009, entoaram vinte e cinco versos antes de entrar no recinto, barracão de festas da comunidade católica, para a apresentação da brincadeira. Entretanto, descreveremos apenas aqueles versos que nos foram transmitidos por Luiz dos Santos.

*Divino Pai, Divino Pai Eterno
Rogai a Deus por nós
Nessas horas de pranto e de dor
Sua palavra me consolou.*

*Neste ano de 2009
Valdemar vou homenagear
Para nós ele fez um pedido
E a ele eu não posso negar
Sua missão vamos continuar.*

*Comunidade, comunidade Espírito Santo
Vocês têm uma bela missão
Valdemar nos deixou uma lição
Tem que dá continuação.*



Valdemar Antônio dos Santos, sanfoneiro e 4º mestre do *reis* dos Laudêncios. Foto: Osvaldo M. Oliveira, janeiro de 1998.

*Vocês têm que aprender a rezar
Pois a vida vai continuar
Cantou reis e cantou ladainha
Essa cultura não pode parar
Vamos juntos, vão continuar.*

*Em romaria, em romaria
O povo si vai pedindo a Deus para ajudar
Valdemar nos deixou uma história
Vamos juntos, vamos continuar.*

*E naquele santo altar
Uma prece tu vai me escutar
Uma prece é pra Nossa Senhora
Jesus Cristo é que vem me guiar
Uma luz pra me iluminar.*

À direita, Luiz dos Santos, 5º mestre do *reis* dos Laudêncios. Foto: Osvaldo M. Oliveira, 10/01/2009.



A seguir, ainda referente à primeira parte, descreveremos seis versos do *reis* de Mateus e de Nilo, cantados em Linharinho em janeiro de 2008 e em janeiro de 2009. Como dissemos, os vários grupos do *reis-de-boi* do sítio estudado se apresentam, sobretudo, no dia de Santos Reis que, segundo as simbologias locais, representam os três Reis Magos que foram do Oriente, um dos quais do continente africano - na opinião de Raulindo Guilherme, do *reis* de Mateus e de Nilo, os *reis* eram africanos -, para saudar o Menino Deus e lhes entregar presentes preciosos. Por isso, a eles os devotos cantam:

*Meu Deus do céu
Porque será que esta ovelha tanto berra
Canta o galo nas alturas
Jesus nasceu na terra, ai, ai...*

*Ai meu Deus eu vou ao céu
buscar as nove rosas:
Três brancas, três amarelas
e três encarnadas cheirosas.*

*Eu vi a porta se abrir
Vi um salão cheio de luz
Eu vi o dono da casa
trazendo nos braços o Menino Jesus.*

Santos Reis têm um jardim no céu



Acima - da esquerda para direita: mestre Mateus dos Santos, mestre Raulindo Guilherme (responsável pela

*Lá vi no céu uma linda roseira
Eu vou pedir uma flor a ele
pra enfeitar nossa brincadeira.*

*Santos Reis e São Benedito
Seus devotos vão festejar
Os seus devotos estão festejando,
Lá no céu uma estrela vai brilhar.*

*O galo já cantou
O dia amanheceu
Eu vi Santos Reis no céu
Eu vi o Menino Deus.*

brincadeira dos bichos), mestre Nilo Barbosa da Silva e Benedito Conceição Filho (*brincante do reis* e mestre do *Baile de congos* de São Benedito do Angelim Porto dos Tocos). Abaixo: Mateus dos Santos (Mateus de Ernesto) e Elda Maria dos Santos. Fotos: Osvaldo M. Oliveira. Linharinho, 03/01/2009.



A partir da primeira parte do *reis* de 2009, o mestre Luiz dos Santos organizou as demais com versos menores. Na segunda parte do ritual, denominada *discante*, os *guias* e os *contra-guias* cantaram na entrada do recinto, antes de serem recebidos pelos anfitriões. Em homenagem a Valdemar, falecido vítima de câncer, assim cantaram os Laudêncios:

*Senhora dona da casa
A porta queira abrir
Eu estou de luto
Não me repare
Se os meus olhos chorarem.*

*Eu vou cantar
Pra minha vida alegrar
Eu estou doente
Jesus vem me curar.*

*Eu estou chorando
Alguém vem me consolar
Mas a família Laudêncio,
Jesus vem abençoar.*

Em função da morte do mestre, o *reis* cantado pelos Laudêncios em 2009 apresentou uma dimensão religiosa e existencial mais forte do que nossa equipe observou em 2008 (quando Valdemar ainda estava vivo). Nesta dimensão religiosa, o grupo de *reis*

se apresentou como mensageiro de uma notícia enviada por Jesus Cristo e anunciando que os seres humanos devem se preparar para a vinda Dele e para o fim de sua existência terrena, como havia ocorrido com Valdemar. Nesta mesma dimensão, Jesus Cristo é anunciado como o *libertador do povo sofrido*. O discurso da *libertação do povo sofrido* advém da militância religiosa nas Comunidades Eclesiais de Base da Igreja Católica na qual estava inserido o mestre Valdemar dos Santos e onde ainda se encontra seu sobrinho Luiz dos Santos. Neste sentido, na *marcha de entrada*, terceira parte do *reis*, os integrantes do ritual entram e saem do recinto cumprimentando os anfitriões.

*Boa noite dona da casa
Vim aqui te visitar
Vim trazendo uma notícia
Que Jesus mandou falar.*

*Se prepare minha gente
Jesus Cristo vai chegar
Este povo tão sofrido
Jesus vem pra libertar.*

Na quarta parte, denominada *marcha de saudação*, se estabeleceu um diálogo entre o grupo de *reis* e o anfitrião, simbolizado pela foto de Valdemar dos Santos na parede do recinto.

*Meu Deus
De mim tenha misericórdia
Deste povo sofrido
Tenha pena e tenha piedade.
Você partiu para eternidade
Deixou uma grande lembrança
E uma grande saudade.*

Quando no ritual dançante do *reis* ocorre um bailado em ritmo lento no qual todos os integrantes do grupo movimentam os ombros, os mestres afirmam que se trata da *marcha de descanso*, sendo esta a quinta parte do ritual.

*O tempo passa
mas eu não te esqueço, não
Você está na memória
Você está no meu coração.*

*Tanta saudade
Tanta tristeza
Porque você foi
Pra nós um grande irmão.*

Na sexta parte, definida por nossos entrevistados como *marcha de baiá*, que significa bailar com os *marujos* ou *congós*, como são chamados os integrantes do *reis*, o grupo e os expectadores da brincadeira dançam movimentando os ombros com cadência mais acelerada.

*Você não sai do meu pensamento
Eu vivo sofrendo de amor por ela.
Seu nome gravado na minha agenda
É Joice, é Ana ou é Gabriela.*

Roda grande ou *marcha de avisar o vaqueiro*, assim se denomina a sétima parte do *reis*. Nela, a canção do grupo avisa ao *vaqueiro* que o dono da casa está a sua espera no salão.

*O nosso Brasil é tão rico
e encantador com as belezas.
O sonho do meu vaqueiro
é conhecer a capital lá de Goiás.*

Entre os *quilombolas brincantes* do *reis-de-boi*, há uma narrativa apresentada por Sebastião Guilherme (*Tião de Véio*) como um mito da fundação do ritual realizado por eles. Diz-se que os Reis Magos, a pedido do Menino Deus, deveriam viajar pelo mundo comprando e matando gado para saciar a fome dos pobres e famintos. Entretanto, segundo o mesmo entrevistado, os referidos *reis*, em vez de comprar, teriam roubado um boi de um fazendeiro para fazer a festa e distribuir alimento aos pobres. Por isso é que na *brincadeira do reis-de-boi*, segundo o relato de Tião, *dono de um reis-de-boi* e nosso entrevistado, o personagem do *vaqueiro* tenta vender o boi ao *festeiro* (rei) e *dono da casa*, representado no ritual como um homem de poder aquisitivo. Este deve alimentar os participantes do ritual e os espectadores, entre outras coisas, com a carne do boi.

O *vaqueiro* é um personagem central no *reis-de-boi*, visto que ele é quem, na vida real, cuida do gado. No decorrer da brincadeira, ele é convidado pelo grupo a adentrar ao recinto e estabelecer com o dono da casa uma negociação de venda do boi. Este convite é feito por meio de uma canção que os mestres de *reis* batizaram como *marcha da chamada do vaqueiro*, sendo ela a oitava parte do ritual.

*O meu vaqueiro me telefonou que 'tá viajando
Não tem hora pra chegar.
Eu estou no telefone,
eu estou no celular.
Vem cá vaqueiro
'tá na hora de brincar.*

Nos anos de 2008 e 2009, em Linharinho, o *reis-de-boi* de Mateus e de Nilo cantou, na mesma parte, a seguinte *marcha da chamada do vaqueiro*:

*Eu vou chamar o meu vaqueiro
que é da sua obrigação.
Venha vender o seu boi
bem ligeiro neste salão.*

O *vaqueiro* aparece na cena da *brincadeira*, sendo uma pessoa comunicativa, bem humorada, levando os espectadores ao riso, incorporando o protótipo dos representantes comerciais e vendedores atuais. Ele tenta convencer o *festeiro* e *dono da casa* por meio de elogios, dizendo conhecer a sua fama de homem poderoso para que o mesmo compre o boi.

Na *marcha de chamada do boi*, que constitui a nona parte da *brincadeira*, o *vaqueiro*, após negociar com o dono da casa, chama o boi para a *brincadeira* a partir da seguinte canção cantada pelos Laudêncios em 2009.

*Meu vaqueiro traz o boi (bis)
Pra brincar neste salão
Com meia braça de corda
Chega ele no mourão (bis).*

*Ei, vaqueiro, boia o gado
Ei, vaqueiro, traz o gado
Que a festa está tão boa*

É festa de vaquejada.

No grupo de *reis* de Mateus e de Nilo, nos anos de 2008 e 2009, enquanto o vaqueiro foi buscar o boi, os *marujos* cantaram:

*Vem cá pra dentro meu boi arará, boi aiá, boi aiá.
Este boi deu, este boi dá (bis).*

O boi, enquanto uma mercadoria a ser comercializada pelo *vaqueiro*, é enfeitada e elogiada como um fetiche, a ponto de convencer o *dono da casa*, *festeiro* e representante dos *reis*, a adquiri-la. Na décima parte, denominada *marcha de apresentação do boi e roda grande*, o vaqueiro busca controlar o boi enfurecido. Enquanto isso, no ano de 2009, os *marujos* do *reis* dos Laudêncios cantaram:

*O meu vaqueiro não mata meu boi
Que este boi mimoso ele é do fazendeiro.
De madrugada sua companheira
Ela se alevanta e acende o candeeiro.*

Sob uma armação de madeira e pano em forma de boi, está uma pessoa que encena a morte da mercadoria que foi adquirida pelo *festeiro* e *dono da casa*. O boi fica caído por certo tempo no meio da roda e os *marujos* cantam:

*Morreu, morreu;
O vaqueiro que cortou.
Este boi veio de Minas,
foi o vaqueiro quem matou (bis).*

O significado e as funções dos personagens da *brincadeira* podem variar de grupo para grupo, pois em alguns deles, depois que o boi está morto, o *vaqueiro* encena vender um pedaço para cada espectador e vai recebendo dinheiro do público em troca da suposta carne. Após concluir a venda da carne do boi, o *vaqueiro* parece ser mais um comerciante varejista.

Na décima primeira parte da *brincadeira*, conhecida como *marcha para chamar a bicharada*, aparece, ainda, outros animais que são denominados pelos *brincantes* como a

bicharada: mula, cavalo marinho, cães, lobas, lobisomem, cobra, onça, etc. O *vaqueiro* tenta negociar esses animais com o *dono da casa*. Deste modo, podemos observar que o boi do *vaqueiro comerciante* não é o boi dos *Reis Magos*. Enquanto os *reis* eram poderosos, que teriam recebido uma missão para comprar o boi e distribuir a carne aos pobres, o *vaqueiro* recorta o boi para colocá-lo no circuito comercial a varejo aos espectadores da *feira*. Ao que parece, surge em meio ao ritual uma interação com a perspectiva cultural do comércio, de que onde há *feira*, existe público e, portanto, oportunidade de comércio.

*Escuta o toque dessa sanfona (bis).
Paizinho voroçou⁸ essa boiada.*

Nesta parte, o *vaqueiro* solta os diversos *bichos*. Após a saída dos *bichos* do salão, aparece na cena o personagem de *Catirina*, a esposa do *vaqueiro*, que dança com o dono da casa e os homens presentes em troca de dinheiro. Na realidade, *Catirina* é um homem vestido de mulher. O significado desta personagem também pode variar no tempo e de grupo para grupo. Nos *reis* dos *Laudêncios* e de *Tião de Véio*, *Catirina* passa a chamar os homens espectadores para dançar. Nos referidos *reis*, o convidado deve pagar ao grupo pela dança com a mulher do *vaqueiro*.



⁸ O termo *voroçou* está se referindo a *alvorçou*, que significa colocar a boiada em estado de agitação e confusão, saindo do controle do *vaqueiro*.



Na *marcha para terminar a brincadeira*, que é a décima segunda parte do *reis*, os Laudêncios cantaram:

*Manda essa saudade pro lado de lá
Eu não quero tristeza aqui nesse lugar
Nossa despedida faz você chorar
Nossa brincadeira nós vamos terminar.*

Na décima terceira parte, que é a *marcha de ombro*, os integrantes do grupo dançam movimentando os ombros com cadência mais acelerada, enquanto isso cantaram:

*Não é novidade, eu ver você reclamando assim
Eu vê você chorando pela nossa retirada.
Você foi embora, você não voltou
Você me deixou numa saudade tão pesarosa.*

A finalização do ritual acontece com o que chamam de *marcha de retirada*, onde cantam uma canção de despedida.

*Adeus Rosa Maria.
Não adianta você chorar
porque eu já vou embora
eu não posso mais ficar.*

*Já me telefonaram,
mandaram me buscar.*

*Já deixaram minha saudade
pra voltar pra te buscar.*

Na mesma região do sítio delimitado para o inventário, a variação cultural acerca do *reis* está bem nítida. Às vezes, os mestres de outras *brincadeiras* afirmam que os *reis* de Mateus e de Nilo e o *reis* dos Laudêncios, por serem os mais antigos, mantêm suas formas específicas de organização no tempo. Na perspectiva da interpretação cultural, podemos dizer que as coletividades sócio-culturais fazem suas próprias interpretações e estas variam de lugar para lugar e de geração para geração.

Um exemplo desta variação está presente nos próprios rituais acerca do boi. Relembrando a *brincadeira de reis* de José e Abílio de Ana e de Zoroastro, onde tinha os personagens de *Requé* (o *vaqueiro*) e *Catirina*, Odorico Nascimento, da comunidade Dilô Barbosa, diz que *Catirina*, a esposa de *Requé* (ambos muito pobres), estava grávida e desejava de comer carne de gado. *Requé*, que não é *rei*, mas um *vaqueiro* sem condições de comprar a carne, teria *roubado* um boi do fazendeiro para quem trabalhava a fim de satisfazer os desejos de sua esposa (embora na narrativa de fundação do ritual sejam os *poderosos reis* quem roubam o boi). Assim, no ritual encena-se a prisão de um casal desprovido de recursos para consumir a carne de gado que, para muitas famílias visitadas em nossa pesquisa, ainda hoje, é um raro componente da dieta alimentar. No *reis* de Zoroastro Valeriano, ao que relata Odorico, se encenava a chegada de *capangas* dos senhores e fazendeiros (grandes proprietários de terra) acompanhados da polícia que cumprimentavam os integrantes do ritual e, por meio de uma *embaixada*, davam voz de prisão ao casal, como segue:

Capangas e polícia: *Boa noite!*
Demais integrantes da brincadeira: *Boa noite!*
Vim dizer aos senhores
Da cabeça vai ao pé
Ou vai eu, ou Catirina, ou Requé.

Após receber voz de prisão, *Catirina desanda a chorar* dizendo não ser ela e nem seu marido que haviam *roubado* o boi. Como parte desta cena, entravam os *marujos* do mestre Zoroastro com a seguinte cantiga:

*Mas me vem chorando.
como o bem chorou (bis).
Prender Catirina
que meu senhor mandou (bis).*

Diferentemente do que se cantava no *reis* de Zoroastro, na memória do *reis* dos moradores de São Cristóvão ali cantavam não a desonra moral do *vaqueiro* e sua esposa sob acusação de roubo, mas sua moralidade e crédito nos comércios da região.

*O meu vaqueiro é um cabra acreditado
Se ele tem dinheiro, compra!
Se não tem,
Compra fiado!*

Entretanto, nos dois grupos, a memória do ritual relembram de cenas da precariedade sócio-econômica do *vaqueiro* nas fazendas, situacionalmente e contextualmente atualizadas na vida atual dos quilombolas que trabalham recebendo salários mínimos e menos do que esse valor nas fazendas e grandes empreendimentos que se localizam na extensão territorial do Sapê do Norte.

O fato de as *comunidades quilombolas* se encontrarem em uma mesma região e empreenderem manifestações culturais que tenham os mesmos nomes, não significa que podemos estabelecer um padrão cultural homogêneo e imutável para suas referências culturais, pois verificamos variações nos personagens e nas ações desempenhadas nos rituais e *brincadeiras*.

No trabalho de campo observamos, ainda, que o patrimônio cultural assume uma posição transversal que perpassa diversas localidades, pois uma mesma *festa* ou *brincadeira* mobiliza pessoas de diferentes comunidades. Elas podem articular pessoas que migraram para a cidade e que continuam voltando para participar e até liderar a *festa*, como era o caso de Seu Bidil, atual mestre do *Reis-de-boi* da comunidade do Palmitinho, que mesmo morando na Grande Vitória voltava todos os anos para ajudar na organização da *festa* e para ensaiar os integrantes do *reis*.

III - **BAILES DOS CONGOS DE SÃO BENEDITO: PATRIMÔNIO CULTURAL AFRO-BRASILEIRO E DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DO SAPÊ DO NORTE**

O ticumbi é um grupo folclórico afro-brasileiro. Todos são de origem afro, como vocês percebem, e é uma cultura que ainda permanece. Mesmo que saiu da roça e veio pra cidade, mais eles continuam só negros e, não discriminando, só homens participam do ticumbi. É um grupo afro-brasileiro (Jonas Balbino. Rei de congo no baile dos congos. Conceição da Barra, 01 de janeiro de 2009).

Eu acho que a cultura negra pertence ao quilombola, porque no momento os quilombolas na maioria são tudo negros. Na minha mente, os quilombolas pertence às pessoas da África. Antigamente não existia, nem o nome de quilombola não tinha. Agora, de uns certos tempos pra cá, que surgiu o nome quilombola. Então é a comunidade negra, justamente a opinião do ticumbi que a gente representa, sobre os quilombolas são tudo negros. (...) Antigamente os negros era tudo massacrado, não tinha valor nem pela origem, mas hoje em dia temos força... (Tertolino Balbino. Mestre do baile dos congos. Conceição da Barra, 01 de janeiro de 2009).

Meu nome é Berto Florentino. Eu moro no Córrego São Domingos e tem 45 anos que eu brinco nessa brincadeira. Meu avô Florentino era mestre, meu pai era Coxi, o nome dele era Manoel Florentino, mais tratava Coxi, brincava como secretário. Entrei como derradeiro congo, fui participando pra frente de derradeiro congo. Estava em primeiro congo e agora sou contra-guia. (...) morava na roça, nunca morei em comércio. Hoje estou com 64 anos. Entrei no baile por minha conta e nunca arranjei de sair. (...) Já brinquei de Secretário e eu, qualquer lugar que me jogar, eu vou. Eu brinco de congo, de secretário, de mestre ali na frente também eu vou... Todo mundo da minha família, pai, tio, todos brincaram nessa brincadeira... (...) ...porque pra nós não existe outra brincadeira igual não, a cultura... Eu sou nascido e criado na roça, sou dos quilombos mesmo, fiz 17 filhos, criei tudo na roça. Catava lenha, vendia capim, vendia lenha, vendia carvão, tirava caranguejo, criei os filhos tudo, sempre alegre (Berto Florentino. Conceição da Barra, 01 de janeiro de 2009).

No que se refere aos *bailes dos congos* de São Benedito como patrimônio cultural afro-brasileiro e das comunidades quilombolas, Ângelo Camillo, que brincou quarenta e três anos no *baile dos congos* de São Benedito do Bongado – também conhecido como *Ticumbi do Sertão* –, tendo entrado no *baile* dois anos após a morte do mestre Pedro Bongado (falecido em 1957), afirma que voltou recentemente e criou um *baile dos congos* de São Benedito na comunidade católica de Santa Clara, em Angelim Porto dos Tocos.

Segundo ele, trata-se de um *ticumbi dos quilombolas*. De um lado existe o *baile dos congos* de São Benedito dos *pretos* que se apresenta na cidade de Conceição da Barra, onde o mestre Tertolino Balbino afirma que o *baile dos congos* ou *ticumbi* é parte da cultura afro-brasileira e dos quilombolas. De outro lado, o mestre Ângelo Camillo, de Itaúnas e da comunidade quilombola de Angelim Porto dos Tocos, defende que o *baile* não deve ser formado apenas por *congos pretos*, mas, em complementação às idéias do primeiro mestre, no que se refere ao fato de o *baile* fazer parte da cultura quilombola da região, afirma que o *baile dos congos* ou *ticumbi* é dos quilombolas.

Osvaldo: O senhor falou: *ticumbi dos quilombolas*. O senhor acha que o *ticumbi* é um patrimônio cultural ligado aos quilombolas?

Caboquinho: *Com certeza. Com certeza que é, né? Isso é uma coisa mais certa que se pode falar. Por quê? Porque os quilombolas eles faz parte da escravidão e da escravidão o ticumbi faz parte da escravidão também, né? Então eu acho que a primeira coisa que tem que fazer é isso aí. Ticumbi é da escravidão, ticumbi é dos quilombolas. Então, eu acho que é isso aí que tem ser, né? (...) Porque são as pessoas que perderam seus direitos. Que a princesa Izabel gritou a liberdade. Que foi a mulher mais ruim. Você entende isso? A princesa Izabel, a princesa Izabel gritou a liberdade, deixou todo mundo liberto? Não! Mais cadê o pedaço de terra que ela deu pra um? Cadê o direito que ela deu pra outro? Ela num deu nada pra ninguém. Você concorda com isso? Então ela não (...) pegou as pessoas principalmente os escravos que não são raiz daqui, largou em cima de um mundo sem fim, porque esse tipo de gente, essas pessoas que trabalhou com o Barão de Timbui ali, que foram os escravos, que apanharam, que eu conheci o tronco. (...) Dessa grossura assim (gesto mostrando a espessura do tronco) com a corrente com cada elo desse comprimento (gesto mostrando cerca de trinta centímetros de comprimento) e uma algema. Lá onde nós vamos passar agora (se referindo às ruínas da senzala da fazenda do Barão de Timbui). Agora você num sabe quantos dias nem quantas horas aquela pessoa levava com aquela peça ali em pé, você num sabe disso, né? Então a princesa Izabel ela foi uma pessoa que ela num fez uma grande coisa, não. Ela largou o país completamente abandonado. Eu acho que ela saiu e deveria dizer assim: a terra é o Brasil e quem vai ter direito nessas áreas são os quilombolas, os escravos e os índios. Pronto e acabou. Acho que o negócio era esse. Não era entrar o homem branco aqui dentro, não (Ângelo Camillo. Sertão de Itaúnas, 04 de janeiro de 2009).*

Na vida cultural das comunidades quilombolas do Sapê do Norte, os *bailes de congos* ou *ticumbis* de São Benedito ocupam lugares de destaque, podendo ser observado em suas práticas ritualísticas existentes na atualidade e na memória de seus integrantes. A complexidade do *baile* (enredo, melodia, performance corporal e poesia) tem sido

transmitida no decorrer do tempo por meio da memória social dos mestres e dos demais *congós*, possibilitando reelaborações culturais críticas pelos integrantes dos grupos através das *embaixadas*, das canções e dos desafios de secretários.

3.1 – *BAILES DE CONGOS*: DEFINIÇÃO E MEMÓRIA

Os quatro *bailes de congós* ou *Ticumbis* de São Benedito, encontrados atualmente no sítio do Sapê do Norte, especificamente no município de Conceição da Barra, são representações ritualísticas públicas que retratam situações de ordem social, religiosa, política e econômica pelos quais passaram os africanos e seus descendentes no litoral norte do estado do Espírito Santo. Trata-se de situações vivenciadas por esse segmento formador da sociedade brasileira e capixaba, que em um período histórico passado foi forçado a submeter parte de seus saberes ao trabalho escravizado. O *baile*, enquanto ritual, retrata esses fatos do passado e os atualiza através da memória e da crença dos *congós* no presente. Assim, a memória e a crença motivam e fomentam o ritual do *baile*, da mesma forma que são nutridas e atualizadas através dele.

O termo nativo *baile dos congós* nomeia o conjunto de um ritual, formado por 16 partes, que se desenrola em uma seqüência preparatória através de *ensaios* no decorrer de três meses, aos sábados, do início do mês de outubro ao primeiro dia do ano seguinte, para o *baile de congo* de São Benedito de Conceição da Barra, e o dia de São Sebastião para os *bailes de congo* de Itaúnas. Encontramos, também, o emprego do termo *Ticumbi*, mas este se refere apenas a uma das dezesseis partes do *baile*, tendo sido empregado pelo folclorista Guilherme Santos Neves, em seu livro “Ticumbi”, para nomear o conjunto do *baile dos congós*, o que não procede. Por isso, optamos por empregar o termo *baile dos congós* por ele se referir ao que é o *baile*, propriamente dito, no seu conjunto. Deste modo, o texto empregará muito mais o termo *baile dos congós* do que *Ticumbi*.

Os *bailes de congós* são danças compostas por vários dançarinos que se denominam *congós*. Embora, como veremos adiante, já tenha existido um *baile* composto por mulheres, no momento de nosso trabalho de campo encontramos apenas uma mulher que integra o *baile dos congós* do Bongado, em Itaúnas. Os demais são todos compostos exclusivamente

pelo sexo masculino, cabendo às mulheres o exercício do papel de *festeiras* que recepcionam os *congos de São Benedito*, oferecendo-lhes refeições especiais.

No *baile dos congos* o *mestre* é um ator fundamental, pois lhe cabe a liderança do grupo. A liderança, em alguns casos, pode ser exercida em conjunto com o *dono do baile*. O papel do mestre é compor as músicas e organizar, com a colaboração dos demais *congos*, todo o conjunto do *baile* que vai dos *ensaios* à festa final. Quando formam as rodas para os ensaios e as apresentações dos *bailes*, os mestres contam, principalmente, com a colaboração dos ajudantes dos mestres nas cantorias, enquanto os demais componentes que formam o cordão respondem os versos que são puxados pelos mestres e seus ajudantes. Os mestres memorizam as músicas e criam suas melodias e, através dos ensaios, transmitem aos demais integrantes. Um mestre que não domina a escrita relatou-nos que, às vezes, ele busca o auxílio de uma pessoa de confiança para escrever e reproduzir a letra das canções e distribuir aos demais *congos* para que os mesmos as memorizem no decorrer dos ensaios. Aquele que não leva a sério a memorização das canções e os passos da dança, como ocorreu com um integrante do *baile dos congos* de São Benedito, em Conceição da Barra, na passagem do ano de 2007 para 2008, é cortado do *baile*. Os mestres desses *bailes* acreditam que eles têm um dom especial concedido por São Benedito, e que seu aprendizado não ocorre fora do cordão do *baile*, mas dentro dele. Por isso, entendem que o saber relativo aos *bailes dos congos* só se adquire praticando-o.

Na memória dos entrevistados a respeito dos *bailes*, verificamos que nas comunidades quilombolas do meio rural, no passado, existiram diversos agrupamentos de *bailes de congos*. Entre os mais antigos são citados o *baile dos congos* de São Benedito, em Conceição da Barra; o *baile dos congos* de São Benedito, no povoado de Santana; o *baile dos congos* de Santo Antônio, de Água Boa, em Córrego de Santana; o *baile dos congos* de São Bartolomeu feito por mulheres no Córrego de Santana; o *baile dos congos* de São Benedito do Bongado, no Sertão de Itaúnas e o *baile dos congos* de São Benedito do Córrego Sapucaia, que se apresentava em São Mateus. Deste último *baile*, segundo as lembranças de Benedito Batista, *congo* no atual *baile* de São Benedito, de Conceição da Barra, participavam seu pai (Izalino Batista), que era contraguia e Ernani Feliciano dos Santos (Miúdo Popopô). Miúdo era o pai de Rosa dos Santos, atual festeira de São Benedito, em Conceição da Barra.

No quadro a seguir apresentamos os *bailes de congos* citados acima e seus mestres que estão na memória dos atuais integrantes dos agrupamentos culturais.

QUADRO Nº 5: BAILES DE CONGOS VIGENTES E NA MEMÓRIA				
Item	Grupo	Mestre	Condição	Localidade
1	Ticumbi ou <i>Baile dos Congos</i> de São Benedito, de Conceição da Barra.	Tertolino Balbino	Vigente	Conceição da Barra
2	Ticumbi ou <i>Baile dos Congos</i> de São Benedito, do Bongado.	Anísio Ribeiro e Vantuil Gomes	Vigente	Sertão de Itaúnas
3	Ticumbi ou <i>Baile dos Congos</i> de São Benedito, de Itaúnas.	José Batista Souto e João Quemodes	Vigente	Itaúnas
4	Ticumbi ou <i>Baile dos Congos</i> de São Benedito, do Angelim Porto dos Tocos.	Caboquinho (Ângelo Camillo)	Vigente	Angelim
5	Ticumbi ou <i>Baile dos Congos</i> de São Benedito, do Sertão de São Mateus. Informações mais antigas: 1945. Os <i>congós</i> afirmam que, às vezes, este baile e o de Manoel Jerônimo se fundiam em um mesmo.	Manoel Jorge de Oliveira (Manoel Sapucaia) Zé de Ana (era secretário no <i>baile</i> e com a morte de Sapucaia se tornou mestre).	Memória	Córrego Sapucaia
6	Ticumbi ou <i>Baile dos Congo</i> de São Benedito, do Povoado de Santana.	Manoel Jerônimo (pai de Tertolino Balbino), falecido em 1951.	Memória	Santana
7	Ticumbi ou <i>Baile dos Congos</i> , de Santo Antônio. Seus integrantes, filhos de Florentino - Manoel (Coxi), Liberis (Roxo), Francebílio (Miúdo) e Mário – se integraram ao baile de São Benedito de Conceição da Barra.	Manoel Florentino que, posteriormente, foi sucedido por seu filho, Florentino Florindo dos Santos.	Memória	Córrego de Santana
8	Ticumbi ou <i>Baile de Congo</i> , de São Bartolomeu.	Mulheres	Memória	Córrego de Santana
9	<i>Baile dos congós</i> , de São Benedito.	Lindolfo de Jesus.	Memória	Droga, hoje denominada Nova Vista.

Segundo Tertolino Balbino, *o baile de congo* de São Bartolomeu, feito pelas mulheres, se apresentava apenas nas casas, sobretudo nas casas de Florentino Florindo e de Acemirol, em Córrego de Santana. O *baile* era feito para São Bartolomeu devido ao fato de as mulheres, assim como os homens, acreditarem que esse santo era o defensor delas, principalmente nos momentos difíceis do parto. São Bartolomeu continua vivo na devoção dos fiéis, pois no Bairro Quilombo, no grande povoado de Sant'Ana, para ele foi erguido um templo religioso católico e, também, para ele existe um grupo de jongo. Entre os integrantes de religiões de matriz africana ali existentes, o mesmo santo é sincretizado com Xangô, o Deus da justiça.

Neste *baile*, por acreditarem na intervenção advocatícia de São Bartolomeu, popularizado como *São Berto*, havia uma corrida de contraguia, que dizia:

Contraguia:	<i>São Berto, eu já fui preso pela fé dos soldados.</i>
Resposta de São Berto:	<i>Filho, vai pra rua, que sou seu advogado...</i>

Devido à crença no poder de *São Berto* entre os integrantes do grupo familiar de Florentino Florindo, seu filho Manoel, conhecido como Coxi, atribuiu o nome do santo a um filho seu: Berto Florentino (conhecido como Berto de Coxi). Atualmente, Berto é guia do *baile dos congos* de São Benedito de Conceição da Barra. Tanto Coxi quanto seus irmãos - Francebílio Alacrino (o Miúdo), Liberis (o Roxo) e Mário Florentino - dançavam nos *bailes de congos* para Santo Antônio, liderado por seu pai, Florentino Florindo dos Santos, e para São Benedito, liderado por Luiz Hilário.

Segundo Berto Florentino, por volta de 1960, quando passou a *brincar no baile dos congos*, seu avô, Florentino, que ainda estava vivo na Água Boa (Córrego de Santana), era quem pronunciava os *discursos do baile*. Esses discursos falavam da morte, das festas, dos conflitos sociais, dos casamentos, dos numerosos filhos, das dificuldades de prover a família e dos poderes extraordinários das espadas dos *bailes de congos* que podem atingir até aviões.

Florentino Florindo, que pronunciava os discursos acima em seu *baile*, era filho de Manoel Florindo e Virgínia, antigos devotos de Santo Antônio e integrantes da *mesa de Santa Maria*. Natalina dos Santos (filha de Florentino Florindo) e seu marido, Gabino Evaristo Rodrigues, primos em segundo grau e *festeiros* de São Benedito por mais de 20

anos, guardam em sua casa, em Conceição da Barra, imagens de Santo Antônio e de Santa Maria que pertenciam ao casal Manoel Florindo e Virgínia. Nas festas de São Benedito de 2008 e de 2009, a festeira foi Maria Antônia, filha de Natalina e Gabino.

Dentre esses antigos integrantes dos *bailes de congos*, podemos retomar a memória sobre Acendino dos Santos, elaborada por sua esposa e viúva, D^a Laudemira, e por seus filhos Arquimino, Getúlio e Laudemira (filha). Segundo Dona Laudemira (*08/04/1921), seu pai, Manoel Graciano, era *Rei Bamba* e Gonçalo Valentim, pai de Acendino, era *Rei Congo* no *baile dos congos* de São Benedito, em Santana, onde o mestre era Manoel Jerônimo (pai de Tertolino Balbino). *Eles só deixaram quando morreram. O meu avô, pai do velho Acendino, morreu em 1961. Inclusive, o meu avô morreu aqui em casa, em abril de 61. Ele tinha 75 anos* (Laudemira dos Santos, filha de Acendino. Córrego do Alexandre, Roda D'Água, 03/01/2008). Disso se conclui que Gonçalo Valentim nasceu em 1886, dois anos antes da assinatura da Lei Áurea, mas, ao que relata sua nora e um de seus netos, era filho de uma *africana alforriada*.

O pai (Gonçalo Valentim dos Santos) e os avós paternos de Acendino (Cecília e Manoel Valentim), de acordo com seus descendentes, eram moradores do Córrego Fundo. Cecília, segundo seu neto Clóvis dos Santos e seu bisneto Getúlio, era uma *africana alforriada* e irmã de Marcolina (mãe de Luiz Hilário e esposa de Hilário – *um africano nagô*, como afirma sua neta Luzia dos Santos). Hilário e seu filho Luiz eram antigos mestres do *baile dos congos* para São Benedito e moradores do Angelim do Meio. Quando da morte de Cecília, Getúlio (nascido em 1951) estava com sete anos de idade e o senhor Clóvis (nascido em 1934) estava com 24 anos, o que nos remete a dizer que Cecília faleceu em 1958. As estimativas dos netos e bisnetos é que a referida avó e bisavó teria falecido com cerca de 130 anos de idade, o que, segundo Laudemira, sua bisneta, constava da certidão de óbito da mesma, que fora guardado por Acendino. Getúlio argumenta que sua bisavó Cecília teria vindo da África e que ele teria herdado dela parte de seus saberes relativos aos *trabalhos na mesa de santo*.

Gonçalo Valentim dos Santos, filho de Cecília, ao estar no leito de morte, conforme Dona Laudemira, teria transmitido sua *espada*, símbolo do seu reinado do Congo, para seu filho Acendino, gesto que, como veremos abaixo, segundo Arquimino, Acendino teria

pedido a Rogério Medeiros que se repetisse em seu velório e que sua espada fosse transmitida para o filho Arquimino dos Santos.

Ele era Congo e depois de Congo ele passou a ser secretário. Aí, depois de secretário, ele terminou como Rei. Perdeu as vistas, já não pôde mais. Para brincar de secretário tem que ter as vistas. Aí ele foi e passou pra ser Rei. E terminou como Rei de Congo. (...) Ele brincou um bocado de tempo. Desde quase criança que ele brincava, com quinze anos que ele começou. Foi sim, foi a história dele. Com quinze anos ele começou e depois nunca mais saiu. Morreu com oitenta e quatro anos. Eu que assumo o lugar dele agora. (...) Ele amava muito o Ticumbi. Ele saiu, mas... só pode ser determinado por Deus, né? Porque ninguém vai querer perder as vistas, porque ele perdeu as vistas e não pôde mais brincar de secretário e ficou de Reis. Ficou no lugar de Reis. Porque Reis era só falar. E ainda ficou com a espada. Depois que ele morreu, seu Rogério (Rogério Medeiros) passou a espada dele pra mim, a espada que era dele. Mas já tinha outra espada que brincava, mas ele tinha uma espada dele mesmo. (...) Eu mesmo não sabia desta história, mas aí, na hora que a gente tava lá no velório dele, aí ele passou a espada pra mim. Ele falou que se ele morresse, que era pra passar a espada pra mim (Arquimino dos Santos. Roda D'Água, 03/01/2008).

Ao que relata Quino, seu pai participou por 69 anos no *baile dos congos*, pois ele morreu em 2007 com 84 anos e vinha participando desde os 15. Disso se conclui que Acendino estava no *baile* desde 1938. Por isso, como veremos adiante, um dos discursos de Quino sobre a espada pronunciado nos *bailes de congos* de 2008 e de 2009 está relacionado com sua genealogia, visto que, segundo ele, a tradição da espada no *baile* vem de seu bisavô, Manoel Valentim.

3.2 – BAILES DOS CONGOS DE SÃO BENEDITO VIGENTES

a) A memória do *baile dos congos* de São Benedito de Conceição da Barra

Tertolino Balbino, o popular Terto, mestre do *baile dos congos* de São Benedito de Conceição da Barra, também conhecido como *baile de congo dos pretos*, ao relatar os acontecimentos de seu tempo de infância, relembra o lugar em que morava, no Córrego do Nativo, nas proximidades do Córrego do Soares, onde seu pai tinha um *terreno* que, atualmente, faz parte do *grande território quilombola do Sapê do Norte*. Seu pai, Manoel Jerônimo, segundo o mesmo mestre, faleceu em 18/12/1951, quando era mestre do *Ticumbi*

de São Benedito, no povoado de Nossa Senhora de Santana (ou simplesmente povoado de Santana), no mesmo município. Após a morte de seu pai, Terto passou a brincar no *baile* liderado por Luiz Hilário, seu padrinho, onde desempenhou por dois anos o papel de *primeiro congo*.

Relembra que seu pai, assim como os demais *congos*, *tinham pouca leitura, mas eram muito inteligentes*, pois *demandavam* entre si através dos versos. Manoel Jerônimo, mestre de um *baile dos congos* e pai do atual mestre, teria tido acesso à parte da escrita da língua portuguesa através da cartilha do ABC, denominada por eles, na época, de *carta do ABC*, e ensinado a sua esposa, Deolinda Balbina do Rosário, algumas letras. Também lhe ensinou a *tirar versos* para que os dois pudessem treinar as *demandas* discursivas em casa. A partir de então, Deolinda teria inventado o verso apresentado abaixo, mas, segundo Terto, fora proibida pelo marido de cantar para além do universo das demandas discursivas domésticas.

*Nosso mestre está dizendo
Que dessa carta nós não sai
Ele ensinou as letras todas
E esqueceu das outras vogais...*

Os versos acima podem ser interpretados, também, como uma crítica ao sistema de educação formal, onde o autoritarismo político brasileiro, historicamente centrado no analfabetismo, entendia que o acesso ao processo de escolarização, por parte das classes sociais desfavorecidas, poderia trazer problemas para os governantes. Por isso se deveria ter acesso a apenas parte da educação formal. Deste modo complementa Terto: *As outras vogais além da letra “A”, ele não sabia ler e ele jogou isso pros outros: quem foi que te mandou, que não te mandou ensinar*. Assim, os líderes autoritários, que comandam pela força, podem temer *ensinar*, visto que também *sabem* apenas *parte* daquilo que se *ensina e aprende*, pois vem de outros universos culturais. *Ela cantou em casa, mais o mestre proibiu...* (Terto).

Segundo o mesmo mestre, todos os *bailes de congos* sempre foram para São Benedito, embora possam aparecer nomes de outros santos, mas a tradição desses *bailes* é ser para São Benedito. Tertolino relembra que até o início da década de cinquenta do século XX havia o *baile dos congos* de São Benedito em Santana, que tinha o seu pai como

mestre, e havia o *baile dos congos* de São Benedito em Conceição da Barra, onde o mestre era seu padrinho Luiz Hilário. Em 1954, aos 21 anos de idade, após a morte de Luiz Hilário, Terto assume temporariamente a liderança do *baile* dele e unifica os *bailes* de seu pai e de seu padrinho.

O mestre Luiz Hilário dos Santos, embora liderasse um grupo de *congos* que fazia festa para São Benedito na cidade de Conceição da Barra, não morava na cidade, mas no meio rural, às margens do córrego do Angelim, onde ainda hoje se encontra uma de suas sobrinhas, a senhora Luzia dos Santos, filha de Teófilo Hilário, irmão de Luiz. Teófilo, posteriormente, se tornaria o sogro de Terto. O lugar hoje é denominado comunidade quilombola de Angelim do Meio ou Angelim Dois. Deste modo, Terto casa-se com Bárbara dos Santos (nome dado em homenagem à Santa Bárbara), filha de Teófilo e sobrinha de seu padrinho, Luiz Hilário. A respeito do lugar e da herança de Terto e Bárbara, o filho do casal, que brinca no *baile* como *reis congo*, diz: *Nós somos do Córrego do Angelim. Que também é uma comunidade quilombola. Nós somos do Angelim Dois. Nós tínhamos terras lá, tínhamos terra nesta comunidade. Ai depois dessa monocultura nós viemos para a cidade* (Jonas dos Santos Balbino. Conceição da Barra, 01/01/2008).

Vocês querem saber onde morava o mestre de congo? Luiz Hilário morava no Cearense, perto do Angelim. (...) Ele era um homem que trabalhava na lavoura, um agricultor, e morava no Córrego Cearense. Era perto do rio Angelim. Ele tinha a obrigação, a devoção, de fazer o Ticumbi de São Benedito. Os pais dele moravam no Córrego de Santana, mais eu não alcancei o pai dele mexendo com o Ticumbi, mais o filho que era o Luiz Hilário eu alcancei com o Ticumbi... E quando ele morreu em 1954 eu peguei a responsabilidade do Ticumbi, eu morava lá perto no Córrego do Soares, abaixo do Córrego Canivete e depois eu passei a morar no Angelim... Depois que eu me casei... (...) ...e hoje moro aqui em Conceição da Barra por causa de doença. (...) O Luiz Hilário foi mestre muitos anos. Eu era rapazinho e entrei no Ticumbi com a base de uns dezoito anos e eu vim pegar o Ticumbi em 1954. Ele morreu com, mais ou menos, uns setenta e cinco anos. Naquele tempo a pessoa não prestava assunto em nada, não decorava nada, não tinha depoimento nenhum, como acontece hoje em dia mesmo... A gente vê as coisas, deixa de saber, não pega explicação... Eu, só sei que eu recebi esse Ticumbi em 1954 e daí pra cá eu vim continuando, fiquei afastado três anos... Três anos, depois de 1954, porque o Bernardo Pedro logo assim que eu cheguei de São Paulo, ele pediu para pagar uma promessa de um ano, de um ano ele gostou e ficou três anos... Não ficou mais porque o próprio pessoal aqui do comércio não aceitava mais ele, porque ele primeiro se era de corrigir era corrigido, porque saía pra tomar uma pingazinha, né? E os componentes continuava. Ele não podia proibir porque ele tinha que dar o

exemplo... Então eu voltei novamente e estou até hoje... (Tertolino Balbino. Conceição da Barra, 18/05/2008).

Em junho de 1954, o folclorista Guilherme Santos Neves convocou os vários agrupamentos de cultura popular do Espírito Santo para uma seleção, em Vitória, que viria a ocorrer no mês de julho do mesmo ano, com a condição de que os que ficassem em primeiro e segundo lugares viajariam para São Paulo a fim de participar de um evento em homenagem ao quarto centenário de fundação da cidade. Para participar desta seleção, entre os agrupamentos culturais do norte foram escolhidos dois grupos: o *baile dos congos de São Benedito* liderado pelo mestre Luiz Hilário e o liderado por Benedito Guilherme (conhecido como *Véio*), pai de Sebastião Guilherme (o *Tião de Véio*), atual dono de *reis*, ambos do meio rural do município de Conceição da Barra. Como esses dois agrupamentos eram formados quase que exclusivamente por *pretos*, os *congós* teriam acreditado na intervenção de São Benedito na escolha deles. A esse respeito, Terto afirma: *com a proteção e a ajuda de São Benedito, o Ticumbi ficou em primeiro e o reis de Véio ficou em segundo*. Entretanto, ao final daquele mês de julho, antes de viajar para São Paulo, o mestre dos *congós* – Luiz Hilário - veio a falecer, tendo então Tertolino que assumir a responsabilidade que era de seu padrinho, mesmo sendo ele o integrante mais jovem do grupo.

Naquele mesmo ano, logo após o retorno de São Paulo, segundo nosso entrevistado, Bernardo Pedro lhe solicitou que abrisse mão da liderança do *baile* por apenas um ano para que ele pudesse pagar uma promessa como mestre. A pedido de sua mãe, Deolinda Balbina do Rosário, Terto atendeu à solicitação de Bernardo, que ficou no cargo por três anos, conduzindo o *baile* sob a acusação de que todos os *congós* estavam consumindo bebidas alcoólicas durante o ritual, até que o povo devoto de São Benedito interferiu para que o mestre pagador de promessas se afastasse do cargo. Se o mestre consome bebidas alcoólicas no decorrer do *baile*, na acepção dos *congós* atuais, ele concede o direito aos demais componentes do *baile* a saírem do *cordão* para fazerem o mesmo.

Em 1958, depois de ter invocado, segundo Tertolino, a proteção e a ajuda de Deus e de São Benedito, ele reassume a liderança dos *congós* para mantê-los sob uma tradição de respeito à autoridade do mestre, que vinha desde a época do *africano* Hilário, pai de Luiz

Hilário, restaurando, assim, o controle do reinado negro dos *congós* de São Benedito, onde, por questão de *tradição*, entram apenas os *pretos*.

No passado, segundo Jonas Balbino, filho do mestre supracitado, essa tradição era eminentemente rural, pois os *reis congo* e *bamba no baile dos congós de São Benedito* de Conceição da Barra, assim como todos os *congós*, viviam nas comunidades quilombolas do meio rural. Atualmente, dos dezoito integrantes do *baile*, sete estão na cidade e os demais permanecem no meio rural. Mesmo os que moram na cidade, vieram do meio rural e lá ainda permanecem seus familiares.

b) Os ensaios do baile

Os ensaios do *baile dos congós* de São Benedito de Conceição da Barra, tradicionalmente, iniciam-se nos primeiros dias do mês de outubro e sempre ocorreram no meio rural, principalmente nas casas dos integrantes do *baile* ou junto às famílias devotas do santo, capazes de guardar os segredos dos ensaios dos *congós* de São Benedito. O três primeiros ensaios eram na casa do mestre e, quando o grupo já havia memorizado parte das canções, os ensaios seguintes passavam a ocorrer na casa de devotos que convidavam. Terto lembra de seus anos de ensaios em uma época em que não existiam estradas e nem transporte em veículos automotores, quando o mestre e os *congós* se deslocavam a pé ou a cavalo. Era uma época em que existiam muitas matas e muitos moradores, até a década de sessenta do século XX, antes da chegada da monocultura do eucalipto. Os ensaios eram feitos nas noites escuras, que eram iluminadas à lamparina e lampiões regados ao azeite de dendê, de baga ou ao querosene. Na atual vila de Braço do Rio, não havia comércio, mas muita mata e numerosas famílias que viviam da produção de farinha, beiju, feijão, milho, azeite de dendê, criação de animais, pesca e caça. Como relatou-nos o mestre Tertolino Balbino, esses ensaios sempre ocorriam após a *reza da ladainha* e eram seguidos de um forró.

Nesses ensaios, que geralmente decorrem por toda a noite, tanto no passado quanto no presente, conforme nos relatou Tertolino e como observamos no decorrer de nossa pesquisa de campo, por volta das 23 horas o dono da casa oferece um jantar. O cardápio tradicional é composto basicamente de arroz, feijão, farinha e carne de porco. No dia seguinte, bem cedo, os *congós* são alimentados com café, beijos e bolos.

Com o processo de migração forçada dos quilombolas do meio rural para o urbano, em função da expropriação de seus territórios, Tertolino observa que houve uma drástica redução da população rural e um distanciamento geográfico cada vez maior entre as áreas de residência. Por isso, segundo ele, com a criação da Associação de Folclore de Conceição da Barra, os grupos associados conseguiram, por meio de um convênio celebrado entre a Prefeitura de Conceição da Barra e a Petrobras, a construção de quatro galpões onde realizam os ensaios. Ao mesmo tempo em que significou uma conquista política dos grupos associados, ao que deixa transparecer a opinião do mestre houve uma redução no processo de interação entre os *congós* e as famílias devotas de São Benedito.

c) A busca do Santo

Como ocorre todo último dia do ano, na manhã de 31 de dezembro, como observamos e participamos nos anos de 2007 e 2008, os *congós*, saindo do Porto Grande e do Porto de São Benedito, subiram rio acima de barco a motor até à comunidade das Barreiras, que fica do outro lado do rio Cricaré, ao encontro e em busca de um *santo negro*, popularizado entre eles como *São Beneditinho das Piabas* e, depois, *São Bino das Barreiras*, cuja narrativa sobre seu aparecimento será retomada mais adiante. Após saírem dos barcos, foram cantando e tocando seus pandeiros até à igreja de *São Beneditinho* ou *São Bino*, para buscarem o Santo. Ali, nos últimos dias dos anos de 2007 e de 2008, enquanto o grupo das Barreiras desceu em um barco conduzindo a imagem de *São Bino* sob os cantos e toques dos tambores do *Jongo de São Benedito das Barreiras*, os *congós de São Benedito* desceram em outro barco, também cantando e tocando seus pandeiros para o mesmo Santo. Um terceiro barco a motor conduzia os acompanhantes e devotos do Santo.

A respeito do transporte aquático do Santo, dos *congós* e dos devotos, vale lembrar que, no passado, segundo a memória dos entrevistados, quando não havia barcos a motor, esse percurso era feito em canoas de madeira fabricadas artesanalmente e movidas a remo pelos próprios quilombolas e pescadores. As mesmas canoas que eram usadas para o escoamento da produção nos diversos rios, entre os quais o Santana, o São Domingos e o Cricaré, também eram usadas para conduzir a imagem do Santo e seus devotos.



Comunidade das Barreiras conduzindo a imagem de São Beneditinho para a margem do rio para embarcar o barco. Foto: Osvaldo M. Oliveira, 31/12/2008.



Barco conduzindo devotos de São Benedito durante a busca do Santo. Foto: Osvaldo M. Oliveira, 31/12/2008.



Barco conduzindo o jongo das Barreiras durante a descida pelo rio Cricaré. Foto: Osvaldo M. Oliveira, 31/12/2008.



Parte interna do barco que conduziu os integrantes do baile de congos de São Benedito na busca do santo. Foto: Osvaldo M. Oliveira, 31/12/2009.

No percurso rio abaixo e na chegada ao cais do porto de Conceição da Barra, os devotos explodem várias caixas de fogos para anunciar e exaltar a chegada e o nome do Santo à cidade. No cais, um grande número de devotos, com uma imagem maior do mesmo Santo, denominada *São Benedito padroeiro*, recepciona *São Bino*, seus *guardiões* e os *congós*. Dali, os *congós* saem em *marcha* pela cidade, e o primeiro ato foi ir até à igreja matriz visitar Nossa Senhora da Conceição e *pedir licença* a ela para festejar São Benedito. Enquanto *São Benedito Padroeiro* é conduzido pelos *congós* até sua igreja, os *guardiões de São Bino das Barreiras* passam de casa em casa com a pequena imagem, visitando devotos e *tirando esmolas*, como afirmam alguns, ou, como dizem outros, *pedindo auxílio* para, posteriormente, realizar a festa do Santo na comunidade das Barreiras.

Após deixar a imagem do *Santo Padroeiro* em sua igreja, *os congos*, assim como os *guardiões de São Bino*, no último dia dos anos de 2007 e 2008, se dirigiram à casa da *festeira* Rosa dos Santos Dealdina para o almoço. Neste mesmo último dia do ano de 2007 e 2008, o jantar dos *congos* ficou a cargo de outras mulheres quilombolas, integrantes da família Cardoso, como Luciana (filha do *congo* Silvany Cardoso) e Domingas Cardoso (irmã de Silvany) em 2007 e Maria Cardoso Batista (esposa do *congo* Benedito Batista) em 2008.

Vale a pena, a essa altura do texto, tecer uma breve reflexão sobre a questão da sequência de *licenças* a que, historicamente, os *congos* e demais integrantes das *comunidades quilombolas* sempre tiveram que pedir para festejar São Benedito ou realizar outros de seus rituais públicos. Dentre as *licenças* que os *congos* tinham que pedir às autoridades da cidade e que, simbolicamente, atualmente continuam pedindo em *marcha* pelas ruas no dia 31 de dezembro, um dia antes do ritual do *baile*, estão: ao Juiz de Direito no Fórum, ao Prefeito na Prefeitura e ao Delegado de Polícia na Delegacia. A obrigação de solicitar a permissão para realizar os rituais não se devia simplesmente ao fato de os escravizados do passado estarem realizando um divertimento festivo, mas, sim, em razão de que associada à festa estava o descontentamento dos africanos e seus descendentes com a escravização, pois as reuniões para batuques, festas e rezas de ladainhas eram um meio utilizado para a mobilização política dos escravizados. Nas festas, os *quilombolas* apareciam de surpresa para realizarem as rebeliões e promoverem as fugas em grande escala, como verificamos na documentação e na bibliografia analisada no primeiro relatório deste inventário preliminar. Por isso, no passado, até meados do século XX, como se verifica no documento abaixo, as rezas de ladainha realizadas pelos *quilombolas*, onde ocorria a hibridização das divindades africanas com as católicas, e *a festa dos pretos* - africanos e seus descendentes – era sempre motivo de desconfiança para quem impunha e exercia o poder pela força e não pelo consentimento dos dominados.


 ESTADO DO ESPÍRITO SANTO
 SESP — POLÍCIA CIVIL
 FUNDO ESPECIAL DE SEGURANÇA PÚBLICA - FESP - ES

ALVARÁ Nº **9439**
ANUAL

O Sr. Delegado de Polícia de Conceição da Barra - ES
 Atendendo ao que requereu **TERTOLINO BALBINO**

Resolve conceder-lhe licença, de acordo com o a Lei em vigor
T I C U M B I
 , funcionar com **Ensaio Folclóricos**
 com quartos, sita à neste município de nº
 denominado **Conceição da Barra** e apresentação de propriedade
 de: **requerente** e tendo como
 responsável: **o próprio requerente**.

Pagou a Taxa de Cr\$ **ISENTO** (- -)

Conforme GR - Nº **ISENTO-FOLCLORE** de / / 19

O presente Alvará terá validade até **03** de **JAN** de 19 **87**
 sujeito à fiscalização policial.

Conceição da Barra, 22 de outubro de 19 **86**

1ª via — Ao contribuinte, juntamente com a 5ª via do C.R.
 MOD. 001 - FESP.

Delegado de Polícia
Goão Lello Pereira
 QOPM - BB 2594-5 Impresso no DIO

Alvará obtido na Delegacia de Polícia pelo mestre do *Baile dos congos* (Ticumbi) de Conceição da Barra. Documento mantido sob a guarda de Tertolino Balbino e que tivemos acesso em 20/01/2009.

SERVIÇO PÚBLICO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

DELEGACIA MUNICIPAL DE POLÍCIA DE CONCEIÇÃO DA BARRA-ES.

A U T O R I Z A Ç Ã O



O Sr. JOSÉ CARLOS NUNES PROTA, Resp/
pelo expediente da Delegacia de Polícia de
Conceição da Barra-ES, no uso de suas atri-
buições legais, etc, etc,

Pelo presente, concede licença para que o
Sr. TERTULINO BALBINO, com 56 anos de idade, filho de Manoel Jeroni-
mo e de Declinda Balbino Jeronimo, Natural deste Estado, casado, re-
sidente à Rua São José, nº 48, nesta Cidade, para que o mesmo faça
os ensaios do TIGURI em homenagem a São Benedito, e bem assim efe-
tuar uma festa no dia 1º de Janeiro do próximo ano, que os ensaios
deverão ser de outubro a dezembro do corrente ano, em diversos lug-
res deste Município.

Conceição da Barra-ES, 19 de outubro de 1939.

Última autorização que teve que ser tirada pelo mestre do *Baile dos congos* de Conceição da Barra.
Documento mantido sob a guarda de Tertolino Balbino e que tivemos acesso em 20/01/2009.

Em relação à pequena imagem conhecida como São Benedito das Barreiras ou das Piabas, existe um verso que vaga pela memória de nossos entrevistados que diz:

*São Benedito das Piabas
Morador do Córrego Fundo
São Benedito foi-se embora
Deixou saudades no mundo.*

O verso acima se refere a uma outra narrativa local sobre a pequena imagem do Santo, que nos foi relatada por seu atual *guardião*, que se chama Santos Reis (devido ao fato de ter nascido no dia de Santos Reis, 06 de janeiro). Disse-nos que um *escuro* e sua mulher haviam encontrado São Benedito no Córrego Fundo e doado como um presente a um morador das Barreiras, seu avô. Como o referido *guardião* afirmou não lembrar mais quem era a pessoa que havia doado o *Santo* ao seu avô, mestre Tertolino Balbino, mais velho, complementou:

Eu soube que foi o finado Hilário que encontrou o Santo... Porque ele vinha pescar... que nesse rio aí das Barreiras, pescava de tarrafa. Ele estava no rio, alguém tinha jogado São Benedito no rio, e o acontecido é que ele pegou São Benedito na tarrafa e levou para o avô dele (avô de Santos Reis). É o pai de Luiz Hilário... (...) Eu acho que é por isso que tem essa relação de sair daqui e pegar São Benedito no Córrego Fundo. Eu acho que é por causa disso... É uma tradição que eu encontrei e vou deixar... (Tertolino Balbino. Oficina do INRC, 18/05/2008).

Cabe lembrar que, segundo os relatos da memória social, Marcolina, esposa de Hilário, tinha uma irmã – Cecília, casada com Manoel Valentim - que morava no Córrego Fundo. Isso, talvez, explique o fato de o Hilário se deslocar para essa localidade a fim de pescar, pois antes freqüentara o Córrego Fundo para namorar e depois casar com Marcolina.

Depois que aquela imagem de São Benedito foi doada aos moradores das Barreiras, segundo Santos Reis, existiam uns *escuros* – integrantes das comunidades quilombolas - do lado esquerdo da corrente do rio Cricaré, portanto no oposto a Barreiras, dizendo que o *Santo* era deles e o queriam de volta. Seu avô, a contra-gosto de si e do doador, teria devolvido o *Santo* aos *escuros* por diversas vezes, mas o mesmo, inexplicavelmente, retornava para as Barreiras. Por isso, o primeiro *guardião* do *Santo* construiu uma igreja

para ele na localidade e, desde então, ali se faz festa para São Benedito, onde os *congos* se fazem presentes e dela participam.

O São Benedito de lá, a gente chama de São Benedito das Piabas. (...) São Benedito chegou lá, através do meu avô. Meu pai contava pra nós que não tinha São Benedito lá. Ele foi achado num córrego e lutaram muito pra não dar pra eles... Aí, pegava aqui na Barra, meu avô ia lá e continuava... Era umas pessoas que brigava pra poder panhar São Benedito. Aí, foram buscando, e eles entregaram pra meu avô. Meu avô construiu uma igreja e botou ele lá onde fica até hoje, na igreja. (...) Meu avô brigava pra não entregar o Santo, porque quem deu pra ele não queria que ele entregasse pra ninguém. Então eles iam panhar. Eles queriam panhar o Santo. Minha avó contava que eles prendiam o Santo num lugar, que não sei qual era, e ele saía e ia pra uma pedra que se chama Poço Grande. Meu avô ia lá, pegava ele e levava para as Barreiras. E isso foram várias vezes pra ver se conseguia ficar com ele aqui (do lado dos escuros). (...) Então, a gente já vem trabalhando há muito tempo. Então tem a descida do rio Cricaré e depois da descida tem a festa. Era o meu avô que mexia e passou pra meu pai. (...) Um dia meu pai caiu doente e disse que não ia mais voltar e que era pra gente tomar conta. (...) Eu tomei a responsabilidade. Aí venho trabalhando... (...) Meu avô vinha buscar de canoa no remo, naquela dificuldade. Eu era novinho e vinha com meu pai... Não deixou acabar e estamos até hoje. Na cultura de hoje, a gente vai explicar para as pessoas e elas pensam que é brincadeira, mas não é brincadeira não. Toda vez que a gente vai pra igreja, eles pensam que é brincadeira, pensa que é um pagode que a gente está explicando pra eles. Às vezes, as pessoas vão para o baile, mas não presta atenção... Não entende que é uma obrigação... É por isso que, no meu grupo, eu ensino e quando ele não quer... Eu digo que ele não quer prestar atenção... Eu tenho três filhos e todos três estão na minha cultura. Eu ensino pra eles, que quando eu morrer eu vou deixando pra um deles assumir. (...) Tem trinta pessoas no meu grupo hoje. A gente vem se organizando. Meu pai disse que era pra ter responsabilidade e não deixar acabar. Aí eu passei a tomar conta e estou até hoje. Tenho meu sobrinho que mexe com reis e sei tirar música da folia e também dos reis. Ensino pra eles pra não deixar acabar (Santos Reis. Oficina do INRC, 18/05/2008).

Enquanto os moradores das Barreiras classificam os *congos* e *quilombolas* como *escuros*, estes se classificam como *pretos* e, por sua vez, classificam os das Barreiras como *pessoal de origem de caboco* e como *índios*.

Na relação entre os das *Barreiras*, que estão localizados do lado direito da corrente do rio Cricaré, e os *pretos*, *congos* e *quilombolas*, que estão à esquerda da corrente do mesmo rio, verificamos a existência de alianças sociais e políticas perpassadas pelo patrimônio cultural, como casamentos, festas e religiosidades. Doar e receber a imagem do *Santo*, definido localmente como *São Benedito das Piabas*, *São Bino* ou *São Beneditinho*,

como verificamos nos relatos anteriores, implicou na continuidade de alianças recíprocas de mão-dupla, onde *os das Barreiras* mantêm a *responsabilidade* de participar da festa dos *congós* de São Benedito dos *pretos* como se fosse a sua, e os *congós* tomaram para si a *responsabilidade* de participar da *festa de São Benedito das Piabas* na comunidade *das Barreiras* como se pertencessem àquela comunidade.

3.3 - OS BAILES DOS CONGOS E SUA ESTRUTURA ORGANIZATIVA

O *baile*, segundo o que observamos e ouvimos, é uma estrutura ritual composta por diversos atores, entre os quais o *mestre* (também um dos *congós*), os *congós*, os *festeiros* e os *acompanhantes* que se fazem presentes desde os primeiros ensaios. No quadro a seguir, apresentamos os atores do *baile dos congós de São Benedito* e suas ações e papéis desempenhados no ritual. Neste quadro procuramos sistematizar de forma sucinta os componentes do ritual do *baile dos congós* e suas ações. Cabe observar que nem sempre este quadro é seguido à risca, visto que, na prática, às vezes, algum integrante pode faltar em meio ao período dos ensaios por motivos de afastamento indisciplinar ou, ainda, de falecimento, tendo o mestre ou o dono do grupo que ser criativo na reorganização do *baile* e o modelo apresentado não corresponder à reorganização do ritual. O quadro corresponde ao que Ângelo Camillo (Seu Caboquinho), *violeiro* e *dono* do *baile dos congós* de São Benedito de Angelim Porto dos Tocos, denominou como *a tradição correta dos bailes de congós*, que, segundo ele, apenas o *baile* liderado por Tertolino Balbino teria procurado seguir nos últimos anos.

QUADRO Nº 6: O BAILE E AS AÇÕES DOS CONGOS	
Componentes / Cargo	Papéis e ações
Dono do Baile	No caso dos <i>bailes dos congós</i> de São Benedito do Bongado e do Angelim, os <i>donos dos bailes</i> desempenham ações dentro do ritual, sendo que no primeiro e no segundo baile, os <i>donos</i> são também <i>violeiros</i> . O <i>dono do baile</i> é responsável pela organização e gestão da festa, convidar novos integrantes pra o baile e representar o grupo nas relações com autoridades e instituições externas. No <i>baile dos congós</i> de São Benedito de Conceição da Barra, não se emprega o termo dono e as ações destinadas a ele são

		desempenhadas pelo mestre.
1ª Dupla	Mestre	Compor as músicas e responder pela memória e tradição do grupo. No cordão do baile, tocar pandeiro, dançar e cantar em primeira voz.
	Ajudante do mestre	Tocar pandeiro, dançar e contar em segunda voz.
2ª Dupla	Contraguia	Tocar pandeiro, liderar a corrida de contraguia, dançar e cantar em primeira voz.
	Contraguia	Tocar pandeiro, dançar e cantar em segunda voz.
3ª Dupla	1º Congo	Tocar pandeiro, dançar e cantar em primeira voz.
	1º Congo	Tocar pandeiro, dançar e cantar em segunda voz.
4ª Dupla	2º Congo	Tocar pandeiro, dançar e cantar em primeira voz.
	2º Congo	Tocar pandeiro, dançar e cantar em segunda voz.
5ª Dupla	3º Congo	Tocar pandeiro, dançar e cantar em primeira voz.
	3º Congo	Tocar pandeiro, dançar e cantar em segunda voz.
6ª Dupla	4º Congo	Tocar pandeiro, dançar e cantar em primeira voz.
	4º Congo	Tocar pandeiro, dançar e cantar em segunda voz.
7ª Dupla	Rei de Congo	Realizar a festa de São Benedito, pronunciar a embaixada <i>Real</i> , desafiar o Rei de Bamba com sua espada, declarar guerra e batizar o Rei de Bamba.
	Secretário do Rei de Congo	Transmitir mensagens de seu rei, pronunciar embaixadas, desafiar o Rei de Bamba e seu secretário com sua espada, bem como prender o secretário do Rei de Bamba.
8ª Dupla	Rei de Bamba	Pronunciar embaixada <i>Real</i> , declarar guerra ao Rei de Congo e desafiá-lo com sua espada.
	Secretário do Rei de Bamba	Transmitir mensagens de seu rei, pronunciar embaixadas e desfiar com sua espada o Rei de Bamba e seu secretário.
	Violeiro	Tocar a viola ao lado de São Benedito.
	Porta Bandeira	Conduzir a bandeira de São Benedito.

O *baile dos congos*, tal como é apresentado para São Benedito, segundo Tertolino Balbino, contém dezesseis partes que serão descritas neste relatório a partir do que observamos e gravamos das apresentações de três *bailes de congos* em janeiro dos anos de 2008 e 2009. Além do que observamos e gravamos, obtivemos documentos junto aos mestres que escrevem as canções e as partes dos bailes, que nos ajudarão nesta descrição. As partes do baile, segundo Tertolino e Ângelo Camillo, são: 1) marcha de rua; 2) marcha de entrada; 3) entrada do rei para o fronte; 4) entrada para a volta do contraguia; 5) volta para a corrida do contraguia; 6) corrida de contraguia; 7) entrada do contraguia; 8) volta para as embaixadas; 9) embaixadas dos reis; 10) três guerras; 11) batizado do Rei Bamba;

12) Impire; 13) volta do corpo do baile com os versos; 14) volta do *Ticumbi* com os versos; 15) roda grande; 16) marcha de retirada.

a) Parte 1 – *Marcha de Rua*

No primeiro dia do ano diversos integrantes do *baile dos congos* de São Benedito de Conceição da Barra se arrumam na casa do mestre, outros em suas próprias casas ou casas de parentes que moram na cidade, e vão fazer a *representação*, como afirmam, na porta da igreja de São Benedito. Os *congos* paramentam-se em trajes rituais: *batas* brancas (compostas de camisas de mangas longas e *saiotes* de rendas), calças e calçados brancos, mantos longos, fitas coloridas e chapéus ou *capacetes* (enfeitados por eles mesmos e seus familiares com flores de papel crepom e fitas) que são colocados na cabeça sobre lenços brancos. Na perspectiva dos *congos*, estas vestes rituais simbolizam as vestimentas das realezas africanas que, na atualidade, eles usam para homenagear um negro que ascendeu à glória do trono sagrado, São Benedito. Por isso, um *congo* é um ator de um ritual não apenas político, mas também sagrado, visto que acreditam que tudo é feito para a glória de São Benedito e do Menino Jesus que leva em seus braços. Neste sentido, todas as famílias dos *congos* se envolvem e são capazes de gastar seus últimos centavos, solicitando auxílios de devotos de outras regiões do Estado do Espírito Santo e de simpatizantes de São Benedito e sua festa, para que a mesma seja realizada em grande estilo.



No dia da festa, estando todos paramentados como determina a tradição do ritual, os *congos* saem da casa do mestre em cortejo (ou *acompanhamento* como afirmou um *congo*)

pelas ruas da cidade de Conceição da Barra passando pelas casas das *festeiras* convidando-as para a missa do padroeiro São Benedito, que será celebrada antes da apresentação do ritual. No primeiro dia dos anos de 2008 e 2009, enquanto os *congos* convidavam as *festeiras*, cantaram em todo a *marcha de rua*, as seguintes canções:

<i>Marcha de rua de 2008</i>	<i>Marcha de rua de 2009</i>
<i>São Benedito já sabe</i> <i>Quando nós estamos chegando (bis)</i> <i>E ele avisa a Jesus Cristo</i> <i>Pra ficar esperando.</i>	<i>Vamos reunir devotos</i> <i>E avisar nossos festeiros</i> <i>Que já é hora da missa</i> <i>Do nosso padroeiro.</i>



As *festeiras* Maria Antônia Rodrigues, à frente, e Maria Cardoso Batista, atrás, no cortejo do ritual depois de terem sido convidadas para a missa. Foto: Osvaldo M. Oliveira, 01/01/2009.



As *festeiras* Maria Cardoso Batista, à direita, e Rosa Dealdina, à esquerda, no cortejo do ritual depois de terem sido convidadas para a missa. Foto: Osvaldo M. Oliveira, 01/01/2009.

Os *bailes dos congos* que se apresentam em Itaúnas não têm a *marcha de rua* e iniciam o ritual com a *marcha de entrada*.

b) Parte 2 – *Marcha de entrada*

Nesta e nas partes seguintes, colocaremos lado a lado, em duas colunas, os versos das canções dos *bailes dos congos* de São Benedito de Conceição da Barra e do Bongado, escritos por Tertolino Balbino e Vantuil Gomes. Vale dizer que esses bailes são diferentes, por isso nem sempre as partes são as mesmas.

Conceição da Barra Mestre: Tertolino Balbino	Bongado Mestre: Vantuil Gomes
<i>Meu bom Jesus de Nazaré</i> <i>Deus eterno verdadeiro (bis)</i> <i>Jesus Cristo é o Rei da Glória</i> <i>Salvador do mundo inteiro</i> <i>Ele mais São Benedito</i> <i>É o nosso Padroeiro.</i>	1º Marcha <i>Glorioso São Benedito,</i> <i>aonde é que vós está;</i> <i>Seus devotos estão lhe chamando;</i> <i>E não se cansa de lhe chamar.</i>

c) Parte 3 - Entrada do rei para o fronte

Conceição da Barra Mestre: Tertolino Balbino	Bongado Mestre: Vantuil Gomes
<i>São Benedito nós estamos aqui</i> <i>Pra cumprir com nosso dever</i> <i>Nós queremos a sua benção</i> <i>Vós meu santo vem nos benzer (bis)</i> <i>O nosso menino Deus</i> <i>Prostrado na Santa Cruz</i> <i>Nós estamos em vossos pés</i> <i>Socorrei ó meu Jesus</i> <i>No vosso trono celeste</i> <i>O vosso nome é São Benedito</i> <i>Socorrei os seus devotos</i> <i>Glorioso São Benedito</i>	2º Marcha <i>São Benedito falou</i> <i>Os anjos respondeu amém,</i> <i>Devoto que é devoto</i> <i>Não nega fala a ninguém.</i>

d) Parte 4 - Entrada para a volta do contraguia

Conceição da Barra Mestre: Tertolino Balbino	Bongado Mestre: Vantuil Gomes
<i>São Benedito está pedindo meus devotos</i> <i>Vocês têm paciência (bis)</i> <i>Aqui no nosso lugar</i>	Reunida na parte sete.

<i>O povo faz o que quer E não dá obediência.</i>	
---	--

e) Parte 5 - Volta para a corrida do contraguia

Conceição da Barra Mestre: Tertolino Balbino	Bongado Mestre: Vantuil Gomes
<i>São Benedito e Jesus Cristo Meu santo vos dá um jeito Aqui no nosso lugar O povo faz o que quer E esquece o nosso direito (bis)</i>	Reunida na parte sete.
<i>São Benedito responde Meus devotos prestem atenção Que nos vamos dar um jeito Com a virgem da Conceição Que nós temos todos poderes E ele está em nossas mãos</i>	

f) Parte 6 - Corrida de contraguia

Conceição da Barra Mestre: Tertolino Balbino	Bongado Mestre: Vantuil Gomes
<i>Abre praça arreda povo Que nos já estamos chegando (bis) Vamos ver São Benedito e Jesus Cristo Que está nos esperando</i>	Reunida na parte sete.
<i>Aqui estão os seus devotos Com amor e alegria Rogando a Jesus Cristo O filho da Virgem Maria</i>	

g) Parte 7 - Entrada do contraguia

Conceição da Barra Mestre: Tertolino Balbino	Bongado Mestre: Vantuil Gomes
---	----------------------------------

<i>São Benedito nós estamos aqui E vós meu santo já está sabendo Eu quero que vós nos conte O que está acontecendo (bis)</i> <i>Ganai a mim, Zambí uê e, e São Benedito está sabendo O que ia acontecer</i>	<i>1º) Reis Bamba chegou agora Ele é muito impertinente Vem fazendo muita zuada No meio de tanta gente.</i> <i>2º) No combate de Reis bamba Mas Reis Congo 'tá preparado Ele é um Reis poderoso Mas você vai ficar do nosso lado.</i> <i>3º) Reis de Congo já falou: Que tudo pode acontecer No combate dessa guerra Eu quero ver quem vai vencer.</i> <i>4º) Reis de Bamba e seu vassalo Já danado pra brigar Eu quero ver o valentão; Pra agüentar com meu azar.</i> <i>5º) Eu vou pedir São Benedito E mastro de São Sebastião Pra dá saúde seus devotos E todos os povos da nação.</i>
---	---

h) Parte 8 - Volta para as embaixadas

Conceição da Barra Mestre: Tertolino Balbino	Bongado Mestre: Vantuil Gomes
Reunida em discursos e embaixadas.	Não tem

i) Parte 9 - Embaixadas dos reis

Conceição da Barra Mestre: Tertolino Balbino	Bongado Mestre: Vantuil Gomes
Descrita em discursos e embaixadas.	Não tem

j) Parte 10 - Três guerras

Conceição da Barra Mestre: Tertolino Balbino	Bongado Mestre: Vantuil Gomes
<i>1ª guerra</i> <i>Oi guerra! Nós vamos guerrear</i> <i>Que a nossa hora é esta (bis).</i> <i>Vamos pegar o Reis de Bamba</i> <i>Que ele está querendo tomar</i> <i>Conta desta festa.</i> <i>2ª guerra</i> <i>Avança soldado avança</i> <i>Vamos dar tiro pra valer (bis)</i> <i>Vamos pegar o Reis de Bamba</i> <i>E botar ele pra correr</i> <i>3ª guerra</i> <i>Oi guerra! Reis de Congo eu não posso</i> <i>acreditar (bis)</i> <i>Que Reis de Bamba voltou</i> <i>E está querendo guerrear</i>	<i>1º) Essa guerra de Reis Congo</i> <i>Agora que eu quero ver</i> <i>Estamos todos preparados</i> <i>Quero ver quem vai vencer</i> <i>2º) Agora saudade agora, é hora</i> <i>Que eu quero ver</i> <i>Se Reis Congo é valentão</i> <i>Bota ele pra correr</i> <i>3º) Reis de Bamba está dizendo</i> <i>Que já anda preparado</i> <i>Pra brigar com Reis de Congo</i> <i>Precisa ser batizado.</i>

l) Parte 11 - Batizado do Rei Bamba

Conceição da Barra Mestre: Tertolino Balbino	Bongado Mestre: Vantuil Gomes
Descrita em discursos e embaixadas.	Descrita em discursos e embaixadas.

m) Parte 12 - Impire

Conceição da Barra Mestre: Tertolino Balbino	Bongado Mestre: Vantuil Gomes
---	----------------------------------

<i>Rezemos esse nosso Empire Fazendo nossa obrigação Rogando a São Benedito E a virgem da Conceição.</i> <i>A virgem da Conceição E o nosso menino Deus Quero saber de Reis de Bamba O que foi que aconteceu.</i> <i>O que foi que aconteceu Reis de bamba não quis falar Reis de Congo foi quem venceu E obrigou a ajoelhar.</i> <i>Reis de Bamba ajoelhou E mandou o seu soldado Reis de Bamba perdeu a guerra E ainda foi batizado.</i>	<i>1º) Ajoelha povo devoto Vamos cumprir com o nosso dever São Benedito está contente Mas ele vem, a receber.</i> <i>2º) Eu vou pedir a São Benedito Com prazer no coração Valer Nossa Senhora Mãe Virgem da Conceição.</i> <i>3º) São Benedito está pedindo Para fazer o sinal da cruz O impire nós já rezamos Para sempre, amém Jesus.</i>
--	---

n) Parte 13 - Volta do corpo do baile com os versos

Conceição da Barra Mestre: Tertolino Balbino	Bongado Mestre: Vantuil Gomes
<i>São Benedito foi no céu La aonde está Jesus Quando ele veio trouxe um Rosário E os anjos vieram trazendo uma cruz (bis)</i> <i>Os anjos trouxeram uma cruz Jesus Cristo foi quem mandou Pra benzer os seus devotos Por causa dos “falador”</i>	Verso de Ticumbi <i>Glorioso meu São Benedito Tenha pena e dó de mim Com prazer muita alegria Eu vou cantar seu Ticumbi.</i>

o) Parte 14 - Volta do Ticumbi com os versos

Conceição da Barra Mestre: Tertolino Balbino	Bongado Mestre: Vantuil Gomes
---	--

<i>Eu fiz um pedido a São Benedito Eu tenho que ver o resultado Vos olhai estes falador Encurta a língua destes malvados Porque quem se mete na vida dos outros Está prometendo um grande pecado (bis)</i> <i>Está prometendo um grande pecado São Pedro do Céu ele está olhando Quando esta alma chegar no céu São Pedro vai logo despachando Esta alma no céu não vai São Pedro volta elas todas pra trás</i>	Verso de corpo de baile Discante <i>1º) O meu São Benedito No seu trono assentado Com o seu livro na mão Seu cajado do lado.</i>
---	--

p) Parte 15 - Roda grande

Conceição da Barra Mestre: Tertolino Balbino	Bongado Mestre: Vantuil Gomes
<i>Eu vou perguntar ao Prefeito Por que é direito meu (bis)</i> <i>Cadê o nosso CD Que ele nos prometeu</i> <i>Por isto eu estou perguntando Porque eu quero saber (repete)</i> <i>Foi ele quem prometeu Cadê nosso CD</i> <i>De 166 reais.</i>	<i>1º) Vamos votar minha gente Vamos mudar de prefeito Que as coisas vão melhorar Só esse pode dá jeito.</i> <i>2º) Estou cansado de promessa É coisa que eu acho feio Vai acabar seu mandato Não faz o asfalto outra vez.</i>

q) Parte 16 - Marcha de retirada ou Marcha final

Conceição da Barra Mestre: Tertolino Balbino	Bongado Mestre: Vantuil Gomes

<i>Vamos reunir devotos</i> <i>Vamos chegar mais perto</i> <i>Vamos rogar São Benedito</i> <i>Pra ver se tudo dá certo.</i>	Não tem.
--	----------

3.4 - DISCURSOS E EMBAIXADAS NOS *BAILES DOS CONGOS* DE SÃO BENEDITO

No *baile dos congos* os papéis encenados e desempenhados pelos *secretários* dos *reis*, tanto de *Congo* quanto de *Bamba*, segundo Arquimino dos Santos, popularmente conhecido como Quino, é *defender os seus reis*, atender as solicitações e as *ordens* dos mesmos, transmitir suas *mensagens* e pronunciar as *embaixadas*. Neste inventário, ao observamos *ensaios finais* e a apresentação de três *bailes dos congos para São Benedito* (o de Conceição da Barra, o do Bongado e o de Angelim Porto dos Tocos), verificamos que o *Rei de Congo* e seu *secretário* se sobrepõem ao *Rei de Bamba* e seu *secretário*. O ritual está estruturado para que se represente uma *guerra* onde o *Rei de Congo* saia vitorioso. Na luta discursiva ali representada, o *Rei de Congo* e seu *secretário* levam vantagens e, após vencerem a *guerra*, realizam, por meio do emprego da força, o *batismo do Rei de Bamba*. Trata-se da encenação de um fato que tem seus fundamentos na história da diáspora africana no Brasil, pois, desde que se estabeleceram relações entre comerciantes e traficantes de escravizados no eixo Portugal, África e Brasil, aqueles que eram derrotados nas guerras ocorridas entre diferentes povos africanos se tornavam prisioneiros e poderiam ser comercializados como escravos com os traficantes. Ao chegar no Brasil, esses africanos, entre os quais existiram reis, rainhas e princesas, eram batizados através do uso da força.

No dia da festa de São Benedito celebrada pelos *congos*, no primeiro dia do ano, eles saem em marcha da casa do mestre Tertolino pelas ruas de Conceição da Barra até à igreja de São Benedito. Todos estão paramentados com vestes (batas e calças) brancas, calçados da mesma cor e capacetes enfeitados com flores e fitas coloridas. Os *Reis de Congo* e de *Bamba*, bem como seus *secretários* (embaixadores), estão paramentados com vestes da mesma cor e com uma longa manta colorida estendidas de seus ombros até cerca de vinte centímetros acima de seus calcanhares.

Depois de participarem da missa celebrada na igreja de São Benedito, o ritual do *baile de congos* foi celebrado na rua em frente à igreja, tendo iniciado com a *marcha de entrada*, composta de dança e a música. A música da marcha de entrada foi anteriormente descrita neste relatório.

Após a apresentação da *marcha de entrada*, o *Rei de Congo* e seu *Secretário* estabelecem um diálogo que revela que o *baile de congos* é um ritual ao ar livre, que emociona e encanta o público presente. Trata-se de encenações de embates entre os reinos do Congo e de Bamba para estabelecer qual deles teria a primazia e a exclusividade na realização da festa do *glorioso* São Benedito. O poder dos reis para realizar a festa se apresenta como um símbolo demarcador de *status* social, de prestígio diante dos cristãos europeus e de poder sobre os reinos vizinhos, sobretudo os não cristianizados. Neste embate teatral, trata-se da encenação ou, como dizem os nativos, da *representação*, de um fato histórico e etnocêntrico, que é o de demonstrar o Rei de Congo, convertido ao cristianismo na relação com os colonizadores, como aquele que, mesmo tendo número menor de *guerreiros* que o Rei de Bamba, vence a guerra pela intervenção do Deus dos europeus. Estabelecer relações com o poderoso Deus dos colonizadores europeus, que em sua perspectiva lhes conferia o poder de colonizar, fez de São Benedito – um etíope afro-italiano –, na perspectiva dos *congos*, um semi-Deus, ou, como diz o *Rei de Congo* no diálogo a seguir, *o nosso onipotente*. Deste modo, cabe ao secretário do reino do congo fazer o discurso de abertura da festa e preparar o que denominam, na terceira parte, de a *entrada do rei para o fronte*.

Secretário do Rei de Congo:	<i>Licença senhor paciência!</i> <i>Eu peço que a excelência o povo cala</i> <i>Enquanto o Rei de Congo</i> <i>chega nesta praça e fala!</i> <i>Me vala valoroso Rei de Congo!</i> <i>Rei de Congo assim chamado,</i> <i>que foi Rei em Costa D'África</i> <i>E que em Guiné foi apresentado.</i> <i>Me vala o nome do valoroso Rei de Congo!</i> <i>Hoje aqui neste dia,</i> <i>que vós sois o Rei mais velho</i>
-----------------------------	---

	<i>e de grande soberania.</i>
Rei de Congo:	<i>Secretário, secretário!</i>
Secretário do Rei de Congo:	<i>Rei senhor, pra que chamastes?</i>
Rei de Congo:	<i>Hoje será um dia próprio, pra nós chegar com nossa gente, pra festejar São Benedito, que é o nosso onipotente?</i>
Secretário do Rei de Congo:	<i>É sim senhor, senhor meu Rei.</i>
Rei de Congo:	<i>Secretário, secretário!</i>
Secretário do Rei de Congo:	<i>Rei senhor, pra que chamaste?</i>
Rei de Congo:	<i>Eu avisto um palácio, todo cercado de luz. Será por acaso, onde está São Benedito E o nosso Menino Jesus?</i>
Secretário do Rei de Congo:	<i>É, sim, senhor, senhor meu Rei. E pelo jeito que estou vendo, colocado naquela cruz. É onde está São Benedito E o nosso menino Jesus.</i>
Rei de Congo:	<i>Eu sinto em lhe responder, embora me desse um prazer. Uma missa de madrugada Hoje eu vou mandar dizer.</i>
Secretário do Rei de Congo:	<i>Uma missa de madrugada é uma missa preciosa, foi quando o ventre sagrado teve Deus salustriado Nossa Virgem tão formosa, em hora regenerô e antes de romper o dia nasceu nosso redentô.</i>
Rei de Congo:	<i>Nos ajoelhamos meu secretário e rezamos José e Maria. Bem vindos o nascimento antes de nascer o dia.</i>
Secretário do Rei de Congo:	<i>Senhor, senhor meu Rei, tratamos de ajoelhar, fazemos</i>

	<i>nossa oração e primeiro pelo sinal.</i> (O secretário e o rei de Congo se ajoelham e encenam uma reza).
Rei de Congo:	<i>Se alevanta, secretário! Pelas horas que rezastes, ganhastes a graça Divina. Dá-me a mão e alevantai.</i> (Neste momento, o secretário e o rei dão-se as mãos e levantam-se).
Rei de Congo:	<i>Secretário, secretário!</i>
Secretário do Rei de Congo:	<i>Rei senhor, pra que chamastes?</i>
Rei de Congo:	<i>Eu venho cansado, venho cansado e aflito.</i> <i>Será que não acho um assento de cadeira</i> <i>que eu possa me descansar perto do violeiro,</i> <i>ao lado de São Benedito?</i>
Secretário do Rei de Congo:	<i>Sim, senhor, senhor meu Rei.</i> <i>Mandei pedir no Palácio do Planalto</i> <i>e a resposta veio ligeiro.</i> <i>Dizendo que lá têm muitas,</i> <i>pra aqueles que lá nasceram.</i> <i>Que as que têm, tão ocupadas,</i> <i>por mentirosos, corruptos,</i> <i>gananciosos e caloteiros.</i> <i>Então mandei ver na escola</i> <i>e logo me atenderam.</i> <i>Coitada das professoras,</i> <i>que são de classe tão sofrida,</i> <i>mas educam o mundo inteiro.</i> <i>Foram na sala da diretora,</i> <i>pegaram uma linda cadeira,</i> <i>está ao lado de São Benedito</i> <i>e perto do violeiro.</i> <i>Meu rei pode se descansar</i> <i>seu descanso derradeiro.</i>

Os principais discursos pronunciados no *baile*, ao que verificamos acima, além de fazer referência ao nascimento de Jesus Cristo, têm também um conteúdo eminentemente político de denúncia da corrupção, do descaso dos poderes públicos em relação à educação.

A última parte do discurso acima ilustra a presença da imagem de São Benedito, que nos *ensaios gerais* e no *dia da festa* são colocadas sobre uma mesa em lugar de destaque. Ali próximo se coloca o violeiro, sendo também o local escolhido pelo *Rei de Congo* para

construir sua visibilidade. Assim, a visibilidade dos símbolos sagrados é uma porta de entrada pra a construção da visibilidade dos símbolos políticos. Após solicitar ao seu *secretário* que providencie um lugar para ele ao lado do *glorioso* e *onipotente* São Benedito, o Rei continua:

Rei de Congo:	<i>Senta seu secretário Longe de mim não ficai Para escutar as ordens Quando eu por ti chamá-lo.</i>
Secretário do Rei de Congo:	<i>Esse baile se aprecia Todo cheio de alegria, Com os instrumentos tocando As mais linda melodias.</i> <i>Os congos dançando, tocando, cantando e encantando, com suas mãos para o alto pedindo paz para o mundo.</i> <i>Louvando a São Benedito Saudando quem aprecia Do lado do meu rei No lugar onde eu queria...</i>

Após essas *mensagens*, que marcam a abertura do *baile*, o *secretário do reis congo* se coloca de pé ao lado de seu *rei*. Enquanto isso, os *congos* apresentam várias canções em louvor a São Benedito.

Nas *demandas* entre as realezas africanas, encenadas no *baile*, ocorrem *embaixadas*. O *secretário do Rei de Congo* apresenta sua primeira *embaixada* ao repreender os *congos*, que estão, segundo o *secretário*, *fazendo arruaça*, porque, enquanto *guerreiros do Rei de Bamba*, insistem em fazer a festa de São Benedito, sem a autorização do *Rei de Congo*, que é quem tem a atribuição exclusiva para tanto, visto que já havia se convertido ao catolicismo.

Secretário do Rei Congo:	<i>Para! Para! Para! Que aqui não é butiquim e nem bazar. Vocês não podem fazer festa, enquanto meu rei não mandar.</i> <i>Oh senhor meu rei! Se o senhor visse o que estou vendo,</i>
--------------------------	---

	<i>que só de ódio, o meu sangue está fervendo, mas se o senhor mandar ver eu vou e se eu topar algum atrevido, querendo me fazer gatimonha eu trago preso e amarado, pro senhor ser conhecedor.</i>
Rei Congo:	<i>Secretário, Secretário!</i>
Secretário do Rei Congo:	<i>Rei senhor, pra que chamaste?</i>
Rei Congo:	<i>Você vai no trono do Rei de Bamba, venera com cortesia; porque ele é um Reis mais velho, de grande soberania.</i> <i>Você fala a ele, que a festa do glorioso São Benedito ele não faz, nem tão pouco há de festejar. Enquanto meu peito resistir e esta floreosa espada clarear, eu hei de dar tamanho golpe, que pedaço há de voar.</i>
Secretário do Rei Congo:	<i>Sim senhor, senhor meu rei! Agora mesmo eu irei, que eu sou o seu vassalo, e o senhor é o meu rei.</i> <i>Um mandado do senhor, com todo gosto eu farei e o Rei de Bamba vai ver o quanto ele vai pagar se acaso ele desacatar, as ordens de um grande rei.</i>
O secretário do Rei Congo, grita:	<i>O povo devoto! Repica seus instrumentos, afina suas gargantas, canta uma linda toada, que o povo quer ouvir, eu tomar a benção do meu rei, pra eu poder seguir.</i>

O *secretário do Rei de Congo* encena estabelecer as ordens da festa e, em atendimento a sua solicitação, os *congos* cantam uma linda toada a que ele se refere. Enquanto os *congos* tocam as toadas ao som dos pandeiros e da viola, o secretário entra no círculo dançando com sua espada na mão. A *toada* só se encerra quando o secretário conclui a dança e se ajoelha aos pés do rei para receber a benção e as ordens, como segue:

Rei Congo:	<i>Abençoado seja de Deus, também da Virgem Maria. Glorioso São Benedito e a Virgem da Conceição, que há de ser a sua guia.</i>
O secretario do Rei Congo, se levanta e fala:	<i>Já tomei a benção do meu rei, já estou abençoado. Com fé em glorioso São Benedito e na Virgem da Conceição e com esta espada na mão, eu enfrento a qualquer parada.</i> <i>Óh, povo devoto!</i>

	<i>Repica seus instrumentos e toca uma linda canção, que faz o povo aplaudir e eu quero ver o Rei de Bamba se ele garante o que diz.</i>
--	--

O *secretário do Rei de Congo*, após falar com seu *rei*, recebeu dele expressa autorização para *proibir ao Rei de Bamba* a fazer a festa do glorioso São Benedito.

Em seguida, os congos voltam a tocar seus pandeiros, enquanto o *secretário*, com uma dança cheia de pompa e com sua espada na mão, atravessa um círculo formado pelos demais *congos* (que estão tocando seus instrumentos) para, em seguida, fazer suas embaixadas. Vemos então, que o *baile de congos* é uma dança de guerra, pois ao se aproximar do *Rei de Bamba*, o mesmo *secretário* risca a espada no chão e diz:

Secretário do Rei Congo:	<i>Licença Rei de Bamba, licença queira nos dar, Que eu tenho ordem por escrita, pra no seu palácio entrar.</i>
--------------------------	---

Em seguida, o *secretário do Rei de Bamba* autoriza a entrada do *secretário do Reino do Congo*, também declamando uma poesia que denominam *embaixada*.

<i>Secretário do Rei de Congo:</i>	<i>Rei de Bamba!</i> <i>O meu e o seu poderoso Rei de Congo,</i> <i>Rei de Congo assim chamado,</i> <i>Que foi rei em malfadácia</i> <i>Que nem foi apresentado.</i> <i>Por mim mandou dizer</i> <i>Que a festa do glorioso São Benedito</i> <i>Você não há de fazer</i> <i>E nem de tão pouco festejar</i> <i>Enquanto o peito dele resistir</i> <i>E aquela gloriosa espada clarear</i> <i>Se gosta ou não gosta, o pedaço é de voar...</i> <i>Rei de Bamba!</i> <i>Eu ia te dizer muitas coisas</i> <i>Mas, em fim, não digo nada.</i> <i>Simplesmente vou te dizer</i> <i>O passado dessa espada.</i> <i>Rei de Bamba!</i> <i>Essa espada era do meu tataravô,</i> <i>Que morreu faz trezentos anos</i> <i>Ficou com meu bisavô.</i>
------------------------------------	---

	<i>Meu bisavô também se foi Passou para o meu avô, Meu avô foi convocado Para o Ticumbi do senhor.</i> <i>Então passou para meu pai Meu pai muito lutou Venceu batalhas sangrentas Até quando Deus chamou.</i> <i>Aí passou para o mestre O mestre pra mim passou Pra eu ser igual a ele Seja aqui, seja acolá! Seja que lugar eu for. Eu venci todas as batalhas Por ordem do criador...</i>
--	--

Ao final dos embates, o reino de Bamba é dominado pelo de Congo e seu rei é submetido ao rei de Congo pelo batismo. Depois do batismo, o rei de Congo convoca o rei de Bamba como amigo e como irmão para sentar ao seu lado, mas o rei de Bamba afirma que só se submeteu porque não teve condições de enfrentar o poderio do rei de Congo.

3.5 - INSTRUMENTOS DOS *BAILES DOS CONGOS* DE SÃO BENEDITO

No passado, segundo Terto, entre os instrumentos do *baile dos congos* estavam os *pandeiros*, a *viola* e o *ganzá*. Com o passar do tempo, o *ganzá*, não se sabe porque motivo, deixou de fazer parte do *baile*. Por outro lado, devido a uma promessa de Chico D'Antas (que era de Alagoas e havia migrado com seus pais para a região ainda criança), de “*se tornar um cativo de São Benedito até sua morte*”, a *viola* se firmou entre os instrumentos tocados no *baile*. Essa introdução da *viola* entre os instrumentos do *baile* ocorreu na primeira metade do século XX, pois, segundo Terto, quando ele assumiu a liderança do grupo em 1954, Chico D'Antas já a tocava e estava entre os integrantes mais antigos do grupo. Chico D'Antas faleceu em 1979 e, segundo Medeiros (1986), com 84 anos de idade e 65 de violeiro do Ticumbi. Outras fontes, como a Revista de Folclore, afirmaram que o

mesmo violeiro acompanhou a brincadeira por mais de 40 anos, tendo José Felipe dos Santos sido seu sucessor.

O outro instrumento comum a todos os *bailes de congos* do Sapê do Norte é o pandeiro. Segundo Benedito Batista, artesão que fabrica os pandeiros do *baile dos congos* de São Benedito de Conceição da Barra, o pandeiro fabricado artesanalmente *tem um som mais apurado* do que os adquiridos da indústria de instrumentos musicais. O pai de Benedito, Izalino Batista, era *congo no baile* de Manoel Sapucaia, o que, segundo ele, teria lhe motivado a participar do atual *baile de congos* de São Benedito liderado por Tertolino. A partir de então, ele passou a fazer o seu pandeiro artesanalmente e, depois, todo o grupo entendeu que os pandeiros de todos os integrantes deveriam ser produzidos artesanalmente pelo mesmo artesão. Nos *bailes dos congos* de São Benedito que se apresentam em Itaúnas, alguns integrantes usam pandeiros fabricados artesanalmente e outros tocam aqueles adquiridos no mercado dos instrumentos musicais industrializados.

3.6 – MEMÓRIAS E CANÇÕES DOS *BAILES DOS CONGOS* DE SÃO BENEDITO NA REGIÃO DE ITAÚNAS

Os *bailes dos congos* de São Benedito existentes na vila de Itaúnas e região, segundo a memória social local, são todos originários do mesmo tronco. Os *bailes dos congos* de São Benedito do Bongado e o do Angelim (criado recentemente) têm sua procedência nos africanos e seus descendentes escravizados na fazenda do Barão de Timbuí ou, segundo as acepções locais, *na senzala do Barão de Timbuí*. Entretanto, o dono do *baile dos congos* de São Benedito de Itaúnas, afirma que seu baile nasceu na vila de Itaúnas Velha, contestando as afirmações dos demais mestres e donos de baile da região, inclusive o mestre de seu próprio baile.

Segundo os relatos da memória social dos mestres e *congos*, dos três bailes em questão percebemos que o mais antigo é o *baile de congos* de São Benedito do Bongado. Cabe observar que não estamos apresentando uma ordem de importância, legitimidade ou qualidade das brincadeiras, mas apenas estamos relatando as informações, apresentando-as dentro de uma ordem cronológica. Deste *baile*, teria se originado o *baile de congos* de

Itaúnas devido a divergências ocorridas entre alguns membros do primeiro *baile* e, posteriormente, por outros desentendimentos, o *baile* de Angelim.

Os mestres atuais, que moram na vila de Itaúnas e nos seus arredores, afirmam que a procedência do *Ticumbi* ou *baile de congos* é do Sertão de Itaúnas, sobretudo do que hoje denominam Córrego de Santa Isabel, onde ainda se encontram as ruínas da casa do Barão de Timbuí.

A esse respeito, apresentamos a seguir uma parte da entrevista de Vantuil Gomes (52 anos), filho de Nelson Gomes (Rei de Congo no *baile de congo de São Benedito* do Bongado). Vantuil é o atual mestre no *baile dos congos* de São Benedito do Bongado, onde brinca desde os 20 (vinte) anos de idade.

Eu sou Vantuil Gomes. Hoje em dia eu vivo aqui na vila de Itaúnas. Eu sou neto do Ticumbi do Bongado e tenho minha equipe que trabalha com a gente, né? Que é o meu pai, Nelson Gomes, e meus amigos. Meu pai está com oitenta e dois anos de idade, eu estou com cinquenta e dois anos. Tenho uma média de trinta e poucos anos que brinco no Ticumbi do Bongado. Eu, como mestre, sou responsável pela brincadeira de São Benedito e to aí pro que der e vier. Todo ano, nós estamos nesse mesmo batido, brincando sempre. (...) Eu nasci, me criei no interior do município de Conceição da Barra, num lugar chamado Nestor Gomes. De Nestor Gomes me mudei pra aqui, pro Córrego de Santa Isabel, onde foi fundado o baile do Ticumbi do Bongado. Na época, quando o Ticumbi foi fundado, tinha o Barão do Timbuí, que tinha muitos escravos dele e daí foi onde surgiu esse baile do Ticumbi do Bongado. Há mais de duzentos anos atrás o baile de congo existe. Então, daí vão passando de pai pra filho, sabe? Uns foram morrendo, outros foram ficando, foi renovando a brincadeira e até que hoje em dia, está assim, a responsabilidade veio sobre mim, o progresso do Ticumbi do Bongado. Então, sei contar um pouquinho da história de São Benedito, como ele veio pra aqui pro nosso Brasil. Isso veio trazido lá da África, não é brasileiro o Ticumbi, não é brasileiro. Veio de lá pra cá, entendeu? E daí, foi fundado aqui no Córrego Santa Isabel, que naquela época esse lugar era do Barão de Timbuí. Existia assim esse baile de congo do Ticumbi do Bongado. Então, quero dizer que o baile de congo do Ticumbi do Bongado, isso já vem a muitos anos, muito mesmo. (...) Bongado é o nome do lugar, entendeu? Porque então, o mestre do Bongado, o nome dele era Pedro Bongado, sabe? Porque ele nasceu nessa região que chamava Bongado. Pedro Bongado era o pai do Cassimiro, o pai do Seu Antônio, que mora aqui em Itaúnas, conhecido como Antônio Bongado, entendeu? E assim e por aí vem esse tipo de coisa (Vantuil Gomes, 52 anos. Itaúnas, 20/01/2008).

Segundo Vantuil, ele e os demais integrantes do *baile de congos* do Bongado *trabalham* para São Benedito e São Sebastião e desde o tempo em que moravam na região da comunidade de Santa Isabel, eles vinham para Itaúnas Velha (que hoje está soterrada

pela areia) para fazer a festa para esses santos. Entretanto, desde então, São Benedito, o padroeiro dos *congos*, não tem casa própria em Itaúnas e em Conceição da Barra, pois *tem que morar na igreja de outros santos*. Semelhante aos *congos quilombolas*, São Benedito vem sendo expulso e expropriado de seus territórios, passando a depender da solidariedade e da compaixão de outros santos e devotos para não viver abandonado em espaços invisíveis e até ser desprezado em uma caixa de lixo, como veremos a seguir.

O nosso padroeiro morava junto com São Sebastião na igreja. E essa imagem de São Benedito que nós festejava ele há muito anos atrás, sabe, isso aí desde... que nem do meu tempo era. Essa imagem, hoje em dia, ela vive lá em Santana. Vive com um senhor lá em Santana, essa imagem que nós festejava, São Benedito, ele era de Itaúnas Velha. Aí, com o negócio de mudança de padre, porque padre da igreja sai esse, vai embora e vem outro, né? Então, o padre que chegou lá na igreja lá de Itaúnas Velha, chegou lá e topou São Benedito junto com São Sebastião e não quis aceitar São Benedito na igreja, viu? Pegou São Benedito da igreja de Itaúnas Velha e levou lá pra Conceição da Barra e colocou lá na capela, lá na sacristia. De lá, o padre pegou São Benedito colocou na caixa de lixo pra jogar no mato, entendeu? Aí, um homem, um senhor que mora aqui no... à frente um pouquinho do Córrego Santa Isabel, esse homem era chamado de Biduca, esse senhor velho era muito devoto a Benedito, foi lá na Barra e pediu ao padre o São Benedito. Ele ia jogar o São Benedito fora, então pediu que desse o santo pra ele. Aí o padre pegou e deu. Aí, ele pegou e trouxe aquele santinho e fez uma capela pra ele lá na roça, no Córrego Santa Isabel, entendeu? E aí dentro da roça nós ficamos cultivando e brincando lá. Lá e aqui. Aí depois ele mudou da roça e foi pra Pedro Canário e levou o São Benedito pra Pedro Canário. Depois de Pedro Canário ele voltou e veio pra Santana, mas onde São Benedito estava, nós estava junto fazendo festa pra ele. Fazia festa em Itaúnas e fazia festa lá em Santana, onde estava São Benedito. Depois que esse velho morreu, São Benedito passou para o filho dele e o filho dele hoje em dia, tomou o São Benedito de nós. Não deixou mais nós ficar com São Benedito. Através de outro Ticumbi novo, que entrou agora aí, que acabou de apresentar ali agora, viu, teve muita picuinha, tomou o São Benedito de nós. Nós, pra brincar com São Benedito, arrumamos outro São Benedito. Mas sempre com o Bongado, nunca morreu o Bongado. Antigamente, tinha um grupo só de folclore, quando eu alcancei. Aí, o São Benedito hoje em dia, essa imagem, não convive mais com nós, não, está com eles lá. Então, mas mesmo assim, com certeza o Bongado, tá aí vivo aí, todo mundo vendo o nosso trabalho, viu? Todo ano no aniversário de outubro, nós temos nosso galpão lá na Areia Branca, porque lá onde foi fundado, não tem mais como, nós nos mudamos pra aqui, sabe? Mais pra perto um pouco, mas todo ano eu tô aí na luta. Todo aniversário de outubro nós temos ensaio e no dia vinte de janeiro apresentamos na vila a brincadeira nossa que era só brincadeira de São Benedito e São Sebastião. Mas nosso mesmo, padroeiro velho nosso não está com nós (Vantuil Gomes, Itaúnas, 20/01/2008).

O mestre Vantuil, juntamente com Anísio Bongado (violeiro do *Ticumbi*), são os compositores das canções, *marchas e trovas* de seu *baile de congos*. Vantuil, o primeiro compositor, afirma que se inspirou em sua fé em São Benedito para compor a *marcha* a seguir:

Glorioso São Benedito eu viajei voltei pra'qui, ei... (bis).
Vamos preparar devoto, quem é bom tem que existir, ei... (bis).

Ai, glorioso Benedito, senti hoje a terra tremer (bis).
Devoto presta atenção, quem vive no mundo a sofrer (bis).

Os *congos*, em suas canções, estão sempre estabelecendo relações de São Benedito com outros santos e divindades, o que pode ser interpretado que as criações culturais na cosmologia religiosa nunca nutrem o isolamento, mas sempre a interação cultural dos próprios congos e quilombolas, como se verifica, a seguir, na *trova para São Benedito e São Mateus* composta por Anísio Bongado.

São Benedito
Me leva pelo amor de Deus
Vamos fazer nossa chegada
Na igreja de São Mateus.

Cabe ressaltar que toda interação social implica em desentendimentos e conflitos, e que estes são as evidências de que toda produção cultural não é resultado do isolamento, mas da interação social. Deste modo, com o primeiro desentendimento entre os integrantes do antigo *baile de congos* de São Benedito do Bongado, que fazia festa para São Benedito no dia 19 de janeiro, surgiu o *baile de congos* de Itaúnas que passou a fazer festa para São Sebastião, no dia seguinte. Dessa cisão, segundo os comentários dos moradores da região, não especificamente dos *quilombolas*, São Benedito teria passado a ser considerado *o santo dos pretos* e São Sebastião, *o santo dos brancos*. Para fugir dessa classificação, conforme observamos no ensaio geral e na descida do rio Itaúnas do *baile* do Bongado, São Benedito é o padroeiro dos *congos* e acompanha os ensaios e a descida do rio, mas ao chegar na vila, São Sebastião, *o dono da casa* (da igreja) é levado pelos devotos para recepcionar São Benedito, como se verifica na *trova* a seguir, que ouvimos na festa de Itaúnas nos anos de 2008 e 2009.

*São Benedito mais São Sebastião
Ticumbi do Bongado
Só brinca com muita devoção.
Vamos louvar São Benedito
e mais São Sebastião.*

No dia 20 de janeiro, como acontece todos os anos, é a tradicional festa de São Sebastião, quando ocorre a apresentação ou a *representação* do *baile de congos* de Itaúnas. A festa reúne os devotos da vila e das localidades do entorno. Entretanto, cabe lembrar que o fato de o *baile de congos* de Itaúnas ocorrer no dia de São Sebastião não significa que ele seja deste santo, mas em homenagem ao mesmo santo, visto que, segundo José Batista Souto, o popular Juca de Dorota, mestre do referido *baile*, São Benedito é o padroeiro do *baile de congos* de Itaúnas.

Osvaldo: Você é do Ticumbi de Itaúnas. Qual é o padroeiro dele?

Juca: *São Benedito*.

Quanto às cantigas para São Benedito no mesmo *baile*, segundo o referido mestre, quase todas as músicas se referem a este santo. Essas músicas estão sempre solicitando a colaboração do santo para resolver problemas que os *congos e devotos* se sentem impotentes para solucioná-los, como é o caso da violência mencionada no verso cantado por Juca a seguir:

*Glorioso Benedito
Devoto tem paciência,
Vou pedir a Deus do Céu
Pra acabar com a violência...*

Na reprodução e recriação das diferenças, vão surgindo e emergindo novos grupos, como é o caso do *baile de congos* de São Benedito em Angelim Porto dos Tocos. Ângelo Camillo, conhecido como Seu Caboquinho, nascido em 26/04/1940, mestre do Ticumbi do Angelim, explica que o primeiro motivo pelo qual ele e seus colegas de brincadeira escolheram essa localidade para nela criar um *baile de congos*, se deveu ao fato de ali existir uma *comunidade quilombola*.

A gente escolheu o Angelim pra criar um Ticumbi porque aqui em Itaúnas já têm dois Ticumbi. Então, tem essa comunidade aqui na roça, que faz parte dos quilombolas e ela fica meio distante. Aí, a gente fez uns encontros com a diretoria maior (Associação de Folclore de Conceição da Barra) pra ver se dava assim uma permissão pra gente fundar esse Ticumbi lá no Angelim. Aí, graças a Deus, nós fundamos e tanto que você vê que a nossa festa não é agora, a nossa festa é no dia 11 de agosto em homenagem a Santa Clara. Então, nós temos o Ticumbi lá, graças a Deus. Funciona muito direitinho e a gente, se Deus permitir, daqui pra adiante, quanto mais, melhor. (...) O Ticumbi é de São Benedito, então a gente faz homenagem a São Benedito e a Santa Clara, a padroeira da comunidade. (Caboquinho. Itaúnas, 20/01/2008).

O mesmo mestre fala da importância de ter retomado a tradição do *baile de congos* dentro da *comunidade quilombola* do Angelim para retomar e valorizar a cultura dos que nela permaneceram e dos que dela saíram. Entre os que saíram desta localidade, estão os integrantes de sua própria família, como ele, seus irmãos, seus pais e suas tias.

O meu pai era de lá, também. Meus tios, tudo brincava. Meu pai foi sanfoneiro no Ticumbi. Eu retornei o Ticumbi pro Angelim, porque a minha mãe é nascida de lá, minhas tias é tudo de lá mesmo, dali mesmo, sabe? Porque aquilo ali está assim, aquela baixa abandonada como a terra do meu avô, que não foi vendida. Eu tenho documento da terra, mas o fogo queimou. A casa pegou fogo, queimou tudo. Então, o que aconteceu? Essa terra foi perdida e a Aracruz tomou. Encampou tudo o que era nosso. (...) Esse nosso Ticumbi que foi fundado ali, eu tenho fé em Deus que vai adiante (Caboquinho. Itaúnas, 20/01/2008).

Benedito da Conceição Filho, ex-congo do *baile* de São Benedito do Bongado, ex-morador do Córrego Santa Isabel e atualmente no *baile* do Angelim, afirma que, depois de sair do *baile* do Bongado, se aliou a Seu Caboquinho para criação do *baile de congos* do Angelim.

Nós tentamos resgatar outro grupo, fazer outro grupo. Aí Caboquinho me chamou, nós chamemos a comunidade do Angelim pra acolher a gente pra fazer um grupo de baile de congo lá. Aí conversemos com a comunidade, se a gente podia fazer, conversemos com a Associação de Folclore de Conceição da Barra, com as autoridades de lá como é que a gente podia fazer. Nós tivemos o privilégio de ter essa autorização. Aí nós chegemos no Angelim e fiquemos e nós temos a história do Ticumbi. (...) Porque nós que somos de dentro da cultura, nós temos que saber resgatar a cultura. Porque é de pai pra filho, de filho pra neto. Porque hoje você não acha um pai que tem dois filhos brincando. O único que tem sou eu, como tem ele ali (Caboquinho) como prova. O único que tem sou eu, que tenho dois filhos brincando e eu quero passar mais pros outros, mais meus netos. Se Deus me

abençoar e eu estiver vivo, eu vou passar pros meus netos pra não deixar cair, porque a cultura é a raiz que vem de dentro da gente, é memória que você tem. Então, quando você puxa pela sua memória, essa sai mais, né? Então, eu acho que pro norte do Espírito Santo e nós que estamos aqui em Itaúnas, pra nós é um orgulho. Um dia desse é uma alegria pra gente. É dia de receber os amigos, os velhinhos de idade vão se reencontrar pra bater papo. (...) Então, pra nós que mora aqui, somos nascido aqui, pra nós é um imenso prazer. Eu acho que a cultura, a melhor riqueza pro norte do Espírito Santo, pra nós aqui, porque aqui, tudo você inventa um verso. Você tem que resgatar, falar da origem, do que é um santo, o que é a realidade, né? (...) Isso você tem que falar de dentro da sua memória, o que é a raiz do lugar. (...) Então a cultura é um símbolo que a gente tem e muito se espera (Benedito da Conceição. Itaúnas, 19/01/2008).

Nos *bailes de congos* ao redor de Itaúnas não há a exigência de ser *preto* para se tornar um dos *congos dos bailes*. Entre os integrantes destes *bailes* encontramos pessoas que se definem e são definidas a partir de suas aparências físicas, como *pretos*, *brancos*, *indígenas*, *caboclos* e *de origem italiana*, reproduzindo suas percepções no universo do ritual. O caráter da *mistura* visível nos integrantes do *baile de congos* de Itaúnas tem levado alguns folcloristas do Estado do Espírito Santo a apresentar este *baile* como *menos puro*, usando como referência uma *pureza negra* que demarcaria as fronteiras do *baile de congos* de São Benedito dos *pretos*, que se apresenta em Conceição da Barra. Entretanto, na perspectiva dos integrantes dos *bailes* de Itaúnas, seus rituais constituem um patrimônio cultural *quilombola* e de *procedência africana*. Embora suas aparências físicas possam indicar relações sociais de parentesco entre pessoas que se definem e são definidas como *negras*, *pretas*, *brancas* e *indígenas*, afirmam que há uma procedência comum de todos os *bailes de congos* provenientes *da África, das senzalas, do sertão e dos quilombos*. Deste modo, os *bailes dos congos* de São Benedito da região de Itaúnas resistem não pela *pureza*, mas pela interação sócio-cultural entre os diferentes segmentos sociais, fundida na crença e na *fé* depositadas nos poderes de São Benedito e São Sebastião, sobretudo entre as pessoas de baixo poder econômico mas com grande capacidade de expressar seu potencial no reconhecimento, na manutenção e na recriação de suas tradições culturais.